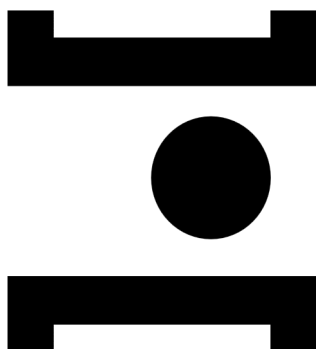


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
Escola Superior de Educação



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

**Fatores determinantes para o sucesso educacional no ensino
médio no Brasil. Estudo de caso numa instituição pública federal**

Trabalho de Projeto

Mestrado em Ciências da Educação/Administração Educacional

Roger Maia Dias Ledo

Orientação:

Maria João Cardona

Janeiro, 2023

Dedicatória

Dedico este estudo aos meus estudantes, tanto àqueles do passado quanto aos do presente e do futuro. Que esse estudo contribua para uma escola local e regional mais justa e com maior equidade de oportunidades.

Agradecimentos

A Deus, fonte da vida e de esperança para uma convivência mais justa.

A meus pais, Ramiro da Silva Ledo e Ivanete Maia Dias Ledo, por me ensinarem o valor da educação e por promoverem um ambiente domiciliar sadio para que me desenvolvesse. Toda minha formação não seria possível sem o cuidado de vocês.

À minha esposa, Rebeca, por estar junto comigo, pelo amor, pelo companheirismo, paciência e compreensão. Te amo!

À minha filha, que mesmo tão nova me inspira a ser uma pessoa melhor. Lídia, obrigado pelos abraços, risadas e pelas vezes que você me diz 'te amo'. Também te amo! Você é um presente dos céus.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, por apoiar a minha participação no mestrado em Ciências da Educação/ Administração Educacional do Instituto Politécnico de Santarém, Portugal. Faço votos para que essa política de formação/qualificação docente permaneça por longos e longos anos.

Aos professores do Instituto Politécnico de Santarém, pelas excelentes discussões, tanto presenciais quanto remotas.

Aos colegas de turma, brasileiros e portugueses, pelas partilhas de história de vida e de experiências.

À Dra. Maria João Cardona, pela orientação e por valiosas sugestões durante a execução desse estudo.

Acrónimos/ Siglas

DF – Distrito Federal

EMI – Ensino Médio Integrado (a cursos técnicos)

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IF – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

LDB – Lei de diretrizes e bases da educação brasileira (Lei 9.394 de 1996)

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PAS – Programa de Avaliação Seriada (para ingresso na Universidade de Brasília)

PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

Resumo

Entender os principais fatores que contribuem para o insucesso educacional nas trajetórias escolares é fundamental para a promoção de uma educação emancipatória, redutora de desigualdades sociais e promotora de oportunidades. Este tema é relevante para o Brasil, visto que o país possui altas taxas de reprovação e abandono escolar, sobretudo no primeiro ano do ensino médio. Realizamos aqui um estudo de caso, com o objetivo de identificar os principais fatores de insucesso educacional em uma instituição de ensino brasileira que oferece ensino profissional associado ao ensino médio. Para isso, realizámos entrevistas semiestruturadas a alunos/as aprovados e reprovados no primeiro ano do ensino médio, além de entrevistamos o coordenador de curso dessa instituição. Os resultados apontam que fatores (1) socioeconômicos e (3) escolares/institucionais locais são os que mais influenciaram as trajetórias dos estudantes no estudo de caso. De entre os entrevistados, não houve casos de aprovação em famílias com renda familiar muito baixa e não houve casos de reprovação em famílias com renda familiar mais alta. A renda ainda influenciou a decisão familiar de pagar reforço escolar a seus filhos e ainda influenciou decisões de prosseguimento de estudos rumo ao ensino superior. Em termos escolares/institucionais, todos os alunos relataram dificuldades de gerenciamento do tempo por conta do volume de matérias em escolas politécnicas. Relataram ainda problemas de excesso de conteúdo e dificuldades em estar nos atendimentos a alunos com dificuldade, por estes se concentrarem apenas em dois dias na semana. Como proposta de intervenção, são sugeridos um melhor acompanhamento dos alunos com menor poder aquisitivo em momentos iniciais e mais ações em sala de aula para o desenvolvimento e consecução de atividades, propiciando mais tempo fora de dela para estudo e plantões de dúvidas.

Palavras-chave: sucesso educativo, equidade de oportunidades, ensino profissional

Main factors of school failure in the Brazilian high school. A case study in a professional public institution

Abstract

Understanding the main factors of educational failure in school trajectories is fundamental for the promotion of an emancipatory education, reducing social inequalities and promoting educational opportunities. In Brazil, this topic is of extreme importance since it has a strong social inequality and has one of the highest failure and dropout rates in the world. We carry out a case study, aiming to identify the main determinants of educational failure in a Brazilian educational institution that offers professional (vocational) education associated with high school. For this, we carried out semi-structured interviews with students who passed or failed in the first year of high school at this school (and with the course coordinator), seeking which factors most contributed to school failure. The results show that, of all failure factors, (1) socioeconomic and (3) school/institutional factors are those that most influenced students' trajectories in the case study. Among them, there were no cases of approval in families with very low family income and there were no cases of failure in families with higher family income. Family income also influenced the parents' decision to pay extra tuition and to progress their children to college. In school/institutional terms, all students reported time management difficulties due to the volume of school subjects throughout the year. They reported problems with the accumulation of content and difficulties to clear their doubts in tutoring programs, as they are concentrated on only two days a week. As an intervention proposal, better monitoring the trajectory of students with low family income since their beginning at this school and more actions in the classroom for the development and achievement of activities are suggested, providing more time outside the classroom for study and to attend tutoring programs.

Keywords: school failure, permanence and success, equality of opportunities, Federal Institute

Lista de Figuras

Figura 1. Figura 1. Mapa do Brasil, evidenciando todos seus estados-membros e o Distrito Federal – DF (em vermelho), local da instituição estudada. Note que o DF se posiciona centralmente no país, fazendo fronteira com o estado de Goiás e Minas Gerais. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_Federal_%28Brasil%29.

Figura 2. Distrito Federal fotografado à noite pela STS-32. Notar Brasília e lago Paranoá (letra A) e a cidade-satélite do estudo de caso (Samambaia) (letra B), periférica a Brasília.

Figura 3. Padrão da distribuição de renda na cidade de Samambaia. Note que ela segue um sentido Leste-Oeste de renda, sendo as melhores rendas localizadas a leste (salários acima de R\$ 16.500,00) e as piores rendas localizadas a oeste, na chamada expansão de Samambaia (rendas menores que R\$ 1.100,00).

Figura 4. Representação simplificada da renda familiar mensal dos estudantes aprovados (azul) e reprovados (vermelho) no estudo de caso. Note que há uma sobreposição de casos de sucesso e insucesso (cor rôxa) em uma faixa salarial intermediária (Anexo 2, Parte 2 item A1).

Lista de Tabelas

Tabela 1. Percentagens de insucesso no primeiro ano do ensino médio na instituição de ensino tecnológica federal, em Brasília (estudo de caso).

Tabela 2. Cronograma do projeto de intervenção. Cada uma das atividades está vinculada a um dos quatro objetivos propostos (vide secção 4.1).

Índice

Dedicatória	2
Agradecimentos	3
Acrónimos/ Siglas	4
Resumo	5
Abstract	6
Lista de Figuras	7
Lista de Tabelas	8
Índice	9
Introdução	12
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico	14
1.1. Para uma definição de Sucesso Escolar aplicável ao nosso contexto de estudo	14
1.2. Principais fatores que contribuem para o (in)sucesso educacional	17
1.3. Caracterização do ensino médio no Brasil e no Distrito Federal	23
1.4. O contexto estudado	26
1.5. Objetivos da pesquisa	29
Capítulo 2 - Metodologia de Estudo	30
2.1. Instituição estudada e participantes da pesquisa	30
2.2. Procedimentos para recolha e análise de dados	32
Capítulo 3 – Resultados, discussão e conclusões	33
3.1. O que dizem os alunos	33
3.1. O que diz o coordenador de curso	43
3.2. Principais conclusões	46
Capítulo 4 - Projeto de Intervenção	47
Capítulo 5 – Considerações Finais	52
Referências Bibliográficas	53
Legislação Consultada	54
Anexos	55
Anexo 1 - Guião para a entrevista aos alunos	55
Parte 1. Caracterização dos grupos de sucesso/insucesso educativos	55
Parte 2. Fatores responsáveis pelo insucesso educacional	55
A. Fatores socioeconômicos	55

B. Fatores de Background/capital cultural familiar	55
C. Fatores de natureza institucional/escolares	56
D. Arranjos e questões familiares específicas de sucesso/insucesso escolar, apesar do listado acima	57
Anexo 2 – Análise de conteúdo das entrevistas	59
Parte 1 - Identificação	59
Caracterização dos grupos de sucesso e insucesso educacionais (rosa: reprovados no 1º ano do IF; azul: aprovados)	59
Sexo (F/M)	59
Caracterização geral de sucesso ou insucesso	59
Parte 2 – Fatores determinantes para o sucesso educacional	60
A. Fatores Socioeconômicos	60
A1. Renda Familiar	60
A2. Capacidade familiar em pagar por reforço escolar em momentos de dificuldade	61
A3. Capacidade familiar em apoiar financeiramente o prosseguimento de estudo superior em Instituição Privada de Ensino	62
A4. Origem dos estudos em escola pública (pior qualidade) x escola privada (melhor qualidade)	62
A5. Relação com uma religião (construção de habitus similar ao do ambiente escolar)	63
B. <i>Background</i> Cultural (capital cultural) dos pais	64
B1. Formação do pai e da mãe	64
B2. Participação dos pais no reforço à aprendizagem dos alunos	65
B3. Incorporação de comportamentos similares ao habitus escolar no-dia a-dia de casa (leituras)	66
B4. Incorporação de comportamentos similares ao habitus escolar no-dia a-dia de casa (atividades culturais)	67
B5. Incorporação de comportamentos similares ao habitus escolar no-dia a-dia de casa (planejamento e organização)	68
C. Fatores de natureza institucional/escolares	69
C1. Ações pedagógicas de formatação escolar e violência simbólica	69
C2. Questões relacionadas à organização escolar: professores, matérias, avaliações	70
C3. Desenvolvimento de distúrbios psicológicos	79

C4. Instrumentos escolares de apoio a alunos com dificuldade (avaliação diagnóstica, atendimento ao aluno, monitorias pelos estudantes, auxílios financeiros)	82
Anexo 3. Entrevista com o coordenador de curso	85
Parte 1: Guião de entrevista ao coordenador de curso	85
Parte 2: Análise de Conteúdo	85
Anexo 4. Transcrição na íntegra das entrevistas aos estudantes	87

Introdução

Entender os principais fatores que contribuem para o insucesso educacional nas diferentes trajetórias escolares é fundamental para a promoção de uma educação libertadora, redutora de desigualdades e promotora de oportunidades em uma sociedade. Para o Brasil, este tema é de extrema importância, haja vista que o último relatório PISA (OECD, 2019) o classifica como o 4º pior país em taxas de reprovação e abandono escolar em todo o mundo, perdendo apenas para Marrocos, Colômbia e Líbano (INEP-Brasil, 2020).

Fatores determinantes para o insucesso educacional e para a manutenção de desigualdade de oportunidades educacionais podem ser variados, englobando questões histórico/culturais e socioeconômicas, de capital cultural (*background*) familiar, questões institucionais/pedagógicas de todo um sistema de ensino ou de uma instituição em particular; ou, em último caso, podem apresentar uma natureza ainda mais específica, considerando a demanda por educação de cada família, englobando os arranjos e decisões familiares específicas acerca do percurso escolar de seus filhos, ponderando custos e benefícios de suas decisões com vistas à manutenção ou melhora na qualidade de vida. Com base nisso, realizamos um estudo de caso com o objetivo de identificar os principais determinantes do insucesso educacional em uma instituição de ensino brasileira que oferece ensino profissional (vocacional) associado ao ensino médio. Em termos socioeconômicos, a instituição abrange uma camada popular brasileira. O presente estudo foi motivado após se verificar, nessa escola, altos índices de reprovação no primeiro ano do ensino médio, maiores até que a média nacional. Ao longo deste trabalho de projeto apresentamos mais detalhes sobre o caso em estudo e, logicamente, quais foram os principais fatores que culminaram nesse quadro. Além disso, ao final apresentamos um projeto de intervenção, com vistas a reduzir índices de insucesso escolar e assegurar uma maior equidade de oportunidades nessa instituição.

Este estudo intitula-se “Fatores determinantes para o sucesso educacional no ensino médio no Brasil. Estudo de caso numa instituição pública federal” e foi realizada sob a orientação da doutora Maria João Cardona no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação/ Administração Educacional, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, Portugal.

A apresentação do trabalho realizado está organizada em cinco capítulos, sendo o primeiro destinado a uma revisão teórica e descrição do caso em estudo, o segundo destinado à metodologia de estudo aplicada para a recolha e análise de dados, o terceiro direcionado à análise, interpretação, e discussão dos dados. Por ultimo é apresentado um projeto de intervenção definido a partir do trabalho de pesquisa realizado, visando dar uma resposta mais efetiva ao problema do insucesso educativo (quarto capítulo) e considerações finais de todo o projeto de pesquisa (quinto capítulo).

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

1.1. Para uma definição de Sucesso Escolar aplicável ao nosso contexto de estudo

Antes de iniciarmos qualquer jornada com esse estudo, é necessário partirmos de algum referencial, algum norte capaz de ‘unificar’ nosso ponto de partida e trajetória. De todos os referenciais, a apresentação de uma definição clara de sucesso escolar para nosso contexto de estudo é o mais importante para o momento.

Dentro da Sociologia da Educação, sucesso escolar pode ser interpretado de diversas maneiras, e nenhuma delas consegue ser aplicável a todas as realidades. Por exemplo, considerando o sucesso educacional como uma trajetória escolar bem-sucedida (Nogueira & Fortes, 2004), o ponto de chegada pode ser pouco informativo se não trouxer consigo informações acerca do ponto de partida (ex.: classe social) e da “velocidade” do estudante durante o percurso (se o realizou em idade apropriada ou com acúmulo de reprovações e/ou abandonos). Como exemplo, dois estudantes concluindo o mesmo curso em uma mesma faculdade (com um mesmo ponto de chegada) podem representar tanto um caso de sucesso quanto de fracasso, a depender de seus contextos sociais, econômicos e culturais (pontos de partida). Caso um dos estudantes concluintes seja oriundo de um meio social pobre e com pais analfabetos, o simples fato de concluir um curso superior seria um caso de sucesso. Contudo, caso o outro concluinte seja proveniente de um contexto social rico, com pais dotados de altíssimo capital cultural e formados em cursos e universidades prestigiadas pela sociedade, a conclusão de um curso de baixo prestígio (e/ou em uma instituição não renomada) poderia ser encarado como um caso de fracasso, caso o esforço do estudante não resultasse em manutenção do *status* econômico e/ou social, mas no seu decréscimo.

Sucesso educacional pode ser também de difícil análise e mensuração pelo simples fato de a formação educacional ser uma trajetória de longo prazo, que perpassa o horizonte de qualquer estudo de mestrado ou doutorado. Por exemplo, o sucesso educacional percebido como aquele que redunde em empregabilidade (em nível especializado) e em ascensão social não consegue ser avaliado dentro em um curto intervalo de tempo ou dentro do espaço escolar. Como esclarecido por Nóvoa

(1988), o modelo educacional vigente separa o tempo de formação (estudo) do tempo de ação (trabalho), gerando dois espaços, dois tempos e duas culturas diferentes, pouco comunicantes. Ademais, os novos paradigmas do trabalho e da formação educacional, a partir da metade do século XX, transformaram a trajetória educacional algo contínuo, permanente (*lifelong learning* ou educação permanente), modificando ainda mais percepção do sucesso educacional com um ponto de chegada fixo. Considerando, portanto, todas essas ponderações, é necessário apresentarmos uma definição objetiva e aplicável à realidade socioeconômica e temporal do nosso público-alvo.

Considerando que o público-alvo desse estudo é composto por estudantes recém-ingressantes no ensino médio brasileiro (equivalente ao ensino secundário em Portugal), provenientes de contextos de renda familiar média-baixa e baixa, e cujos pais abarquem uma elevada proporção de pessoas com ensino fundamental e médio incompleto (entre 36% e 54%) (Silva, 2014), optamos por adotar uma definição de sucesso escolar similar à de Lahire (1997), aplicado em uma realidade similar na França.

Lahire (1997) identificou os principais fatores para o sucesso escolar entre estudantes do primeiro grau em classes sociais populares na França. O público desse estudo era composto majoritariamente por famílias estrangeiras (maior parte de magrebinos, mais ainda com representantes de diversos outros países), seguidos por franceses. A maioria dos pais eram operários ou empregados não-qualificados e a maioria das mães eram donas-de-casa. Entre os estrangeiros, o analfabetismo e carências de domínio da língua francesa eram nítidos. Especificamente para esse estudo, Lahire (1997) considerou o sucesso escolar como a chegada a uma determinada série do primeiro grau sem reprovações (em idade adequada) e com boas notas em francês e matemática na avaliação nacional (acima de 6), além de relatos dos professores acerca do comportamento do aluno em sala-de-aula e da constância de suas notas. Essa definição de sucesso escolar engloba, portanto, aspectos somativos e formativos da trajetória estudantil, além da idade do aluno. Ressaltamos, todavia, que essa definição possui nuances que inviabilizam sua aplicação de forma literal à realidade brasileira nesse estudo de caso. Em primeiro lugar, o Brasil se difere da realidade francesa por ainda não possuir uma avaliação nacional unificada, aplicada a todos os alunos concluintes do ensino fundamental e

que iniciam o ensino médio. Segundo, a avaliação formativa dos professores pode ser inviável para este estudo específico, uma vez que o público-alvo desse estudo é de recém ingressantes no ensino médio e que, portanto, não possuíram contato prévio ou histórico de acompanhamento com seus novos professores. Mesmo assim, apesar dessas ponderações, algumas similaridades fazem com que essa definição possa ser útil e aplicável à realidade brasileira, sobretudo nos aspectos de avanço nas series escolares em idade adequada e em ritmo adequado (sem reprovações, abandonos ou acúmulo de dependências).

Segundo relatório do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) da OCDE, o Brasil possui altíssima taxa de reprovação (34,1%) em relação à média mundial (11,4%) e esse pode ser um dos fatores que mais contribui para o baixo rendimento brasileiro no exame (INEP-Brasil, 2020). Ao se analisar a reprovação em cada ano escolar no Brasil, nota-se que o primeiro ano do ensino médio é o ano que possui a maior média de reprovação (15,4%), acompanhado do 6º ano do ensino fundamental (11,7%) (Todos pela educação, 2020). Isso sugere que as maiores taxas de reprovações ocorrem justamente nas transições escolares, entre o final do ensino fundamental e o início do ensino médio, e entre o final dos anos iniciais (1º ao 5º ano) e o início dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), respectivamente. Esses períodos de transição escolares podem ser caracterizados por rupturas institucionais muito bruscas: (1) mudança de escola e sua cultura, (2) mudança na quantidade de professores e em suas especialidades (de pedagogos para licenciados nas ciências naturais e sociais), (3) mudança na quantidade de matérias, (4) no nível de cobrança e (5) na interação da escola com os pais. Associado a isso, fatores socioeconômicos também podem contribuir para cenários de insucesso. Metade das famílias do Brasil são de classe média/baixa e baixa, sem instrução escolar suficiente e sem tempo disponível (por conta de jornadas mais longas de trabalho) para acompanhar e contribuir significativamente para o sucesso educacional de seus filhos. É comum também que estudantes dessa classe econômica se sintam obrigados a ingressar no mercado de trabalho antes de concluírem a educação básica (abandono escolar), para contribuir com a renda familiar (Todos pela educação, 2020).

Considerando todos esses aspectos mencionados, adotamos como definição de sucesso escolar chegar ao ensino médio em idade regular, ou seja, sem

reprovações ou abandonos, e com desempenho adequado em todas as disciplinas (sem realizar dependências). Apesar de essa definição ser menos rica que a de Lahire (1997), por não incorporar aspectos formativos dos professores, ela incorpora elementos objetivos de idade escolar, reprovação ou abandonos, e ainda acerca da constância das notas (pela realização de dependências). Vale ressaltar que essa definição, apesar de simplificada, entra em acordo com outros estudos brasileiros, como o de Castro & Tavares Jr. (2016), que caracterizou alunos em sucesso escolar como o grupo daqueles que nunca foram reprovados, nunca abandonaram a escola e chegaram ao terceiro ano do ensino médio em idade razoável, com trajetórias contínuas e regulares.

1.2. Principais fatores que contribuem para o (in)sucesso educacional

Desde a metade do século XX a literatura tem se debruçado em caracterizar os fatores que mais contribuem para o sucesso escolar (e para o seu fracasso, em contrapartida) em uma variedade de contextos históricos, socioeconômicos, culturais e institucionais, nos diferentes países em que essas investigações foram realizadas. As primeiras teorias de capital humano emergiram nesse momento, influenciadas principalmente por princípios da economia clássica e da administração científica. Autores como Mincer (1958) e Schulz (1964) defendiam uma visão positiva e meritocrática da educação, sugerindo que o investimento em formação de pessoal (maior escolarização das pessoas) seria um dos fatores mais importantes para aumentar a distribuição de renda para as famílias e reduzir desigualdades sociais. Nesse contexto, a escola se comportaria como o principal vetor para a promoção da igualdade de oportunidades.

Nesse mesmo período era apresentado o relatório 'Equality of Educational Opportunity', mais conhecido como relatório Coleman (1966), um dos primeiros estudos sobre sucesso educacional em larga escala nos Estados Unidos. Mesmo doze anos após decisão histórica da Suprema Corte americana pondo fim à segregação racial nas escolas daquele país, o relatório evidenciou uma forte segregação étnico-racial nas escolas americanas e uma discrepância nas trajetórias educacionais entre brancos e negros. Basicamente, estudantes brancos possuíam trajetórias escolares mais constantes (sem atrasos ou reprovações) até o final do

ensino secundário, enquanto estudantes negros apresentavam mais frequentemente trajetórias conturbadas com reprovações e abandonos.

Em termos institucionais, escolas americanas de maioria branca possuíam mais recursos didáticos (laboratórios de ciências e línguas, bibliotecas, livros), currículos mais completos (inclusive com atividades extracurriculares com vistas ao ensino superior, como exemplo: grupos de debate e jornais estudantis) e continham mais professores por aluno do que escolas de maioria negra. Constatava-se ainda que era comum que professores brancos ensinassem alunos brancos e negros, enquanto professores negros geralmente só ensinavam alunos negros, sendo raro que estes fossem professores de estudantes brancos.

De uma maneira geral, o rendimento estudantil de alunos brancos em testes padronizados pareceu ser menos afetado pela qualidade da escola (provavelmente por outras influências de nível sócio-econômico e familiar), enquanto que estudantes negros dependiam mais da qualidade da escola (se ofereciam recursos didáticos, currículo adequado e se possuíam professores com *background* educacional adequado) para performarem bem nos testes. Em termos das relações sociais e familiares, notou-se que crianças brancas possuíam pais e círculos de amizade com maior formação acadêmica e, de igual modo, incluíam a formação superior como objetivo de vida; enquanto que essa realidade não era comum entre crianças negras. Ainda, estudantes negros e latinos possuíam menor convicção de que poderiam influenciar seu próprio ambiente e futuro se comparado aos estudantes brancos. Em suma, as escolas americanas ofereciam menos oportunidades para crianças negras que brancas e, aparentemente, as condições socioeconômicas e o *background* familiar do estudante eram as variáveis que mais contribuíam para o sucesso educacional nos Estados Unidos naquele cenário.

Alguns anos depois, Bourdieu & Passeron (1970) apresentavam, na França, uma crítica às teorias de capital humano, sobretudo acerca do papel das instituições escolares na redução de desigualdades sociais. Segundo os autores, desigualdades sociais não seriam resolvidas com uma maior oferta escolar, uma vez que a própria escola se comportaria institucionalmente como reprodutora de símbolos e de uma cultura dominante, e que isso contribuiria significativamente na manutenção de desigualdades sociais. Para isso, os autores trazem diversos conceitos para sustentar a teoria, dentre eles 'capital cultural' e 'violência simbólica'. Capital cultural

representa o conjunto de conhecimentos, experiências e comportamentos que cada estudante traz para o ambiente escolar, sua bagagem cultural, oriunda de sua família e de seu ambiente de convívio. Como cada criança possui uma experiência de vida própria, a partir de sua classe social e ambiente de convívio, é de se esperar que o capital cultural entre estudantes de uma mesma escola também seja variável, podendo destoar ou não da cultura escolar.

O segundo conceito, de violência simbólica, representa uma violência que encontra seu espaço no imaginário social e que, conseqüentemente, disciplina as condutas, estilo de vida e promove a aceitação de uma ordem social vigente. Ela pode ou não vir acompanhada da violência física, mas independente disso, é socialmente percebida e aceita dentro de uma comunidade e, obrigatoriamente, valida uma autoridade pedagógica, um trabalho pedagógico, um sistema de ensino e, de forma mais ampla, toda uma cultura dominante. Segundo os autores, mesmo que ela não perceba, a escola representaria a instituição credenciada pelo estado e detentora das ferramentas de promoção da violência simbólica em favor de uma cultura dominante e da manutenção de uma hierarquia social. A escola não promoveria um ambiente de troca de saberes, de exaltação aos diferentes capitais culturais, mas se tornaria uma instituição de seleção dos capitais culturais mais próximos aos desejados pelo sistema de ensino e pela cultura dominante. Estudantes com capital cultural mais próximo do da escola seriam selecionados positivamente, enquanto alunos com capital cultural mais destoante seriam moldados (por intenso trabalho pedagógico, com violência simbólica) a fim de inculcarem um *habitus* similar ao desejado pela escola. Caso o aluno não atenda essa moldagem ao longo da trajetória, ele seria posto de lado no processo educativo, não recebendo certificações, credenciamentos ou trajetórias mais longas e prestigiosas.

Bourdieu & Passeron (1970) defendem que a escola, por meio de seus trabalhos pedagógicos, frequentemente pratica exclusão e violência simbólica a alunos de classes sociais mais pobres, que provavelmente possuíam capital cultural destoante do de interesse da escola. Por consequência, ela inevitavelmente selecionava apenas uma parcela de seus estudantes, aqueles com capital cultural mais próximo aos interesses da escola, e que provavelmente seriam oriundos de famílias de classes sociais mais favorecidas, para as melhores posições educacionais. Assim, resta aos estudantes mais pobres, com capital cultural e *habitus*

destoante da cultura dominante, a marginalização. Nessa perspectiva, a escola não promove equidade de oportunidades, descoberta de aptidões ou ascensão social, mas reproduz as desigualdades sociais em seu espaço e ao longo das gerações. Ainda, o *background* educacional familiar e sua posição sócio-econômica seriam fatores que contribuem muito para a construção de um capital cultural estudantil de acordo com os interesses da escola.

No mesmo período e de forma ligeiramente concorrente, Raymon Boudon (1981) propôs outros mecanismos mantenedores da desigualdade de oportunidades escolares em uma sociedade, contudo dentro de um individualismo metodológico. Tanto Boudon (1981) quanto Bourdieu & Passeron (1970) enxergavam baixa mudança na estrutura social ao longo das gerações, entretanto Boudon (1981) divergia dos dois teóricos nas causas da manutenção dessa estrutura social. Boudon considerava que a escola não representava uma instituição que promovia a manutenção de desigualdades sociais, ou ainda que o capital cultural dos pais não seria o fator mais importante para explicar o sucesso escolar dos filhos, pelo menos ao longo de toda uma trajetória educacional. Para ele, a própria demanda das famílias por educação seria o principal fator para a manutenção de desigualdades sociais e educacionais. Para compreender esse fenômeno, Boudon nos convida a refletir como as diferentes famílias, de acordo com sua posição social, racionalizam a trajetória escolar. Cada família fará raciocínios que pesam inúmeras variáveis (financeiras, de descolamento, de tempo investido e de risco de fracasso) antes de tomar uma decisão sobre a trajetória escolar de seus filhos. Segundo o autor, famílias mais ricas geralmente se organizam e se engajam em inserir seus filhos em estudos mais longos, que são justamente aqueles mais valorizados socialmente. Filhos de classes mais populares (mais pobres), todavia, estariam geralmente engajados em caminhos educacionais mais curtos e, por consequência, menos valorizados.

Segundo Boudon (1981), famílias com maior poder aquisitivo tentarão naturalmente rentabilizar o esforço escolar de seus filhos com diplomas suficientemente elevados e que garantam uma posição social equivalente ou superior à dos pais. Obviamente, essas trajetórias serão mais longas e de custo financeiro mais elevado. Contudo, tanto o custo quanto o tempo de investimento não seriam empecilhos nessa classe social e poderiam ser assimilados no orçamento das famílias mais ricas. Famílias com menor poder aquisitivo (e, geralmente, com pais

com um menor nível educacional) tenderão escolher cursos de menor duração (cursos vocacionais/ técnicos, por exemplo). A escolha por cursos de menor duração pode inclusive ser lucrativa em alguns casos, pois permitirá ao filho manter o mesmo *status* social de seus pais ou até superá-lo, caso a família não possua exemplos de familiares com diploma. Para esse caso, mesmo com a decisão familiar de uma trajetória mais curta e menos valorizada, ela seria uma decisão mais barata (a família poderia arcar) e ainda garantiria uma progressão social que seus pais não haviam experimentado.

A observação dos argumentos de Boudon é ainda suportada nos casos de alunos que provêm de família rica, mas que possuem desempenhos escolares medíocres. Mesmo com resultados fracos, famílias ricas tendem a continuar mantendo seus filhos em trajetórias escolares mais longas, difíceis e, inclusive, mais caras, na esperança de garantir ao seu filho o mesmo patamar socioeconômico que seus pais se encontram. Infelizmente, para crianças de origem mais humilde, resultados fracos não tenderão a ser encarados da mesma maneira pelas famílias, de forma que frequentemente esses alunos serão reorientados para cursos mais curtos e menos valorizados. Portanto, Boudon se diferencia de Bourdieu basicamente por considerar as demandas individuais por educação de cada família como a variável mais importante em explicar a desigualdade de oportunidades e o sucesso escolares, além de relativizar o poder da escola em reproduzir desigualdades sociais, pela imposição de uma cultura dominante por meio da legitimação da prática de violência simbólica em seu ambiente. Para Boudon, a posição socioeconômica dos pais e a demanda por educação de cada família seriam as variáveis mais importantes dentro da desigualdade de oportunidades escolares.

Posteriormente a esses dois autores e de forma bastante interessante, Bernard Lahire (1997) avaliou *in loco* sucesso escolar em classes sociais mais desfavorecidas na França. Lahire percebeu casos peculiares de sucesso educacional em meios sociais mais pobres e tentou caracterizar um conjunto de fatores que determinavam esses casos de sucesso. O público-alvo era composto por famílias estrangeiras em sua maioria (magrebinos na maior parte, mais ainda com representantes de outros países africanos e orientais), seguidos por franceses. A maioria dos pais eram de classe social baixa, composto por operários, empregados não-qualificados ou donas-de-casa. Entre os estrangeiros, o analfabetismo e

carências de domínio da língua francesa eram bastante comuns. Com base nessas informações, era de se esperar que todos esses casos redundariam em fracasso escolar. Contudo, os filhos de algumas dessas famílias seguiam trajetórias de pleno sucesso educacional.

Ao se debruçar caso a caso, em entrevistas com os professores e famílias dos alunos, Lahire (1997) percebeu que, a depender da configuração e arranjo familiar, algumas famílias conseguiam aproximar suas práticas de vida às da realidade escolar, trazendo as bases para a construção de algum *ethos* e capital cultural mínimo (porém suficiente) aos anseios da escola. Atividades cotidianas, como gerenciar o tempo do filho (considerando a escola como parte importante da vida dele), organizar e ordenar documentos e fotografias, planejar e listar atividades do dia, utilizar o calendário, agenda, escrever listas de compra e listas de gastos, requerem uma certa reflexão, planejamento e ordenação mental. Além disso, o uso da linguagem escrita (mesmo que minimamente) aproximaria o *ethos* familiar do da escola. Ainda, a presença de um maior tempo de contato dos pais com os filhos, monitorando a realização de tarefas, acompanhando os filhos em atividades escolares e extra-curriculares (como ida à biblioteca, museus, ao parque) contribuiria para a construção de algum capital cultural mínimo em consonância com o universo escolar. Ficou ainda evidente para o autor que, apesar da pobreza de capital cultural na grande maioria das famílias entrevistadas, algumas decisões familiares específicas, como a matrícula de seus filhos de forma mais precoce na escola (desde a pré-escola), construía no estudante um conjunto de comportamentos e posturas mais adequados ao *habitus* escolar, além de trazer algum capital cultural de interesse para a vida escolar, transformando esses casos em sucessos escolares.

Lahire (1997) evidenciou, portanto, que somente a presença (ou ausência) de capital econômico e capital cultural nas famílias influenciavam, porém não eram determinantes no sucesso escolar. Para o autor, o sucesso escolar também envolveria ainda uma rede de outros fatores de ordem familiar, de configurações complexas e de redes de interdependência.

Desde então, diversos autores tem se debruçado em identificar fatores responsáveis para o sucesso e insucesso escolar tanto em nível local (T. O. C. Silva, Santos, Cunha, & Magrone, 2020) quanto regional (Castro & Júnior, 2016), na tentativa de melhorar o rendimento dos estudantes em avaliações globais (OCDE) e

reduzir desigualdades sociais e educacionais. De uma maneira geral, todo o arcabouço teórico citado ressaltou que fatores (1) de origem socioeconômica, (2) de capital cultural (background familiar) e (3) relativos à própria instituição escolar como um todo influenciam trajetórias escolares de sucesso. Contudo, é possível ainda imaginar que esses fatores interajam com (a) decisões específicas de cada família, avaliando prós e contras acerca de uma trajetória educacional, ou ainda com (b) configurações familiares específicas, que podem facilitar a educação escolar, mesmo em famílias mais pobres. Acreditamos, portanto, que todos esses fatores poderiam ser analisados dentro do caso a ser apresentado em nosso estudo.

1.3. Caracterização do ensino médio no Brasil e no Distrito Federal

No Brasil, a lei que define e regulamenta todo o sistema educacional tanto público quanto privado é a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Ela é também chamada de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ou ainda de LDB (utilizaremos essa sigla toda vez que a mencionarmos). Segundo ela, a educação básica e obrigatória brasileira abrange um período de 14 anos (dos quatro aos 17 anos do educando) e o ensino médio corresponde à última etapa, com duração mínima de três anos (LDB, 1996).

Conforme a LDB, cada ente federativo (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) possui competências diferenciadas na organização e gestão de seus respectivos sistemas de ensino. Por exemplo, a oferta do ensino fundamental é de obrigação principal dos Municípios (LDB, 1996, art. 11, V), enquanto que a oferta do ensino médio é uma obrigação principal dos Estados (LDB, 1996, art. 10, VI).¹ O Distrito Federal (DF), por sua vez, é a menor unidade federativa brasileira e é a única que não contém municípios (Figura 1). Pela LDB, esta unidade federativa engloba

¹ A LDB estabelece competências diferenciadas aos seus entes federativos, que são a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios. Essas competências se referem à organização de uma gestão educacional própria em sua esfera de atuação, à criação de normas gerais (União) ou complementares (Estados, Distrito Federal e Municípios, nessa ordem de importância) e uma divisão na oferta de cada modalidade de ensino: (1) os Estados têm a obrigação de assegurar o ensino fundamental e oferecer, com prioridade, o ensino médio a todos que o demandarem; (2) os Municípios possuem a obrigação de oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas e, com prioridade, o ensino fundamental, permitido a oferta em outros níveis somente quando estiverem plenamente atendidas todas as necessidades dentro de sua esfera de competência.

competências tanto municipais quanto estaduais na oferta e gestão do ensino (LDB, 1996, art. 10, parágrafo único).



Figura 1. Mapa do Brasil, evidenciando todos seus estados-membros e o Distrito Federal – DF (em vermelho), local da instituição estudada. Note que o DF se posiciona centralmente no país, fazendo fronteira com o estado de Goiás e Minas Gerais. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_Federal_%28Brasil%29 .

A União, por sua vez, possui as mais amplas competências normativas e de gestão da educação (LDB, 1996, art. 9). Ela ainda pode criar e manter instituições educativas dentro de seu sistema federal de ensino (LDB, 1996, art. 16), às quais não se subordinam a nenhum outro sistema, seja estadual ou municipal. Esse é o caso dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), que compõem

a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação (Lei 11.892, de dezembro de 2008).

Os IFs são instituições de educação básica (de nível médio), profissional e superior, pluricurriculares e multicampi, especializadas na oferta de educação profissional e tecnológica em diferentes modalidades de ensino. Conforme sua lei de criação (Lei 11.892, 2008), 50% das vagas ofertadas pelos IFs devem ser destinados à educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados², para aqueles que concluíram o ensino fundamental. Conforme a legislação, nota-se, portanto, um maior interesse de que os IFs também ofereçam ensino médio, de forma autônoma aos estados e ao Distrito Federal. Assim, podemos notar que a oferta e supervisão do ensino médio pode ser tutelada por diferentes entes federativos (Estados, Distrito Federal e União).

Considerando a organização geral do sistema de ensino brasileiro³ fica claro que, ao longo de sua trajetória escolar (de 14 anos), um educando muito provavelmente será submetido a diferentes sistemas de gestão do ensino (municipais, estaduais ou federais, por exemplo). Curiosamente, a maior taxa de reprovação e abandono escolares ocorrem justamente no primeiro ano do ensino médio (15,4% e 7,9%, respectivamente) (Todos pela educação, 2020), que corresponde também ao momento de transição não apenas de escola, mas também a uma transição entre sistemas de ensino.

Com base nessas informações chegamos à conclusão de que o público dessa investigação conclui o ensino fundamental sob gestão do Distrito Federal e ingressará no ensino médio no IF, gerido por outro sistema de ensino e com autonomia curricular e administrativa. Essa simples mudança pode trazer consigo um conjunto de fatores que contribuam para a reprovação.

² Um curso técnico integrado corresponde à modalidade de curso que inclui em sua grade curricular tanto disciplinas da parte vocacional (profissional) quanto disciplinas básicas e obrigatórias do ensino médio nacional. Pela Lei 11.892, 2008 (Lei de criação da Rede Federal de Ensino Técnico e Tecnológico), nota-se uma priorização na oferta de cursos técnicos na modalidade integrada ao ensino médio.

³ Vale ressaltar que, apesar de uma certa organização em regime colaborativo dos sistemas de ensino (LDB, 1996, art. 8), é possível que qualquer sistema (municipal, estadual, do Distrito Federal ou da União) ofereça o ensino de nível médio. Porém isso é mais raro em relação ao padrão geral apresentado.

1.4. O contexto estudado

Conforme descrito acima, a instituição escolar se localiza no Distrito Federal. Contudo, por ser um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF), ela não é gerida por este ente federativo, mas sim pelo sistema de ensino federal.

Em termos socioeconômicos, o Distrito Federal (DF) possui a maior média salarial do país e a maior renda salarial *per capita*, superando em 86,64% a média nacional. Contudo, o DF também possui diferenças sociais bastante evidentes. A maioria da população de maior poder aquisitivo se encontra em Brasília (a capital nacional), localizada no centro do DF (Figura 2). Contrastando com essa realidade, em torno de Brasília existem diversas cidades-satélite, circunvizinhas à capital federal e que estabelecem com ela relações estreitas de interdependência.

Com destaque, a cidade onde realizaremos nossa investigação (Samambaia – DF) se localiza no entrono de Brasília (Figura 2 e Figura 3) e contrasta com a realidade de Brasília por abrigar majoritariamente uma população de renda familiar média-baixa e baixa, com altos níveis de analfabetismo (em torno de 4%) e com pessoas com ensino fundamental e médio incompletos (entre 36% e 54%) (Silva, 2014). A força de trabalho é composta majoritariamente por operários, trabalhadores domésticos, vigilantes, serventes, ascensoristas, porteiros, serviços de segurança, empregados domésticos, entre outros prestadores de serviço não especializado (Silva, 2014).

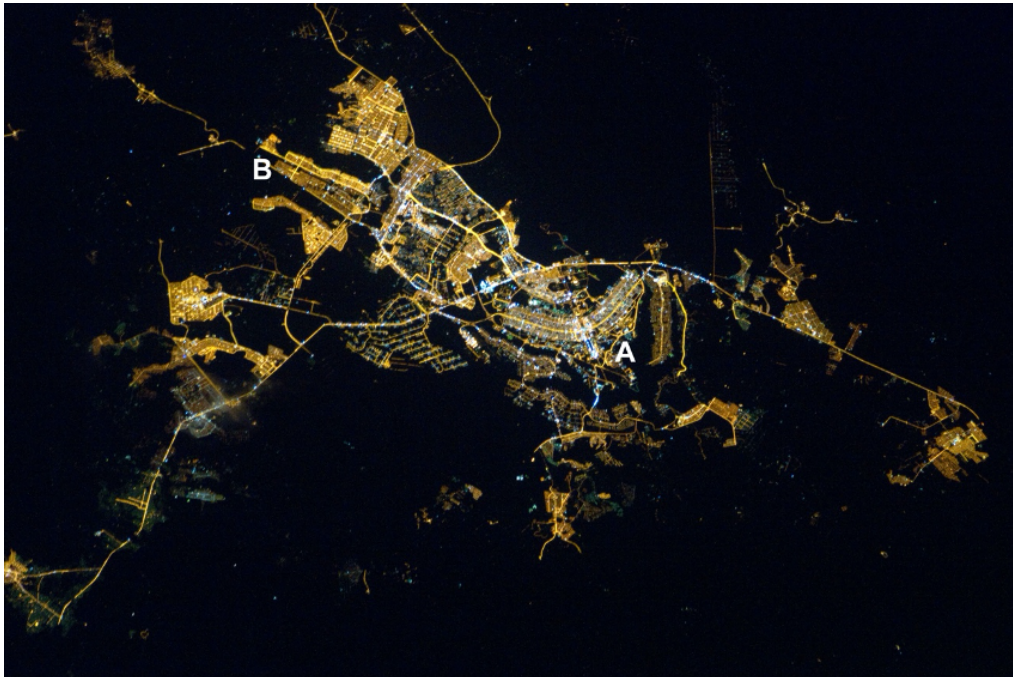


Figura 2. Distrito Federal fotografado à noite pela STS-32. Notar Brasília e lago Paranoá (letra A) e a cidade-satélite do estudo de caso (Samambaia) (letra B), periférica a Brasília.

A cidade-satélite de nossa investigação contém mais de 220 mil habitantes, sendo que a maioria migrou para lá durante os anos 1980, com incentivos governamentais para a erradicação de favelas em Brasília. A cidade foi erguida com uma baixa preocupação ambiental e com pouca infraestrutura, de forma que três quartos da população de Samambaia não dispõem de ciclovias ou de parques (R. B. Silva, 2014). A grande maioria da população estudantil de Samambaia (77%) frequenta a escola pública. Da população trabalhadora, 70% obtém sua renda fora da cidade, sendo a metade desse valor exclusivamente em Brasília (o que evidencia a natureza de cidade-satélite). A renda média familiar gira em torno de R\$ 2.633,00, contudo com alta variação salarial entre regiões dentro da cidade (R. B. Silva, 2014) (Figura 3).

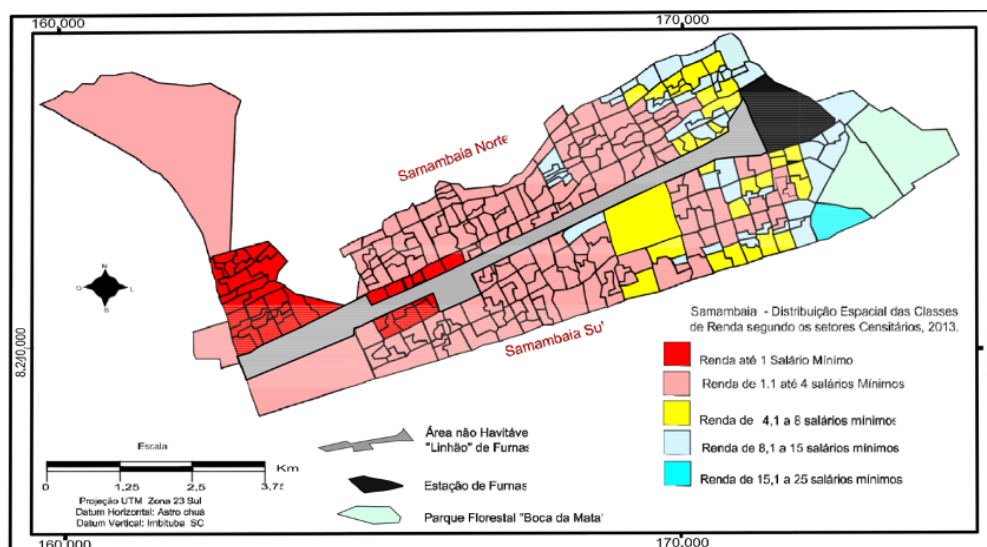


Figura 3. Padrão da distribuição de renda na cidade de Samambaia. Note que ela segue um sentido Leste-Oeste de renda, sendo as melhores rendas localizadas a leste (salários acima de R\$ 16.500,00) e as piores rendas localizadas a oeste, na chamada expansão de Samambaia (rendas menores que R\$ 1.100,00).

Nos IFs, as formas de seleção para ingresso em cursos técnicos na modalidade integrada são variadas. Porém, no caso em estudo (no DF), o sorteio é a forma institucionalizada de seleção. Segundo a instituição, acredita-se que o sorteio garanta maior igualdade de acesso do que a realização de provas de proficiência, visto que a seleção por prova beneficiaria estudantes vindos de escolas particulares, de famílias com maior poder aquisitivo e, portanto, mais bem preparados (com maior capital cultural, alinhado aos interesses da escola). O sorteio, por sua vez, asseguraria chances iguais de ingresso a qualquer estudante interessado. Contudo, se por um lado a seleção por sorteio promove equidade no acesso, por outro, esse tipo de seleção cria turmas bastante heterogêneas, incluindo em uma sala alunos com diferentes níveis de aprendizagem. Alguns estudantes estariam com aprendizagem perfeitamente adequada ao início do ensino médio enquanto que alguns outros estudantes estariam com carências de aprendizagem críticas ou muito críticas.

Acerca da forma de ingresso em um curso técnico integrado em um IF é importante se destacar que a garantia de igualdade de acesso tanto a estudantes mais ricos (de escolas privadas) quanto mais pobres (oriundos de escolas públicas) não necessariamente garantirá uma equidade de permanência e êxito dos

estudantes. Como resultado, é comum que o primeiro ano dos cursos técnicos integrados em diferentes IFs apresentem índices de reprovação ainda maiores que a média nacional (T. O. C. Silva et al., 2020).

De uma maneira geral, nota-se que uma parte considerável dos professores dos IFs são profissionais formados em cursos de tecnologia, altamente qualificados (com mestrado e doutorado) para ensino de disciplinas vocacionais em suas áreas profissionais, mas que não necessariamente possuem formação em licenciaturas. Geralmente, os professores também possuem maior poder aquisitivo que as famílias de seus alunos e não vivem na mesma cidade-satélite que seus alunos. Conforme Silva et al. (2020), o que se observa é que a maioria desses professores de IFs assume de antemão uma homogeneidade de saberes no primeiro ano EMI e partem de um mesmo ponto para todos os alunos ingressantes, geralmente nivelando-os por cima e assumindo que todos os estudantes possuem nível de aprendizagem adequado ao início do ensino médio. Esse tipo de abordagem pode parecer um pequeno deslize pedagógico e que muitas vezes nem é percebido por esses professores. Contudo, essa abordagem pode contribuir para que a instituição se comporte de forma reprodutora (Bourdieu & Passeron, 1970), não mapeando de antemão as dificuldades de seus alunos (notadamente os mais pobres) e criando oportunidades de nivelamento. Em outras palavras, é possível que ocorra violência simbólica e seleção de alunos (com maior capital cultural) e marginalização de outros (com menor capital cultural).

1.5. Objetivos da pesquisa

Feita uma reflexão sobre a definição de sucesso educacional aplicável ao nosso contexto de estudo, feita uma revisão teórica sobre os principais determinantes do sucesso (e insucesso) educacional na literatura, e ainda feita uma breve descrição do nosso problema (alta reprovação no primeiro ano do ensino médio em uma instituição de ensino federal brasileira) e caso de estudo, partimos para o propósito real dessa investigação.

O presente estudo tem como objetivo identificar os principais determinantes que contribuem para o sucesso (e, conseqüentemente, para o insucesso) educativo de alunos que ingressam no primeiro ano do ensino médio em uma instituição de

ensino brasileira. Especificamente verificamos, dentre os principais fatores para o sucesso escolar apresentados na revisão teórica (1. Fatores socioeconômicos, 2. de *background/capital* cultural familiar, 3. relativos ao sistema de ensino, trabalho pedagógico e autoridade pedagógica da instituição escolar), quais preponderam dentro do caso em estudo.

Capítulo 2 - Metodologia de Estudo

2.1. Instituição estudada e participantes da pesquisa

A instituição estudada pertence à Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Brasil, 2008), localizada na cidade de Samambaia, Distrito Federal. Esse *campus* foi instituído em 2009 e oferta cursos técnicos e superiores nas grandes áreas de Construção Civil, Meio Ambiente e Produção Moveleira, além de licenciaturas. Para cursos de Ensino Médio Integrado ao curso técnico (chamados de cursos EMI), a instituição oferece dois cursos: EMI ao técnico em Controle Ambiental e EMI ao Design de Móveis. A forma de seleção para esses cursos (assim como todos os demais cursos técnicos da instituição) é realizada por meio de sorteio. Cada aluno selecionado e matriculado preenche um questionário socioeconômico, que posteriormente será utilizado como instrumento para políticas de auxílio à permanência de estudantes de baixa renda na instituição (chamado de auxílio permanência). Informamos que esses dados socioeconômicos são utilizados institucionalmente apenas para esse fim, não sendo utilizados para nenhuma outra abordagem, como o mapeamento da trajetória de cada estudante, de acordo com sua renda familiar.

Os cursos EMI em Controle Ambiental e em Design de Móveis do *campus* em estudo possuem 3.550 e 3.672 horas de duração, respectivamente, realizados em três anos (informações retiradas dos projetos de criação de ambos os cursos). Em termos práticos, isso significa a oferta de 13 disciplinas propedêuticas (comuns em todo ensino médio brasileiro), além de disciplinas articuladoras e disciplinas técnicas, totalizando entre 22 e 24 disciplinas diferentes por ano no curso técnico EMI em Controle Ambiental e entre 17 e 19 disciplinas diferentes por ano no curso técnico

EMI em Design de Móveis. Semanalmente, esses cursos abrangem aulas todos os dias, de segunda a sexta-feira, das 8h às 13h20, além de aulas em duas tardes, das 14h às 18h30. Atendimentos a alunos com dificuldades são ofertados nas demais tardes (geralmente terça, quinta ou sexta-feira), à escolha do professor.

Ao analisar as taxas de reprovação e abandono das turmas de primeiro ano de EMI desse *campus*, percebemos índices muito elevados (Tabela 1), superiores à média nacional (23,3% - Todos pela educação, 2020) para essa etapa do ensino. Dessa forma, um estudo sobre os fatores responsáveis por esse cenário alarmante de reprovação é relevante para a instituição em questão, podendo ser também muito informativo a outros Institutos Federais, que possuem estruturas curriculares semelhantes e podem inclusive passar pelos mesmos problemas. Como exemplo, vale destacar o relatado em Silva et al. (2020), em um IF no Paraná.

Tabela 1. Percentagens de insucesso no primeiro ano do ensino médio na instituição de ensino tecnológica federal, em Brasília (estudo de caso).

Ano†	2015	2016††	2017	2018	2019
Matrículas	42	81	74	67	75
Reprovações	11	10	23	14	17
Cancelamentos/desistências	0	5	1	8	11
Porcentagem de insucesso	26%	18,5%††	32,4%	32,8%	37,3%

† Percentagens de insucesso para o ano de 2020 e 2021 não foram incluídas, considerando a situação atípica da pandemia por SARS-COV2.

†† Para o ano de 2016, não foram incluídas informações de uma das turmas de EMI dessa instituição de ensino (EMI de design de móveis). Portanto, há uma possibilidade que a porcentagem de insucesso desse ano seja maior que o representado na tabela.

Partindo da problematização (*por que* ocorrem taxas de insucesso tão elevadas no primeiro ano do ensino médio em uma instituição de ensino brasileira?), optamos pela metodologia de estudo de caso, com o objetivo de identificar os principais fatores que concorrem para esse cenário. Segundo Yin (2001), o estudo de caso é uma estratégia de investigação que permite examinar acontecimentos contemporâneos em que a pergunta central do estudo possa ser construída incluindo os advérbios interrogativos “como” ou “por que” (cuja função seja explicar um determinado fenômeno) e que envolve uma complexidade de fatores determinantes sobre a qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle. Geralmente, estudos de caso são também indicados quando os limites entre o fenômeno observado e o

contexto não estão claramente definidos e quando apresentam uma especificidade única, englobando muitas variáveis de interesse e, conseqüentemente, necessitando de várias fontes de evidência para uma melhor triangulação e convergência dos dados (Yin, 2001). Além disso, estudos de caso se beneficiam do desenvolvimento prévio de proposições teóricas, que contribuem (e muito) para condução na coleta de dados (Yin, 2001).

2.2. Procedimentos para recolha e análise de dados

Inicialmente organizamos um guião de perguntas que permeiam todos os possíveis determinantes de sucesso educacional e as organizamos em blocos, conforme os fatores de sucesso/insucesso escolares previstos na literatura: (1) fatores socioeconômicos, (2) fatores de capital cultural (*background*) dos pais e (3) fatores escolares/institucionais locais (Anexo 1). Ainda, para incluir outras possibilidades de resposta, a depender do andamento da entrevista, incluímos um quarto tópico intitulado (4) *arranjos e questões familiares específicas de sucesso/insucesso escolar, apesar dos itens listados acima*. Em seguida, entrevistamos dois alunos, em caráter de teste, para ajustes e posterior aplicação aos demais entrevistados.

Após as etapas de teste, entrevistamos oito alunos do curso EMI em Controle Ambiental que ingressaram em 2019 no primeiro ano do ensino médio na referida instituição. Desse grupo, quatro foram aprovados ao final de 2019, enquanto quatro foram reprovados. Devido a turma possuir mais mulheres do que homens, não conseguimos entrevistar a mesma quantidade de estudantes de ambos os sexos. Dessa maneira, dos oito entrevistados, três eram homens e cinco eram mulheres. Ainda, optamos por entrevistar os alunos ingressantes em 2019, e não alunos ingressantes em anos posteriores (ex.: 2020 e 2021) para evitar efeitos indiretos da trajetória estudantil por conta da pandemia por COVID-19.

Cada entrevista durou entre 30 e 60 minutos. Todas as entrevistas foram feitas durante os meses de março, abril e maio de 2022, de forma não presencial por plataformas de reunião (Google Meet, Zoom) e foram gravadas com ciência e aprovação prévia de cada estudante. O conteúdo de cada gravação foi transcrito e posteriormente submetido a uma análise de conteúdo (Anexo 2). Durante esse processo, cada aluno teve seu nome substituído por uma letra do alfabeto (de A a H)

para evitar qualquer possibilidade de identificação. Informamos ainda que este projeto foi submetido ao comitê de ética em pesquisa (CEP) por meio da plataforma brasil (www.plataformabrasil.saude.gov.br).

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) possuem coordenações de curso vinculadas a cada curso ofertado na instituição. Dentre as diversas atribuições do coordenador de curso, conforme a Resolução N° 06-2015/CS – IFB, estão as de (1) planejamento, acompanhamento e avaliação de atividades pedagógicas do curso e de (2) orientação docente na elaboração de planos de ensino, adaptações curriculares, atividades pedagógicas, na definição de métodos e técnicas de ensino, tipos de avaliação e análise do material institucional para apoio da ação educativa (Resolução N° 06-2015/CS – IFB). A figura do coordenador de curso é de contato direto com o professor e, em muitos casos, com aluno, juntamente com outras coordenações (ex.: coordenação de assistência estudantil e coordenação pedagógica).

Após a transcrição das entrevistas e da análise de conteúdo, apresentamos os resultados obtidos ao coordenador dos cursos de Ensino Médio Integrado (EMI) da instituição estudada, com o objetivo de capturar a percepção dele acerca dos fatores de sucesso e insucesso escolar e encontrar soluções gerenciais possíveis para sanar o problema. Juntamente com a apresentação dos resultados fizemos duas perguntas norteadoras ao coordenador (1. *Qual a sua percepção acerca dos resultados?* 2. *Quais sugestões o Coordenador apresenta para a solução dos problemas levantados?*). O conteúdo dela foi transcrito e organizado em uma análise de conteúdo (Anexo 3) similar à realizada com os estudantes (obs.: caso seja de interesse, a transcrição na íntegra da entrevista de cada estudante também pode ser observada no final desse estudo, no Anexo 4).

Capítulo 3 – Resultados, discussão e conclusões

3.1. O que dizem os alunos

Ao total, oito estudantes de uma mesma turma do ensino médio (EMI em Controle Ambiental) foram entrevistados: quatro deles em trajetórias de fracasso

(estudantes de A a D) e quatro com trajetórias de sucesso (estudantes de E a H). Dos oito entrevistados, cinco eram mulheres e três eram homens (como afirmado anteriormente, não foi possível entrevistar quantidades iguais de homens e mulheres, pois a turma era naturalmente composta por uma maioria de mulheres).

Os resultados apontam que, de todos os possíveis fatores de insucesso, fatores socioeconômicos foram os que mais influenciaram as trajetórias dos estudantes no estudo de caso, seguido por fatores escolares/institucionais. Para esse estudo de caso, o *background* cultural dos pais não se mostrou como o fator mais importante nas trajetórias de sucesso ou insucesso educacional. Isso corrobora estudos apresentados por outros autores (Castro & Júnior, 2016) acerca do *background* cultural dos pais não ser um fator determinante nas trajetórias de sucesso ou insucesso educacional. Logicamente, nenhum dos fatores pode ser completamente descartado, haja vista que em algum grau cada uma das hipóteses levantadas nesse estudo pode contribuir para um resultado de sucesso ou fracasso escolar, a depender de cada caso.

O compilado da análise de conteúdo das entrevistas de forma mais detalhada se encontra no Anexo 2 desse estudo. Ele se encontra dividido em duas partes: Parte 1, destinada à caracterização dos grupos de estudo (de sucesso e de insucesso na trajetória estudantil) e Parte 2, destinada à análise das respostas dos estudantes quanto aos fatores que mais contribuíram para o sucesso (A. fatores socioeconômicos, B. fatores de capital cultural dos pais ou C. fatores de natureza institucional/escolar). Para seguir uma sequência lógica similar à análise de conteúdo, e para melhor apresentação dos resultados, optamos por classificá-los em tópicos separados, conforme são apresentados no Anexo 2.

A. Fatores socioeconômicos

Nota-se que a renda familiar possui forte influência no sucesso escolar. A renda familiar dos entrevistados variou de 2 mil reais (classe E no Brasil, considerada baixa renda) a 9 mil reais (classe B, considerada renda média-alta). A renda familiar dos alunos reprovados variou entre 2 mil e 5 mil reais, enquanto a renda familiar dos aprovados variou entre 4 mil reais e 9 mil reais. Dentre os entrevistados, não houve casos de alunos aprovados com renda entre 2 mil e 3 mil reais. De modo similar, não

“Sim (meus pais desejam que eu curse ensino superior)”. “Mas eles não falam isso porque eu acredito que eles não têm condições de bancar meus estudos” (Aluna A, Anexo 2, Parte 2 item A3).

“Não (meus pais não se interessam que eu curse ensino superior)”. “Não comentam sobre bancar meus estudos em instituição privada” (Aluno B, Anexo 2, Parte 2 item A3).

“Sim (meus pais desejam que eu curse ensino superior), bastante. Minha mãe, principalmente”. “Minha mãe fala, quer até que eu curse medicina, mas não dá não. Eu coloquei biologia” (Aluno C, Anexo 2, Parte 2 item A3).

Aparentemente, o fato de o estudante ter estudado em escola pública ou privada não determinou a aprovação ou reprovação no primeiro ano do IF. Há tanto alunos reprovados no IF que fizeram todo seu ensino fundamental em escola privada como há casos de alunos que vieram de escola pública e obtiveram êxito no primeiro ano do ensino médio (Anexo 2, Parte 2 item A4).

Além de fatores econômicos, notou-se uma importância da religião com o sucesso escolar dos estudantes. Dentre os estudantes reprovados, a maioria não professava uma religião, enquanto que nos casos de sucesso, todos professavam alguma religião de natureza cristã (Anexo 2, parte 2 item A4). O único caso de aluno cristão reprovado (aluno D) retornou à trajetória de aprovação na sequência, haja vista que o estudante havia recuperado o tempo perdido e sido aprovado em curso superior. Lahire (1997) sugere uma relação entre a prática de religião e o sucesso escolar, provavelmente pela aproximação da cultura da igreja ao *habitus* exigido na escola (ex.: permanecer sentado e em silêncio por algum tempo, ouvir a exposição de um sermão com alguma organização lógica a partir de uma liderança central, obedecer a autoridades instituídas). Nesses casos, a religião se comportaria como um fator atenuador das discrepâncias socioeconômicas ou de capital cultural na educação.

Acerca da estruturação familiar, notamos que esta pode sim influenciar, mas não é determinante no caso de sucesso estudantil. O fato de os pais serem ou não divorciados não é determinante para o sucesso educacional (há casos de sucesso

estudantil cujos pais são divorciados e há casos de insucesso estudantil com pais que permanecem casados) (Anexo 2 item A5). Entretanto, apenas nos casos de insucesso foram evidenciados casos de convivência com padastros no mesmo teto (vide relatos dos Alunos A e C, Anexo 2 item A5).

B. Fatores relacionados ao Capital Cultural (*Background*) familiar

Nota-se uma contribuição do *Background* cultural dos pais no sucesso escolar dos filhos. Entre os aprovados (exceto um caso), ocorria que um dos pais possuía curso superior completo (língua portuguesa, gestão ambiental e pedagogia, para os alunos E, G e H, respectivamente) (Anexo 2 Parte 2, B1: Formação do pai e da mãe). Em contrapartida, entre os reprovados (exceto um caso), nenhum dos pais possuía ensino superior, sendo ainda comum casos de pais que cursaram apenas o ensino fundamental (Anexo 2 Parte 2, B1: Formação do pai e da mãe). As únicas exceções a essa tendência são o aluno D, que reprovou o primeiro ano do ensino médio, apesar de possuir mãe com ensino superior; e o aluno F, que foi aprovado e possui pais sem formação superior (Anexo 2 Parte 2, B1). Na realidade, o caso do aluno D poderia ser considerado até um caso de sucesso a posteriori, não fosse a diferença de realidades e níveis de cobrança entre sua escola anterior e nova escola (vide Anexo 2, item C. Fatores institucionais escolares). Em suma, notou-se que a formação dos pais não é determinante, porém exerce influência no sucesso escolar dos filhos.

Aparentemente, a decisão dos pais em serem mais atuantes na trajetória educacional de seus filhos, apesar de serem claros os benefícios dessa prática para desempenho estudantil, não era frequente entre os alunos entrevistados. Para esse estudo de caso, ser mais atuante não significa uma maior cobrança (brigar mais), mas acompanhar a realização das tarefas e, em casos de notas baixas, acompanhar o desempenho do filho/a até ele/ela retomar a trajetória de sucesso. Em todos os casos de insucesso, não se notou nenhum apoio claro e contínuo dos pais em acompanhar o progresso estudantil dos filhos, com exceção de um caso (aluno D). De igual modo, apenas dois casos de sucesso evidenciaram participação ativa dos pais na ajuda em tirar dúvidas e acompanhar a realização das tarefas da filha (aluna E e H). Aparentemente, o *background* cultural dos pais (pais com nítido conhecimento em língua portuguesa e em matemática) influenciou a decisão destes em

acompanhar de forma mais minuciosa o progresso estudantil do caso E, como relatado a seguir:

“Nunca precisei (de reforço escolar). Meu pai é ainda formado em língua portuguesa, e minha mãe me ajudava em matemática. Na verdade, a minha mãe até me ajudava mais. Meus pais eram sempre participativos na vida escolar. Lam sempre à reunião de pais” (Aluna E. Anexo 2 Parte 2, B2).

Não se notou em nenhum dos grupos de estudo a incorporação e uso de práticas de gerenciamento do tempo, recursos, espaços residenciais com linguagem escrita. Dessa forma, essa prática não pode ser considerada importante para se determinar sucesso ou fracasso estudantil nesse estudo de caso (entretanto, vale destacar a aluna E, em trajetória de sucesso e com exemplos claros de gerenciamento do tempo e de recursos) (Anexo 2 Parte 2, B3 a B5). Conforme Lahire (1997), a presença de um *etos* ou *habitus* vantajoso nos pais não garante necessariamente a transferência dele a seus filhos, haja vista que para isso ocorrer é necessário tempo e contato constante dos pais com os filhos, para inculcação desse comportamento. Com base nas análises das entrevistas, tempo não parece ser um recurso disponível para o desenvolvimento de habilidades por meio da interação familiar.

Entre os alunos aprovados, nota-se uma tendência de seus pais se dedicarem mais à leitura e a atividades culturais mais próximas ao interesse escolar (ex.: ida ao museu, teatro – Anexo 2, B3 a B5). Acerca desse subtópico, alunos em trajetória de sucesso relataram as seguintes informações sobre seus pais: *“acredito que já leram mais de 100 livros”* (aluna E), *“Meu pai lê bastante, por conta do trabalho”* (aluna G) e *“minha mãe acompanha muito jornal, lê bastante. Meu pai ele também estuda bastante, estuda um pouco todo dia. A minha irmã é formada em TI, estuda bastante, acho que ela é a mais inteligente lá de casa”* (aluna H), *“Meu pai direto me dava livros para ler. Achava muito importante que eu lesse bastante, que tivesse conhecimento”* (aluna H) (Anexo 2, B3 a B5).

Vale ressaltar que, em algumas respostas, se torna evidente uma crítica ao modelo escolar do IF, que impossibilita aos alunos tempo livre para se dedicarem à leitura:

“Lia bastante até entrar no IF. Meio que, depois de entrar no iF, ele atrapalhou meus hábitos de leitura” (Aluno B. Anexo 2 Parte 2, B3 e C1).

“hábito de leitura: sim, até minha entrada no iF. Depois de entrar no iF, não” (Aluno E. Anexo 2 Parte 2, B3 e C1).

“Eu tenho uma biblioteca pessoal por conta da minha escola anterior (não o IF), que podíamos pegar livros e ficar como doação”. (Aluno G. Anexo 2 Parte 2, B3 e C1).

C. Fatores Institucionais Escolares

Entre os fatores institucionais, notou-se que o IF exerceu influência negativa e de forma generalizada tanto em alunos em trajetórias de sucesso quanto os em trajetória de insucesso. Relatos do tipo *“lia bastante até entrar no IF. (...) Depois de entrar no iF, ele atrapalhou meus hábitos de leitura”* (aluno B, Anexo 2 Parte 2, C1) e *“Hábito de leitura: sim, até minha entrada no iF. Depois de entrar no iF, não”* (aluno E, Anexo 2 Parte 2, C1) em parte corroboram essa afirmação.

Alunos de ambos os grupos de estudo relataram diferenças notáveis entre o primeiro ano do IF em e suas escolas anteriores, tanto na quantidade de matérias (no IF: mais de 20 matérias no ano), níveis de cobrança, falta de organização e padronização nas avaliações (o IF é mais flexível quanto à forma de avaliação, o que pode gerar algumas aberrações avaliativas), além de relatarem dificuldades de acompanhar todas as disciplinas. Relatos do tipo são apresentados a seguir:

“Atualmente, só consigo acompanhar a minoria (das matérias). Se eu estivesse mais organizada e focada, acredito que conseguiria acompanhar a maioria” (Aluna A. Anexo 2 Parte 2, C2).

“A realidade é que eu não me adaptei muito ao formato da escola. Era diferente da minha escola anterior. No IF, o formato não era padronizado, exige uma organização maior. Cada professor tem o

seu jeito de fazer a prova. O problema não era a data (da prova). As vezes a prova valia quase toda a nota. Isso era diferente da minha escola anterior. A primeira prova valia bem menos que a segunda prova e isso ajudava a gente a recuperar nota” (Aluno D. Anexo 2 Parte 2, C2).

“Eu tento, organizo uma rotina, mas não consigo, ainda mais com ENEM, PAS, concursos. A gente faz uma tabela e olha as notas: essa aqui a gente está aprovada, então esquece. Essa aqui precisamos de nota, então vamos focar nessa. A gente quer acompanhar o ritmo, mas as vezes acompanhar deixa a gente muito mal, deixa as pessoas doentes. Então a gente acaba selecionando para o nosso próprio bem (de saúde). Tinha semanas que eram loucuras. Essas duas últimas semanas eu estava quase ficando louca de tanta coisa que tinha pra entregar. Teve noites que eu dormi só duas horas e minha mãe ficou preocupada. Teve horas que eu nem conseguia comer, de tão ansiosa, o tempo inteiro, que nem conseguia cuidar de mim mesmo. Era só focando ali nos estudos. Eu ia dormir pensando nisso e acordava do nada pensando, se eu dormir agora eu não vou conseguir terminar uma atividade. Não conseguia dormir. Não era só eu, porém conversando com os novos alunos que chegaram (calouros), muitos relataram a mesma coisa. Reprovaram e desistiram do IF” (Aluna G. Anexo 2 Parte 2, C2).

“Houve uma vez que tive crise de ansiedade por conta de excesso de matéria de uma professora em pouco tempo (uma semana). Depois ela alterou, pois os alunos reclamaram muito. (...) Não dava para acompanhar tudo, mas dava para acompanhar” (Aluna H. Anexo 2 Parte 2, C2).

“Sim (acho o IF uma boa escola). Eu acho que sim, mas mexeu bastante com o meu psicológico” (Aluna A. Anexo 2 Parte 2, C2).

Por diversas vezes, estudantes tanto em trajetórias de sucesso quanto de insucesso relataram o abandono de matérias em que estavam aprovados para se dedicarem a para as que ainda faltavam pontos. Relataram ainda falta de tempo para estudarem para tantas matérias, perda de sono, apetite, perda de peso, crises de ansiedade pelo medo de não dar conta de fazer todas as atividades. Em alguns casos específicos, um aluno chegou a iniciar o segundo semestre do ano letivo já sabendo que estava reprovado, por não ter conseguido fazer as recuperações das matérias que eram semestrais (Aluno D. Anexo 2 Parte 2, C2). Como as entrevistas ocorreram no início do ano de 2022, muitos alunos não apenas relataram problemas enfrentados em 2019, mas também incluíram em seus relatos problemas mais graves enfrentados durante a pandemia, nos anos de 2020 e 2021:

“No presencial já era muito conteúdo, tendo todo dia alguma coisa para entregar. No EaD duplicou. Faltou uma organização maior, um guia, de forma que tivemos que conversar com os professores para conseguirmos algum arranjo melhor. (Faltou) maior padronização para consideração de nota. Há professor que dá uma nota valendo 7 e um dever valendo 2. Aí é muito conteúdo para uma nota só, enquanto que outros fazem as notas mais diluídas. (Aluna A. Anexo 2 Parte 2, C2).

“Faltou organização de alguns professores. Alguns professores só lançaram nota no último dia de aula. A gente não tinha muita noção se eu tinha que melhorar naquele conteúdo ou não. Falta de feedback. O acúmulo de matérias. Tinha professor que passava atividades toda semana, e outros passavam atividades muito difíceis em uma única vez. Toda essa diferença de formas acumulava e virava uma coisa de louco. Aí perguntava: por que vocês não foram ao atendimento? Como é que vai, tendo que dar conta de tanta coisa ao mesmo tempo. No primeiro ano pareceu mais fácil porque você conseguia conversar com o professor olho no olho. Na pandemia, a gente mandava e-mail e o professor nem respondia. No primeiro ano tinha o problema, mas a gente conseguia resolver mais facilmente. Terapia, psicólogo nem passava pela minha cabeça antes de entrar no IF. Quando

cehgamos no IFB, parece que ficou algo essencial. Falávamos com nossos calouros isso, avisando que poderiam desenvolver coisas (problemas psicológicos) que você mesmo nem se imagina. No IF virava uma bomba, ficava se comparando, pensando eu vou ficar pra trás, vou ficar pra trás. Não era uma coisa de esforço. A gente se esforçava, mas sempre ficava pra trás. Sem que contar que no período de EAD alguns tiveram realmente que trabalhar, porque as coisas ficaram bem pesadas em casa. A galera não dorme, não come e chega no final, ainda não consegue passar. (Aluna G. Anexo 2 Parte 2, C2).

Acerca do nível de explicação dos professores, alguns alunos relatam dificuldades de compreensão em disciplinas de natureza técnica. Essas matérias geralmente são ministradas por professores com alta formação (doutores), mas que não formados em licenciatura: *“acho que tinha muito professor que, por exemplo, de matéria técnica, que não dava uma diluída no conteúdo, chegava com o termo técnico e não explicava o termo técnico. As matérias técnicas são as mais pesadas em termos de conteúdo, deveriam ser mais diluídas”* (Aluna A. Anexo 2 Parte 2, C2); *“Alguns professores sim, sobretudo para professores de matéria técnica, com linguajar diferente”* (Aluna E. Anexo 2 Parte 2, C2).

De uma maneira geral, os alunos relatam um problema de acúmulo de matérias e dificuldades de ir ao atendimento, pois os atendimentos ficam concentrados em apenas dois dias na semana. Não haveria condições de estar presentes em todos os atendimentos, devido ao choque de horários, necessitando ser feita seleção de atendimentos, de acordo com a necessidade mais urgente. Além disso, relatam um agravamento durante a pandemia (período não presencial), com relatos de busca por tratamento psicológico, crises de ansiedade, decepções com o IF.

Relatos de práticas de violência simbólica foram raros durante a experiência dos alunos no iF, sendo mais frequentes nas escolas anteriores (ensino fundamental). De igual modo, os alunos entrevistados relataram que a prática de *Bullying* era mais comum em suas escolas anteriores (ensino fundamental), com

redução para casos isolados no IF. Entretanto, houve um relato de exposição de aluno por professor no iF:

“No ensino médio (IF) eu acho que piorou, porque eu via uns professores dando umas cortadas nos alunos que eu olhada e pensava: nossa!” (Aluno G. Anexo 2 Parte 2, C1).

“As vezes aconteceu de alguns alunos entregarem (um trabalho) escrito e outros impresso, e a professora apontar pro trabalho e dizer: olha gente, esse aqui é um exemplo, entendeu? Só pela estética, porque o conteúdo era o mesmo. E quem entregou escrito ainda teve mais trabalho (em fazê-lo)” (Aluno G. Anexo 2 Parte 2, C1).

Como pontos positivos, os alunos ressaltam os benefícios dos auxílios-permanência (recursos financeiros para apoiar a permanência de estudantes de baixa-renda) (*“Eu acho muito boa a estrutura do IF, auxílio – Aluna F, Anexo 2 Parte 2, C2*) e a oferta de plantões de atendimento, que não é frequente em outras escolas públicas do Distrito Federal. Contudo, relatam ainda uma falta de empatia de alguns professores, sobretudo nos anos de 2020 e 2021, durante a pandemia, e ainda sugerem mais mecanismos de feedback (avaliação interna) do serviço prestado pelos professores e pela escola aos alunos (Anexo 2 Parte 2, C2). Ademais, notou-se que a realização de avaliações diagnósticas não é uma prática institucional no IF e, aparentemente, também não era frequente nas escolas de ensino fundamental dos alunos entrevistados.

3.1. O que diz o coordenador de curso

A entrevista com o coordenador de curso foi amistosa e durou cerca de 30 minutos. Ao tomar ciência dos resultados obtidos nas entrevistas com os alunos, mais especificamente sobre os casos de fracasso, foi interessante ouvir do coordenador a seguinte frase: *“a realidade deles é muito diferente da realidade que nós tivemos enquanto alunos”*. De fato, para o caso do coordenador de curso e de boa parte dos professores da instituição estudada, a renda mensal de suas famílias era significativamente superior à dos alunos reprovados. Dessa forma, podemos inferir

que os professores dessa instituição representavam casos de sucesso retornando ao ambiente escolar. Ainda, tanto o coordenador de curso quanto a maioria dos professores que ministram aula para o ensino médio são doutores, o que lhes sugere maior capital cultural e renda mensal superior à renda familiar da maioria dos alunos em trajetória de sucesso. Todo esse perfil de formação e salarial pode contribuir para o cenário de insucesso de alunos mais pobres na referida escola.

Acerca dos problemas institucionais levantados nas entrevistas, o coordenador de curso corrobora a fala dos alunos:

“Vou fazer uma conta rápida. Em média uma turma do ensino médio tem 15 disciplinas (ocorrendo ao mesmo tempo). Dá pra ver que não dá para ir no atendimento de todo mundo. Mesmo que você esteja completamente disposto, não há tempo suficiente na semana para todos os professores darem atendimento na semana em horários disjuntos. Existe uma sobrecarga nesse sentido que pode ser contornável. Não é necessários todos os alunos estarem em todos os atendimentos, claro. Mas quando a coisa aperta, juntou 4 disciplinas que o aluno precisa atendimento, mais as outras que ele precisa manter o ritmo, dá uma desandada” (Anexo 3).

Relatos negativos acerca do atendimento e plantões de dúvidas durante a pandemia também foram criticados pelo coordenador, indicando que eles realmente não ocorreram da melhor forma possível, contribuindo para dificuldades de aprendizagem e menor orientação na execução das tarefas:

“Durante a pandemia, cara, houve problemas no atendimento. É uma crítica que eu faço aos próprios colegas. Teve uns atendimentos que eram feitos de uma maneira assim... não tem como tirar dúvida por e-mail. Cara, se você vai mandar um e-mail para um professor, você vai procurar 80 vídeos no YouTube antes de mandar um e-mail para o professor. Fica meio supérfluo fazer um atendimento por e-mail.”

Ao ser perguntado por maneiras de se evitar a ocorrência de muitas trajetórias de insucesso entre alunos mais pobres o coordenador trouxe alternativas que já eram

realizadas pela escola, bem como propostas já apresentadas à direção de ensino do referido *campus*:

“Uma coisa que me ocorreu agora é que o resultado tem uma certa relação com algo que eu conversei com o diretor de ensino há um tempo atrás. No caso, no ato do registro, (poderíamos) fazer uma anamnese, traçar o perfil do aluno no primeiro dia, no dia zero, para gente já ter um fator de risco. Uma estatística. Por exemplo, por mais estranho que pareça, pais separados pode ser um fator de risco. Escolaridade dos pais, só nível médio, fator de risco. Fazer um mapeamento pelo menos. Algo que me ocorre também, não obrigando, mas convidando o aluno a trazer o histórico escolar para uma análise prévia de matérias com dificuldade. Eu ajudo a fazer a parte da estatística, da anamnese, análise de risco baseado em vários fatores”.

“Durante a pandemia tivemos o mediador virtual, tivemos programas de auxílio para aquisição de tablets, chips, feitos pelo pessoal da Coordenação de Assistência Estudantil e pela Coordenação Geral de Ensino. Cestas básicas também. O IF tem políticas de assistência estudantil.”

Com base nesta entrevista, pôde-se perceber que algumas percepções do coordenador (incluindo o período em pandemia) corroboram as falas dos estudantes entrevistados. De igual modo, as falas em prol da oferta de horários de atendimento a alunos com dificuldade, auxílios financeiros para a permanência do estudante, bem como distribuição de cestas básicas, foram defendidos como mecanismos de amenização da desigualdade econômica e educacional entre alunos mais pobres e mais ricos no ambiente escolar.

Como sugestões, o mapeamento anterior ao início das aulas por meio de uma anamnese, de uma análise de risco, junto ao registro acadêmico, pareceu ser uma alternativa de fácil execução e com possíveis bons resultados no acompanhamento de casos potenciais de insucesso escolar. Vale ressaltar que essa alternativa valoriza a comunicação eficiente entre setores de uma instituição (coordenação de curso e

coordenação de assistência estudantil) corresponde a um modelo de gestão pós-convencional no ambiente escolar, com uma estrutura de hierarquia reduzida, mais centrado na pessoa (o aluno com potencial de reprovação) além dos objetivos, mas com maior investimento em uma comunicação eficiente (Trigo & Costa, 2008).

3.2. Principais conclusões

Com base nesse estudo de caso, tanto (A) fatores socioeconômicos quanto (C) fatores institucionais/escolares contribuem significativamente para as trajetórias de insucesso entre estudantes do primeiro ano do ensino médio na instituição de ensino estudada. De uma maneira geral, o IF estudado promove igualdade de acesso entre alunos mais ricos e mais pobres no ensino médio, por meio do sorteio como forma de ingresso no ensino médio. Parte dos alunos mais pobres são ainda selecionados para programas financeiros de auxílio-permanência na instituição, o que garante em parte a permanência do estudante durante o período escolar e evita evasões. Entretanto, o *modus operandi* da escola inviabiliza trajetórias de sucesso entre os estudantes mais pobres pela (1) quantidade excessiva de matérias ofertadas em um único semestre nos cursos técnicos integrados, (2) pela forma de ensino e de avaliação da maioria dessas disciplinas (em alguns casos utilizando termos técnicos de difícil compreensão e com avaliações valendo boa parte da pontuação do bimestre em um único momento), (3) pela exigência de competências de gestão do tempo, emoções e de tomada de decisão muito elevadas por parte do aluno, em um nível que eles não possuem ou conseguem adquirir dentro do seu ambiente familiar (pois os pais também não a possuem) e (3) por poucas oportunidades de mapeamento prévio de alunos com carências escolares, a fim de contornar possíveis reprovações. Todos esses fatores parecem afetar de forma mais significativa estudantes mais pobres que mais ricos, haja vista que questões econômicas limitam o acesso a mais oportunidades de aprendizagem durante toda a trajetória educacional do aluno (ex.: reforço escolar, acesso ao ensino superior em instituições privadas de ensino). De forma secundária, o *background* educacional dos pais pode influenciar trajetórias de sucesso/insucesso. Entretanto, notou-se nesse estudo de caso uma baixa presença de comportamentos tidos como de interesse escolar (ex.: hábitos de leitura, gestão do tempo, organização, uso da linguagem escrita), tanto em famílias mais ricas quanto mais pobres. De forma secundária, o simples fato de um dos pais possuir formação superior afetou positivamente a trajetória educacional do(a) estudante.

Esse estudo sugere que uma única ação em direção a alunos com baixa renda (ex.: auxílio-permanência) não é capaz de garantir a permanência e êxito de alunos mais pobres e, por consequência, uma igualdade de oportunidades escolares. Em vez disso, auxílios financeiros deverão vir acompanhados de auxílios escolares, direcionados a alunos de renda financeira muito baixa e que podem, como consequência, demandar de apoio escolar durante o primeiro ano do ensino médio. Considerando que uma das missões e razões de existir dos iFs é seu caráter de redução de desigualdades educacionais, ações educacionais a alunos mais pobres (para além de auxílios financeiros) também necessitam ser planejadas.

Conforme os resultados desse estudo e em entrevista com a coordenação de curso, acreditamos que algumas ações podem reduzir o efeito dos fatores de natureza institucional/ escolar nas trajetórias de insucesso dos alunos, conforme será apresentado no projeto de intervenção.

Capítulo 4 - Projeto de Intervenção

Objetivos

Considerando os resultados obtidos nesse estudo, podemos inferir que fatores de natureza econômica (ex.: renda familiar) e de natureza institucional (ex.: excesso de atividades/matérias e cobranças) são os fatores que mais contribuem para a reprovação escolar e abandono no primeiro ano do ensino médio no caso em estudo. Diante disso, este projeto de intervenção visa:

1. informar, fazer reverberar a todos os professores e coordenações estudantis os resultados deste estudo;
2. criar um ambiente (a) de discussão dos principais motivos de fracasso estudantil no ensino médio local e (b) propor soluções para a reversão do quadro;
3. integrar a comunicação entre coordenações de assistência estudantil e coordenação de curso EMI acerca do perfil socioeconômico de cada aluno ingressante no ensino médio, de forma a identificar previamente ao início das aulas possíveis casos de insucesso, por meio de análise de risco;

4. formar, permitir com que os professores se enxerguem no contexto educacional local e reflitam maneiras de aprimorar suas práticas pedagógicas, tornando-as mais adequadas;

Estratégias

De forma atender cada um dos objetivos apresentados acima, são propostas as seguintes ações:

1. informar, fazer reverberar a todos os professores e coordenações estudantis os resultados deste estudo. Para isso, sugere-se (a) apresentar os resultados desse estudo na forma de vídeo de curta duração (até 10 minutos) e deixá-lo disponível no YouTube com link disponível a todos os professores. Ainda, (b) sugere-se a apresentação dos resultados desse estudo e do presente projeto de intervenção ainda na primeira reunião de colegiado EMI do ano de 2023, de forma a sensibilizar professores e colher informações para melhores ações ao longo do ano.
2. criar um ambiente (a) de discussão dos principais motivos de fracasso estudantil no ensino médio local e (b) propor soluções para a reversão do quadro. Para isso, sugerimos a inclusão de um momento de discussão ao final da apresentação dos resultados, após a primeira reunião de colegiado EMI do ano de 2023, com recolha de sugestões dos professores e coordenações para sanar o problema. Ainda, sugerimos a criação de um questionário de *feedback* e de proposição de soluções *online*, disponível juntamente com o vídeo de curta duração.
3. integrar a comunicação entre coordenações de assistência estudantil e coordenação de curso EMI acerca do perfil socioeconômico de cada aluno ingressante no ensino médio, de forma a identificar previamente ao início das aulas possíveis casos de insucesso, por meio de análise de risco. Considerando as atribuições do coordenador de curso no planejamento, acompanhamento e avaliação de atividades pedagógicas relativas ao curso (Resolução Nº 06-2015/CS – IFB), sugere-se ao coordenador a criação de

uma comissão multidisciplinar com a função de aumentar a fluidez da comunicação eficiente entre essa coordenação e a comissão de assistência estudantil, de forma a tratar os dados socioeconômicos dos alunos não apenas para fins de concessão de auxílio permanência, mas também para o acompanhamento de alunos de baixa renda. Sugere-se ainda, que os alunos selecionados em análise de risco (de forma quantitativa e/ou qualitativa) sejam acompanhados pela coordenação, professor conselheiro de turma e demais professores que atuam na turma desde o primeiro bimestre escolar.

4. formar, permitir com que os professores se enxerguem no contexto educacional local e reflitam maneiras de aprimorar suas práticas pedagógicas mais adequadas. De igual modo, sugere-se ao coordenador de curso a proposição de cursos de curta duração e de formação continuada a professores nas áreas de planejamento didático, metodologias ativas, avaliação, e sobre como realizar uma recuperação e dependências, de forma a permitir que os estudantes tenham avaliações mais condizentes com o seu nível de desenvolvimento, que possam ser executadas durante diversos momentos em sala-de-aula. Essas seriam alternativas à modelos de ensino e avaliação cumulativos e concentradas em apenas um ou poucos momentos no bimestre, que acaba desenvolvendo cargas excessivas de estudo em pouco tempo, estresse e distúrbios psicológicos nos alunos. Logicamente, tendo como base a alta qualificação dos professores atuantes nos cursos EMI da própria instituição e conforme sugestões de Novoa (1988), a própria instituição possui inúmeras experiências e casos de sucesso capazes de inspirar todos os professores à reflexão e melhora de suas práticas pedagógicas de planejamento da disciplina, organização da aula, avaliações, recuperações, atendimentos.

Avaliação

Sugere-se a inclusão de instrumentos de avaliação para cada um dos objetivos e estratégias apresentadas. Para os objetivos 1 e 2, é proposto a criação de um questionário de *feedback* e de proposição de soluções online, disponível juntamente com o vídeo de curta duração e com a apresentação dos resultados

desse estudo em reunião de colegiado. Nesse questionário serão incluídas perguntas de autoavaliação docente bem como a inclusão de sugestões para melhor ultrapassarmos os problemas de trajetórias de insucesso entre alunos mais pobres.

Para o objetivo 3, sugere-se a confecção de relatórios bimestrais de desempenho dos alunos selecionados como casos de risco, elaborados por equipe multidisciplinar juntamente com o professor conselheiro da turma, de forma a acompanhar o rendimento desses estudantes e incluir novos estudantes na seleção, caso necessário. Esses relatórios serão apresentados a cada bimestre nas reuniões de colegiado. É ainda sugerido a recolha de relatos dos próprios alunos tidos como casos potenciais de insucesso ao longo do ano, sobre o ritmo de estudos deles, dificuldades, inabilidades em gerenciar o tempo e dificuldades em conciliar os estudos do ano com horários de atendimento, dependências e recuperações.

Para o objetivo 4, sugere-se a aplicação de avaliações para cada curso, formação e palestra ofertados sobre o tema, de forma a recolher informações sobre a utilidade daquilo na mudança do perfil docente e das estratégias de ensino e avaliação de cada professor. Espera-se ainda recolher o *feedback* dos alunos acerca dos professores, na forma de avaliação interna institucional. Perguntar para os alunos questões simples como: qual professor faz boas avaliações, na opinião de vocês? Para vocês, qual seria um modelo de avaliação bom? Como você (aluno) gostaria de ser avaliado, em quantos momentos e por quê? Qual é o perfil de professor que você considera mais adequado à sua aprendizagem? Quais sintomas psicológicos vocês tem tido com mais frequência em momentos de estresse em sala-de-aula?

Muitos professores desta instituição são doutores e possuem níveis de capital cultural elevados para a realidade do ensino médio. Muitos são oriundos de modelos tradicionais de ensino e avaliação, que requerem altíssima autonomia e independência do estudante. É possível que alguns acreditem que para ser um bom professor, é necessário fazer o aluno sofrer (se ferrar). É possível que alguns professores achem bom nutrir um histórico de vários alunos que foram reprovados em sua matéria. O perfil de carrasco pode as vezes ser confundido como o perfil do professor comprometido com a educação e de sucesso. Casos de provas ainda mais difíceis do que o ensinado em sala-de-aula podem também ocorrer (e convenhamos, tivemos professores assim em nossas trajetórias educacionais). Acreditamos,

contudo, que essas ações e avaliações possam reduzir injustiças sociais dentro do ambiente escolar da instituição estudada.

Cronograma

Tabela 2. Cronograma do projeto de intervenção. Cada uma das atividades está vinculada a um dos quatro objetivos propostos (vide secção 4.1).

		Ano: 2023											
Objetivo	Atividades	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez		
1.	1.1. Apresentação dos resultados deste estudo em reunião de colegiado.	X											
	1.2. Apresentação do vídeo de curta duração (10 min) com os resultados desse estudo.	X											
	1.3. Avaliações do objetivo 1.	X											
2.	2.1. Recolha de sugestões de professores e coordenações sobre soluções para os problemas apresentados nesse estudo.	X											
3.	3.1. Criação da comissão de acompanhamento de possíveis alunos em trajetórias de insucesso.	X											
	3.2. <i>Feedbacks</i> da comissão sobre cada aluno em reuniões de colegiado.			X		X		X			X		
4.	4.1. Cursos de curta duração, formações continuadas e grupos de discussão para formação docente.	X		X			X		X				
	4.2. Feedback dos estudantes sobre professores e metodologias didáticas.			X		X		X			X		

Capítulo 5 – Considerações Finais

Compreender os principais fatores que contribuem para o insucesso educacional nas trajetórias escolares é fundamental para uma educação redutora de desigualdades e promotora de oportunidades. Neste estudo de caso, percebemos que fatores socioeconômicos contribuem significativamente nas trajetórias de ensino, sendo que estudantes de famílias com maior poder aquisitivo possuem maiores chances de realizarem trajetórias de sucesso do que estudantes com menor poder aquisitivo. De semelhante modo, percebemos nesse estudo de caso que a instituição escolar também interfere significativamente nas trajetórias escolares de sucesso e insucesso. Mesmo oferecendo auxílios financeiros à permanência de estudantes, evidenciamos que outras ações de natureza não-pecuniária também são necessárias para garantir o êxito dos estudantes mais pobres. Nesse sentido, além da manutenção (ou aumento) do auxílio-permanência, propomos uma maior integração entre as coordenações de assistência estudantil e de ensino médio, de forma a incluir dados socioeconômicos dos alunos nas estratégias de acompanhamento do sucesso estudantil, considerando alunos de baixa renda como estudantes com potencial risco de reprovação e, portanto, destinados a um maior acompanhamento prévio. Aos professores é sugerido a constituição de um grupo de discussão sobre o assunto, bem como um conjunto de formações que permitam a esses profissionais uma maior reflexão de suas práticas docentes, tanto no planejamento didático quanto em avaliações, permitindo uma maior consecução de atividades em sala de aula e, conseqüentemente, um menor acúmulo de atividades para casa.

De uma maneira geral, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia possuem como essência (visão, missão, valores) a oferta de uma educação gratuita e de qualidade, cidadã, comprometida com a dignidade humana e a justiça social. Consideramos, portanto, que essa pesquisa é essencial e atende centralmente os objetivos dos IFs e, portanto, deve ser considerada não somente para esse estudo de caso, mas para toda a rede federal de ensino técnico e tecnológico do país, rumo a uma educação mais justa e promotora de oportunidades educacionais a todas as classes sociais.

Referências Bibliográficas

- Boudon, R. (1981). *A desigualdade das oportunidades: a mobilidade social nas sociedades industriais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (1970). *La Reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Minuit.
- Castro, V. G. d., & Júnior, F. T. (2016). Jovens em Contextos Sociais Desfavoráveis e Sucesso Escolar no Ensino Médio. *Educação e Realidade (Porto Alegre)*, 41(1), 239-258. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/2175-623656080>
- Coleman, J. (1966). *Equality of educational opportunity*. Washington: National Center For Educational Statistics.
- INEP-Brasil. (2020). *Brasil no PISA 2018*. In Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (Ed.), (pp. 189).
- Lahire, B. (1997). *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável* (R. A. Vasques & S. Goldfeder, Trans.). São Paulo - SP: Editora Ática.
- MINCER, J. (1958). Investment in human capital and personal income distribution. *Journal of Political Economy*, LXVI(4), 281-302.
- Nogueira, C. M. M., & Fortes, M. d. F. A. (2004). A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na sociologia da educação contemporânea. *Paidéia: revista de estudos de pedagogia da universidade FUMEC*, 3(2), 57-74.
- Nóvoa, A. (1988). A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projecto Prosalus. In A. Nóvoa & M. Finger (Eds.), *Método (auto)biográfico e a formação* (pp. 107-129). Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde/ Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional.
- OECD. (2019). *PISA 2018: insights and interpretations (Andreas Schleicher)*. Retrieved from <https://www.oecd.org/pisa/publications/>: <https://www.oecd.org/pisa/publications/>
- SCHULTZ, T. W. (1964). *O valor econômico da educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Silva, R. B. (2014). *Expansão territorial e segregação socioespacial urbana: o caso de Samambaia-DF*. (PhD Thesis). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG.
- Silva, T. O. C., Santos, Á. d. A., Cunha, P. C., & Magrone, E. (2020). Reprovação escolar no ensino médio integrado à educação profissional: uma análise do Instituto Federal do Paraná (IFPR) – campus Ivaiporã. *Pesquisa e Debate em Educação*, 5(1), 42-61.
- Todos pela educação. (2020). *Anuário da educação básica*. Obtido em <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/securepdfs/2020/10/Anuario-Brasileiro-Educacao-Basica-2020-web-outubro.pdf>. In E. Moderna (Ed.), (pp. 184).
- Trigo, J. R., & Costa, J. A. (2008). Liderança nas organizações educativas: direcção por valores. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 16(61), 561-582.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre, Brasil: Bookman.

Legislação Consultada

Brasil, 1996. Lei 9.394: Lei de diretrizes e bases da educação brasileira, Lei 9.394.

Brasil, 2008. Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008: Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.

Ministério da Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. Resolução N° 06-2015/CS – IFB. Estabelece as normas de funcionamento da coordenação de curso, do colegiado de curso e do núcleo docente estruturante complementares ao Regimento Geral do IFB e dá outras providências.

Anexos

Anexo 1 - Guião para a entrevista aos alunos

Parte 1. Caracterização dos grupos de sucesso/insucesso educativos

1. Você cursou o ensino fundamental em qual tipo de escola, pública ou privada?
2. Qual é o nome da escola em que você concluiu o ensino fundamental? Caso tenha estudado em mais de uma escola, por favor, coloque o nome de todas elas.
3. Você já teve a experiência de reprovação alguma vez em sua vida?
4. Você já teve a experiência de ficar em dependência alguma vez em sua vida?

Parte 2. Fatores responsáveis pelo insucesso educacional

A. Fatores socioeconômicos

5. Quanto é a renda financeira mensal de sua família?
6. A renda de sua família é suficiente para que você utilize seu tempo apenas para se dedicar aos estudos?
7. Sua família possui acesso a uma conexão de internet suficiente para atender todas suas necessidades educacionais (aulas remotas síncronas, vídeo-aulas, pesquisas e leituras)?
8. Quando você teve dificuldade com alguma matéria e seus pais não a dominavam bem, eles chegaram a pagar por algum reforço escolar?
9. Seus pais têm interesse que você curse algum curso superior?
10. Seus pais já mencionaram a você que poderiam pagar sua formação superior em uma faculdade privada, caso você não consiga aprovação em uma universidade pública?
11. Seus pais têm recursos financeiros para manter seus estudos em uma faculdade privada?

B. Fatores de Background/capital cultural familiar

12. Qual o nível de escolaridade de seu pai?
13. Qual o nível de escolaridade de sua mãe?

14. Seus pais têm costume (diário) de leitura (ex.: livros, revistas, jornais, internet)?
15. Seus pais têm costume de comprar livros para você?
16. Seus pais lhe levam a alguma atividade cultural com frequência (ex.: cinema, teatro, apresentações culturais)?

17. Seus pais controlam o seu tempo na frente da televisão ou do videogame para que, no seu dia, você tenha tempo para estudar?
18. Quando você tira alguma nota baixa, seus pais demonstram preocupação e interesse em ajudar de alguma forma para que seu rendimento melhore?
19. Seus pais utilizam a linguagem escrita com frequência em casa (para organizar listas de compras, de gastos, planejamento semanal e mensal, para organização de fotos, contas, documentos, calendário)?
20. Seus pais têm o costume de planejar suas atividades na semana/mês e organizar o tempo?
21. Com qual idade você começou a frequentar o ambiente escolar?

C. Fatores de natureza institucional/escolares

22. Em sua trajetória escolar, você já passou pela experiência de não ter algum professor de português ou matemática por algum tempo do ano letivo (por exemplo: ausência de professor de uma dessas matérias por um mês)?
23. Os professores da sua escola anterior faziam avaliação diagnóstica no início do ano letivo, para saber se sua turma estava preparada para aprender conhecimentos novos?
24. Os professores da sua escola atual fizeram avaliação diagnóstica no início do seu primeiro ano, para saber se todos de sua turma estavam preparados para aprender conhecimentos do ensino médio?
25. A escola que você estudou criava oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?
26. A escola que você estuda atualmente cria oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?
27. A sua escola atual é muito diferente da sua escola anterior, em termos de exigência?

28. Na escola atual, você consegue acompanhar em seus estudos todas as matérias do semestre letivo se organizar para estudá-las?
29. As vezes você se sente deslocado na sala de aula, ou escola, achando que o seu lugar não é ali?
30. O professor ou escola utiliza um linguajar diferente da sua família, difícil de entender?
31. Você sente algum medo ou vergonha ou medo de ser humilhado ao participar verbalmente em sala de aula, perguntando algo?
32. Você já sofreu algum tipo de preconceito em sala de aula, seja por não saber algum conteúdo, por não o entender, ou por fazer a atividade de forma diferente à maneira que foi exigida?
33. Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola anterior?
34. Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola atual?
35. Você se sente feliz em estudar na sua escola atual?
36. Na sua opinião, o que falta na escola para que seu rendimento escolar seja melhor? Questão aberta.

D. Arranjos e questões familiares específicas de sucesso/insucesso escolar, apesar do listado acima

37. No atual momento, você convive com os seus pais?
38. Seus pais conversam com você sobre a importância de se estudar, demonstrando que estudar algo muito importante?
39. Você considera que seus pais são presentes em exigir que você estude em casa e tire boas notas?
40. Seus pais (ou qualquer familiar) conseguem ver suas atividades escolares com alguma frequência?
41. Você e seus irmãos convivem com regras em casa desde cedo (ex.: possuem horário para dormir, para fazer o dever de casa, etc)?
42. Caso você tire alguma nota baixa, seus pais (ou algum familiar) o ajudam a melhorar as notas, estando mais presentes no acompanhamento dos estudos?
43. Quando você tira notas baixas, sofre algum tipo de punição física ou verbal?

44. Você possui regras próprias sobre estudo (por exemplo: possui horários específicos para estudo, estuda todo o dia, faz suas tarefas sem precisar dos pais cobrarem)?
45. Seus pais leem com você algum livro (ex.: bíblia, alcorão, histórias em quadrinho, etc)?
46. Você consegue estudar em casa?
47. Você pensa em prosseguir com os estudos depois do ensino médio?
48. Seus pais falam com você com frequência sobre sua formação superior?
49. Qual curso você gostaria de fazer?

Anexo 2 – Análise de conteúdo das entrevistas

Guia:

Parte 1 – Identificação.

Parte 2 – Fatores determinantes para o insucesso educacional.

- A. Fatores Socioeconômicos
- B. *Background* cultural (capital cultural) dos pais
- C. Fatores de natureza institucional/escolares

Parte 1 - Identificação

Caracterização dos grupos de sucesso e insucesso educacionais (rosa: reprovados no 1º ano do IF; azul: aprovados)

Entrevistados	Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D	Aluno E	Aluno F	Aluno G	Aluno H
Sexo (F/M)	F	M	F	M	F	M	F	F
Caracterização geral de sucesso ou insucesso								
experiência de reprovação	<i>Sim, no 1º ano do Ensino Médio no Instituto Federal de Educação (IF).</i>	<i>Sim, duas vezes. Uma vez na 3ª/4ª série do ensino Fundamental (Escola Classe 614) e outra vez no 1º ano do Ensino Médio no IF.</i>	<i>Sim, só no 1º ano do Ensino Médio no IF. Nunca tive reprovação no fundamental.</i>	<i>Sim, só no 1º ano do Ensino Médio no IF.</i>	<i>Não.</i>	<i>Não.</i>	<i>Não.</i>	<i>Não.</i>

<i>experiência de dependência</i>	<i>Sim, no IF. Nos outros colégios fiz mais recuperação.</i>	<i>Sim, no CEF 404 e no Ensino Médio no IF.</i>	<i>Sim, só no Ensino Médio no IF..</i>	<i>Não</i>	<i>Sim, uma vez em artes, no 7º ano do Ensino Fundamental</i>	<i>Sim, só no IF, no 1º ano do Ensino Médio no IF.</i>	<i>Sim, uma vez. Somente no 1º ano do Ensino Médio no IF.</i>	<i>Não</i>
-----------------------------------	--------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------	----------------------------------------	------------	---------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------	------------

Parte 2 – Fatores determinantes para o sucesso educacional

A. Fatores Socioeconômicos							
Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D	Aluno E	Aluno F	Aluno G	Aluno H
A1. Renda Familiar							
<p><i>Renda familiar entre 2 mil e 3 mil reais (B).</i></p> <p><i>Além da escola eu trabalho, porque eu acho mais fácil conseguir dinheiro para fazer o que eu quero do que pedir. Aqui em casa, tem a minha mãe, meu padrasto e minha irmã que trabalham. E a minha irmã ganha pensão do meu pai (por conta minha e do meu irmão). A pensão é usada para pagar conta e</i></p>	<p><i>Renda familiar de R\$ 3.500,00 (B)</i></p> <p><i>Sim, apenas preciso estudar. Mas pedem para ajudar de alguma forma, para ter minhas próprias coisas.</i></p>	<p><i>Renda familiar de R\$ 2.100,00 (A)</i></p> <p><i>Trabalhar eu não preciso. As vezes a gente inteira aqui em casa. É que eu recebo auxílio no IF (acho que é uns 200 reais no mês). Eu não sou de gastar muito, sou muito murrinha, e faço o dinheiro sobrar no mês.</i></p>	<p><i>Acho que minha família ganha uns 5 mil reais por mês (C)</i></p> <p><i>Sim, apenas preciso estudar.</i></p>	<p><i>Renda familiar em torno de 6 mil a 7 mil reais (C).</i></p> <p><i>Sim, apenas preciso estudar.</i></p>	<p><i>A gente chega até 5 mil reais (C)</i></p> <p><i>Acredito que sim. Mas eu trabalho. Eu queria trabalhar e estudar, pra me manter.</i></p>	<p><i>Em média, é 4 mil (B). Na verdade, a gente não tem muito uma renda fixa. Meu pai tem carteira assinada e minha mãe mexe com costura. Ela produz uniformes e trabalha conforme a demanda.</i></p> <p><i>Eu geralmente ajudo também, quando há uma encomenda muito grande pra fazer. Porque aqui em casa só é meu pai e minha mãe. Não é sempre. As</i></p>	<p><i>Minha mãe ganha mil reais, minha irmã ganha 2 mil reais e eu ganho 900 reais. Sem contar comigo, daria 3 mil reais (B). Se não me engano, meu pai ganha 6 mil reais.</i></p> <p><i>Meus pais se separaram na pandemia, então quem está pagando hoje as contas em casa sou eu, minha mãe e minha irmã. Quando eu comecei a</i></p>

<p>comprar coisas necessárias, comida, internet, essas coisas. Já fiz a monitoria no IF e atualmente abri uma loja virtual no Instagram.</p>						<p>vezes são 700 camisas, as vezes 100.</p>	<p>trabalhar meus pais não estavam separados.</p> <p>No momento, eu acho que tenho que ajudar, que as coisas estão ficando um pouco mais puxadas lá em casa.</p>
<p>A2. Capacidade familiar em pagar por reforço escolar em momentos de dificuldade</p>							
<p>Não. Geralmente, quando tenho dificuldade eu tento estudar sozinha ou recorro ao professor</p>	<p>Sim, meus pais pagaram reforço no CEF (terceira série).</p>	<p>Não. (Quando eu tenho dificuldade), eu estudo tudo no YouTube, no Google. Agora no iF, eu vou aos atendimentos.</p> <p>Geralmente, quando eu gosto de algo e não tenho dinheiro, até peço pra eles. Exemplo: Livros de ficção. As vezes peço, as vezes vejo que não vale a pena, e acabo comprando livros de poema (mais baratos). Aí leio a ficção em pdf.</p>	<p>Não se aplica. Minha escola era integral. Tinha reforço de deveres na escola.</p> <p>Sim. Pagavam reforço.</p>	<p>Nunca precisei. Meu pai é ainda formado em língua portuguesa, e minha mãe me ajudava em matemática. Na verdade, a minha mãe até me ajudava mais. Meus pais eram sempre participativos na vida escolar. Iam sempre à reunião de pais.</p>	<p>Não, no ensino médio nunca tive problema não.</p> <p>Quando eu era do ensino fundamental ainda eu cheguei a fazer reforço escolar</p> <p>Não, no ensino médio nunca tive problema não. O IFB sempre auxiliou.</p>	<p>Nunca. Quando eu tinha dificuldade, eu mesmo tinha que resolver. No ensino fundamental meus pais me ajudavam. Agora, no ensino médio não.</p>	<p>No 3º ano do fundamental eu comecei a ir para aula de reforço. Só que nem precisei muito não.</p>

A3. Capacidade familiar em apoiar financeiramente o prosseguimento de estudo superior em Instituição Privada de Ensino

<p><i>Sim</i> (se interessam que o filho curse ensino superior)</p> <p><i>Não. Eles não falam isso (bançar os estudos em instituição particular) porque eu acredito que eles não têm condições de bançar meus estudos.</i></p>	<p><i>Não</i> (não se interessam que eu curse ensino superior)</p> <p><i>Não. Não comentam sobre bançar meus estudos em instituição privada.</i></p>	<p><i>Sim, bastante. Minha mãe, principalmente.</i></p> <p><i>Minha mãe fala, quer até que eu curse medicina, mas não dá não. Eu coloquei biologia.</i></p>	<p><i>Sim, meu pai conversa bastante comigo. Quer que eu faça curso superior. TI.</i></p> <p>Sim.</p>	<p><i>Sim</i> (se interessam que o filho curse ensino superior)</p> <p><i>Sim, dependendo do curso. Meus pais valorizam muito a questão do estudo.</i></p>	<p><i>Sim.</i></p> <p><i>Não é bem o intuito não. Ficaria puxado. O objetivo mesmo é seguir na faculdade pública.</i></p>	<p><i>Sim.</i></p> <p>Sim. Eu também escolhi um curso que dá no nosso orçamento (Gestão Ambiental)</p>	<p><i>Sim.</i></p> <p><i>Sim. Eu não queria ir pra UnB, pra conciliar meu trabalho com a faculdade. Eu falei pra minha mãe, pra entrar com a nota do ENEM e FIES. Ela chegou a falar que eu podia escolher a faculdade que ela ia fazer meu pai pagar.</i></p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A4. Origem dos estudos em escola pública (pior qualidade) x escola privada (melhor qualidade)

<p><i>Maior parte em escola particular (primeiro ao quinto ano). Do sexto ao sétimo ano no colégio Biângulo (também particular). No oitavo e nono ano em escola pública (CEF 04, Taguatinga).</i></p>	<p>Todo em escola pública.</p> <p><i>Escola Classe 614 (1º ai 4º ano) e CEF 404 (5º ao 9º).</i></p>	<p>Todo em escola pública.</p> <p><i>CEF 504 de Samambaia.</i></p>	<p>Todo em escola Privada.</p> <p><i>Anchieta (integral) e Logos. Estudei com um colega do IFB nesse período, o Gleidson</i></p>	<p>Particular até o 4º ano; Público do 5º ao 9º ano.</p> <p><i>Gotas de amor (São Paulo) – Particular; CEF 410 e 412 de Samambaia</i></p>	<p>Sempre Particular. Só sai dela pra ir no IFB.</p> <p><i>CE Logos, 508 de Samambaia</i></p>	<p>Todo em escola pública.</p> <p><i>EC 604 até o quinto ano; CEF 404 de Samambaia Norte para o restante.</i></p>	<p><i>1º ano do fundamental estudei em escola particular (Corjesu). Não me dei muito bem nella, no 2º ano fui pra pública, na época que mudei pro Gama, na EC 01 do Gama. Aí eu no 3º ano eu fui pra uma escola evangélica. Também não me dei muito bem (preconceito por ser católica) e aí</i></p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

							<p><i>eu voltei pra pública. Fiz meu 4º ano na pública, 5º ano no 604 de Samambaia Norte (escola pública). Depois fui pro 404 e fiz do 6º ao 9º ano (escola pública).</i></p> <p><i>Corjesu (1º), EC Gama (2 e 3º), 604 de Samambaia (6 ao 9º).</i></p>
--	--	--	--	--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A5. Relação com uma religião (construção de habitus similar ao do ambiente escolar)

<i>Não</i>	<i>Não.</i>	<i>não.</i>	<i>Sim. Somos católicos praticantes. Vamos à missa.</i>	<i>Sim, sou cristã evangélica. Leio a bíblia sozinha, primeira coisa do meu dia. E nos cultos domésticos.</i>	<i>Sou evangélico. Isso é mais de mim mesmo. As vezes eu estudo bastante, depois fico sem estudar. Hoje não tenho frequentado tanto a igreja, mas minha mãe vai.</i>	<i>Somos católicos. Não somos tão rígidos a ponto de abandonar outras atividades para ir à igreja.</i>	<i>Sim. Católica.</i>
------------	-------------	-------------	---------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------

A6. Estruturação da relação familiar durante o período de estudo

<i>Moro com minha mãe e o padrasto.</i>	<i>Sim, moro com ambos</i>	<i>Com a mãe e o padrasto.</i>	<i>Sim, moro com os dois (pai e mãe)</i>	<i>Sim, moro com ambos (pai e mãe).</i>	<i>Eu moro com minha mãe.</i>	<i>Sim, com os dois (pai e mãe).</i>	<i>Moro com minha mãe e minha irmã. Meus pais se separaram na pandemia.</i>
<i>Eles cobram mais do que conversam. Tá estudando? Acho bom, hein? meu pai sim. Minha mãe, se</i>	<i>Sim</i> <i>Sim, pra eles, se eu passar, está tranquilo.</i>	<i>Sim.</i> <i>Sim. Mesmo eu não falando muito, eles veem, perguntam</i>	<i>Sim.</i> <i>Sim.</i> <i>Sim. Tinha até aplicativo da</i>	<i>Sim.</i> <i>Sim.</i> <i>Sim. Professor, não seja igual o</i>	<i>Sim.</i> <i>É, (a cobrança) mais por influência da minha mãe.</i>	<i>Sim.</i> <i>Sim. No ensino fundamental a cobrança era um pouco maior. No ensino médio eles</i>	<i>Sim</i> <i>Sim, em questão de estudo sim.</i>

<p><i>passou, passou, ótimo. Meu pai, se tirar 9,9 não é nota.</i></p> <p><i>Só quando ficava de recuperação. Tinha que mostrar o caderno, o dever feito.</i></p>	<p><i>Sim. Iam à escola e perguntavam se estava tudo bem comigo.</i></p>	<p><i>Não. No fundamental sim. Tinha uma frequência, mas não tanta</i></p>	<p><i>escola (Ensino Fundamental). Minha mãe acompanhava.</i></p>	<p><i>meu pai. Ele é muito carrasco.</i></p>		<p><i>mesmo não cobravam porque viram que o clima estava muito pesado na escola.</i></p> <p><i>No ensino médio não, ainda mais porque era muita coisa, mudando sempre.</i></p>	<p><i>Sim. Falavam para eu estudar, perguntavam se tinha dever, era diário isso.</i></p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------

B. Background Cultural (capital cultural) dos pais

Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D	Aluno E	Aluno F	Aluno G	Aluno H
B1. Formação do pai e da mãe							
<p><i>Ele (pai) em ensino técnico. Não fez o ensino médio. Fez o ensino fundamental e pulou direto para o técnico.</i></p> <p><i>Ela (mãe) tem ensino médio. Ela está fazendo formação técnica agora, mas não sei se terminou. Minha irmã tem o ensino superior (administração).</i></p>	<p><i>Ele (pai) tem o ensino médio completo. É servidor público de nível técnico. Ela (mãe) Tem o ensino fundamental completo e médio incompleto. Trabalha como autônoma. É manicure.</i></p>	<p><i>Ele (pai) tem o ensino médio completo.</i></p> <p><i>Ela (mãe) tem o ensino fundamental completo</i></p>	<p><i>Pai: Médio completo.</i></p> <p><i>Mãe: tem superior. Formada em pedagogia.</i></p>	<p><i>Ele (pai) possui ensino superior completo em língua portuguesa. Ele é professor de português da SEED, GDF.</i></p> <p><i>Ela (mãe) possui ensino médio completo. Trabalha com contabilidade.</i></p>	<p><i>Meu pai terminou o ensino médio. Ele fez cursos técnicos de manipulação de produtos naturais.</i></p> <p><i>Minha mãe cursou o fundamental. Até o sétimo ano.</i></p>	<p><i>Ele (pai) tem o superior completo, em Gestão Ambiental</i></p> <p><i>Mãe: médio completo.</i></p>	<p><i>Meu pai terminou o ensino médio, mas não terminou a faculdade. Passou em um concurso.</i></p> <p><i>Minha mãe terminou a faculdade, pedagogia.</i></p>

B2. Participação dos pais no reforço à aprendizagem dos alunos							
<i>Não. Geralmente, quando tenho dificuldade eu tento estudar sozinha ou recorro ao professor</i>		Não. Quando eu tenho dificuldade eu estudo tudo no YouTube, no Google. Agora no iF, eu vou aos atendimentos.	<i>Sim, meu pai conversa bastante comigo. Quer que eu faça curso superior. TI.</i>	Nunca precisei. Meu pai é ainda formado em língua portuguesa, e minha mãe me ajudava em matemática. Na verdade, a minha mãe até me ajudava mais. Meus pais eram sempre participativos na vida escolar. Iam sempre à reunião de pais.		<i>Nunca. Quando eu tinha dificuldade, eu mesmo tinha que resolver. No ensino fundamental meus pais me ajudavam. Agora, no ensino médio não.</i>	<i>Até antes da pandemia, eles controlavam apenas o boletim e conversavam com respeito a nota, sobre esforço. Aí depois que entrou a pandemia, nem lembro a última vez que minha mãe viu meu boletim. Meu pai tentava me ajudar, mas ele sempre foi muito bruto. A gente ficava sempre meio traumatizada.</i>
<i>Atualmente não. Sim, castigo e algumas vezes eu apanhei também. A gente apanhava todo dia também, quando criança. E apanhar não resolveu também. Só me deixou mais casca dura. Eu sou mais orgulhosa. Eles eram chatos com o dever de</i>	<i>Não. Isso é por mim mesmo. Não. Sofro castigo (fico sem videogame, celular, TV, etc). Sim, possuo algumas dessas regras. Sim, mas hoje não mais. Sim, com punições.</i>	Não. Recebo mais ajuda do meu namorado. Ele é meio nerdzinho. <i>Não. Não. Eu também não fico calada se sou ofendida. Eu geralmente respondo.</i>	<i>Sim. Sim. Nunca apanhei. Tudo ocorria só na base da conversa. Sim. Depois que reprovei a ficha caiu e eu estudo mais para alcançar meus objetivos. Tive uma conversa com meu pai, me comprometendo a não reprovar</i>	<i>Sim, conversam muito. Não. Conversa firme. Sim.</i>	<i>Sim. Inclusive quando eu era do ensino fundamental ainda eu cheguei a fazer reforço escolar. Não. Eu acho que era mais ficar sem o celular, pra focar mais nos estudos. Não tenho um cronograma, mas faço tudo.</i>	<i>Não. No ensino fundamental era uma bronquinha. Mas no ensino médio não. Eu era mais repreendida (que ajudada). Eu era mais cobrada.</i>	<i>Minha mãe sim, meu pai nem tanto. Comecei a ler tarde, no terceiro ano, eu acho. Eles me ajudaram a ler, só que depois que eu comecei a ler, eles só me davam o livro e me falavam “leia e me conta a história depois”.</i>

<p><i>casa, porque eu sempre fui chata de fazer dever de casa, nunca gostei. Eles sempre me perguntavam se havia dever de casa e se eu tinha feito.</i></p> <p><i>Eu apanhava e ficava de castigo mesmo</i></p>			<p><i>mais. Isso me ajudou muito.</i></p> <p><i>Não, muito raramente meus pais demonstraram essa preocupação em melhorar meu rendimento escolar.</i></p>				
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--

B3. Incorporação de comportamentos similares ao habitus escolar no-dia a-dia de casa (leituras)

<p><i>O máximo que eles leem é o que está na internet mesmo.</i></p> <p><i>Não.</i></p>	<p><i>Sim, só internet.</i></p> <p><i>Sim. O diário de uma banana eu li, jogos vorazes. Lia bastante até entrar no IF. Meio que depois de entrar no iF, ele atrapalhou meus hábitos de leitura.</i></p>	<p><i>Não. Internet leem sim. Eu leio sim. Mais por conta do ensino fundamental, no meu círculo de amizade. Minhas amigas liam, me mostravam o que liam e me emprestavam também.</i></p> <p><i>Sim. Geralmente, quando eu gosto de algo e não tenho dinheiro, até peço pra eles. Exemplo: Livros de ficção. As vezes peço, as vezes vejo que não vale</i></p>	<p><i>Não.</i></p> <p><i>Eu tenho começado a ler com mais frequência agora. Mas meus pais compravam sim.</i></p>	<p><i>Sim, com certeza. Leitura Bíblica, livros normais.</i></p> <p><i>Acredito que já leram mais de 100 livros.</i></p> <p><i>Hábito de leitura: sim, até minha entrada no iF. Depois de entrar no iF, não.</i></p>	<p><i>Só na internet mesmo, redes sociais.</i></p> <p><i>Só quando eu era criança mesmo, que sempre tinha né, mais por conta do incentivo da escola. Gibis, essas coisas, eu gostava de ler quando eu era menor.</i></p>	<p><i>Não. Meu pai lê bastante, por conta do trabalho. Minha mãe não.</i></p> <p><i>Eu tenho uma biblioteca pessoal por conta da minha escola anterior (não o IF), que podíamos pegar livros e ficar como doação. Eu gosto bastante de ficção e de Investigação policial. Não vou conseguir me lembrar do último</i></p>	<p><i>Minha mãe acompanha muito jornal, lê bastante. Meu pai ele também estuda bastante, estuda um pouco todo dia. A minha irmã é formada em TI, estuda bastante, acho que ela é a mais inteligente lá de casa.</i></p> <p><i>Eu gosto muito de ler, mas não tenho costume. Mas leio livros, acompanho notícias. Meu pai direto me dava livros para ler.</i></p>
-----------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<i>a pena, e acabo comprando livros de poema (mais baratos). Aí leio a ficção em pdf. Gosto de livros policiais, romances.</i>				<i>que li, porque faz um tempinho.</i>	Achava muito importante que eu lesse bastante, que tivesse conhecimento. <i>Comecei a ler tarde, no terceiro ano, eu acho. Eles me ajudaram a ler, só que depois que eu comecei a ler, eles só me davam o livro e me falavam “leia e me conta a história depois”.</i>
B4. Incorporação de comportamentos similares ao habitus escolar no-dia a-dia de casa (atividades culturais)							
<i>Não. Quando eu era mais nova, eles me levavam ao cinema e ao parque, mas não com muita frequência (uma vez por mês).</i>	<i>Sim, ao cinema. Faz uns 4 anos que não vamos mais.</i>	<i>Não. Geralmente, quando eu quero, eu vou sozinha. Quando eu era mais nova, geralmente me levavam para ir ao cinema.</i> <i>Não. Mas eu sou bem controlada. Não sou de voltar para casa de tarde.</i>	<i>Sim. Idas ao cinema eram frequentes.</i>	<i>Sim, ao cinema, shows de música, jazz, teatro, museu.</i>	<i>Não era costume não. Também era mais por incentivo da escola.</i>	<i>Não.</i>	<i>O meu pai me levava todo ano para feira do livro. Eles gostavam de me levar para teatro, cinema.</i> <i>Até os meus 10 anos sim, depois não mais.</i>

B5. Incorporação de comportamentos similares ao habitus escolar no-dia a-dia de casa (planejamento e organização)

<p>Meus pais não, mas minha irmã e eu desenvolvemos isso na gente, porque a gente não confia na nossa cabeça. Na real, acho que minha irmã tem maior influência na minha formação que os meus pais.</p> <p>Organização: não</p> <p><i>Eu criei um método de estudo próprio pra mim. Ele é bem complexo, porque eu demoro muito para aprender, querendo ser bastante minucioso. É o único jeito que eu consigo aprender também. Eu aprendo anotando muito e fazendo muito exercício. Agora no EaD, meus estudos ficaram menos frequentes, porque é muita coisa.</i></p>	<p><i>Minha mãe sim. Meu pai mais para compras.</i></p> <p>Organização: sim</p>	<p><i>Não. Na verdade não fazia nada, porque eu não contava. Para minha mãe, minha reprovação foi um balde de água fria. Ela nem imaginava.</i></p> <p>Meus pais não. Os documentos são organizados, mas fazer listas de compra, não. A gente é bem comunicativo, mas não fazemos isso (organização) não.</p> <p>Não. A gente chega até atrasado no médico.</p> <p><i>Geralmente de tarde, das 14h as 17h eu estou fazendo o dever. Com as aulas gravadas, me ajuda a rever quando preciso. Mas também atrapalhou porque</i></p>	<p><i>Não muito, a escola anterior era integral.</i></p> <p>Planejamento familiar: Sim. Com frequência.</p>	<p><i>Sim. Criavam um quadrinho de tarefas.</i></p> <p><i>Sim, todo o domingo minha mãe faz esse planejamento. É mais da parte dela que de meu pai.</i></p> <p>Organização: sim.</p>	<p><i>Sim, mas pelo lado da minha mãe.</i></p> <p><i>Só mais minha mãe também. Meu pai é mais desligado. Faz mais lista de gastos.</i></p> <p><i>É também já com minha mãe também. Meu pai não.</i></p>	<p><i>Não, não faziam. Mas acho que conseguia me otimizar melhor com o tempo. Hoje em dia, também, com tudo no celular, fica mais fácil.</i></p> <p><i>Sim, tem bastante. Sempre faz listas, vai anotando tudo, controlando.</i></p> <p><i>O da semana não, mas com respeito às encomendas, anotam tudo. Coisas de compra a gente mantém na cabeça, mas o resto não.</i></p>	<p><i>Eu não vejo muito não.</i></p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------

		<i>não prende a atenção direito. Há barulho aqui em casa (cachorro latindo).</i>					
--	--	----------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--

C. Fatores de natureza institucional/escolares

Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D	Aluno E	Aluno F	Aluno G	Aluno H
C1. Ações pedagógicas de formatação escolar e violência simbólica							
	<i>Lia bastante até entrar no IF. Meio que depois de entrar no iF, ele atrapalhou meus hábitos de leitura.</i>	<i>Eu leio sim. Mais por conta do ensino fundamental, no meu círculo de amizade. Minhas amigas liam, me mostravam o que liam e me emprestavam também.</i>		<i>Hábito de leitura: sim, até minha entrada no iF. Depois de entrar no iF, não.</i>		<i>Eu tenho uma biblioteca pessoal por conta da minha escola anterior (não o IF), que podíamos pegar livros e ficar como doação. Eu gosto bastante de ficção e de Investigação policial. Não vou conseguir me lembrar do último que li, porque faz um tempinho.</i>	
<i>(31: não se sentir a vontade para participar da aula, perguntando algo:) toda vez que falo sinto isso. Eu participo nas aulas dos professores que tenho mais intimidade</i>	<i>Não. Meu medo é basicamente de não conseguir expressar o que quero.</i>	<i>Tenho. No iF acho que não tenha algum professor assim, mas já passei por esse sentimento.</i>	<i>Não. Dependia da aula. Não era muito participativo, mas se tinha dúvida, perguntava.</i>	<i>Não.</i>	<i>Não.</i>	<i>Eu sempre fui uma menina tímida, que pedia até para um colega para perguntar algo pra mim. No ensino médio (IF) eu acho que piorou, porque eu</i>	<i>Não.</i>

						via uns professores dando umas cortadas nos alunos que eu olhada e pensava: NOSSA.	
<i>(32) Eu acho que deve ter acontecido alguma vez, porque eu tenho isso na minha cabeça, mas não me lembro quando</i>	<i>Não.</i>	<i>No IF não, mas fora do iF sim (tipo: como você não sabe desse assunto. Já deveria saber).</i>	<i>Não.</i>	<i>Não me lembro direito, mas acredito que sim, uma vez.</i>	<i>Também não, no caso.</i>	<i>Não, acho que isso nunca aconteceu não. As vezes aconteceu de alguns alunos entregarem escrito e outros impresso, e a professora apontar pro trabalho e dizer: olha gente, esse aqui é um exemplo, entendeu? Só pela estética, porque o conteúdo era o mesmo. E quem entregou escrito ainda teve mais trabalho.</i>	<i>Não.</i>
C2. Questões relacionadas à organização escolar: professores, matérias, avaliações							
					<i>Não, no ensino médio nunca tive problema não. O IFB sempre auxiliou. Eu só tive problema em uma matéria no terceiro ano agora, em uma matéria do</i>	<i>Sim, no IF ficamos sem professor de Educação Física. Esse ano (terceiro ano) a gente ficou sem professor de espanhol no terceiro ano. Passamos o</i>	<i>Ausência de professores: no IF aconteceu com Ed. Física, Sociologia.</i>

					<p>curso, Gestão Ambiental, mas esse problema foi mais por conta de assistência do professor mesmo. Mande e-mail durante o ano letivo todinho e não foi respondido. Nenhum foi respondido.</p> <p>Ausência de professores: só no IF mesmo, em educação física.</p>	terceiro ano sem espanhol.	
<p>(28: acompanhamento de matérias) De maneira nenhuma. Atualmente, só consigo a minoria. Se eu estivesse mais organizada e focada, acredito que conseguiria acompanhar a maioria</p>	<p>Tenho conseguido para a maioria. No EAD eu senti que melhorou muito esse acompanhamento.</p>	<p>Não. Acho que pra maioria, mas sempre fica alguma que falta.</p>	<p>Sim, pra maioria. A realidade é que eu não me adaptei muito ao formato da escola. Era diferente da minha escola anterior. No IF, o formato não era padronizado, exige uma organização maior. Cada professor tem o seu jeito de fazer a prova. O problema não era a data (da prova). As vezes a prova valia quase toda a nota. Isso era diferente da minha escola anterior. A primeira prova</p>	<p>No Primeiro Ano eu consegui acompanhar as matérias. No segundo e terceiro, durante a pandemia, houve muitas disciplinas, muitas matérias, e muito acúmulo de atividades.</p>	<p>Na verdade, quando era presencial eu conseguia acompanhar mais. Mas no EAD, dificultou bastante. É uma quantidade de matérias muito grande e cada professor ia postando sempre os deveres, aí ficavam muitos deveres pendentes, acabava fugindo do prazo. E acontecia que o professor não aceitava alguns, né. Tinha uns que</p>	<p>Não. Eu tento, organizo uma rotina, mas não consigo, ainda mais com ENEM, PAS, concursos. A gente faz uma tabela e olha as notas: essa aqui a gente está aprovada, então esquece. Essa aqui precisamos de nota, então vamos focar nessa. A gente quer acompanhar o ritmo, mas as vezes acompanhar deixa a gente muito mal, deixa as pessoas</p>	<p>O IF era mais exigente que as outras escolas. Mas era tranquilo de pegar o ritmo. A gente podia conversar com os professores. Na pandemia não conseguíamos falar com eles. Faziam meio que a egípcia. Houve uma vez que tive crise de ansiedade por conta de excesso de matéria de uma professora em pouco tempo (uma semana). Depois ela alterou, pois os</p>

			<p><i>valia bem menos que a segunda prova e isso ajudava a gente a recuperar nota.</i></p>		<p><i>não tinha mesmo como acompanhar.</i></p>	<p><i>doentes. Então a gente acaba selecionando para o nosso próprio bem (de saúde). Tinha semanas que eram loucuras. Essas duas últimas semanas eu estava quase ficando louca de tanta coisa que tinha pra entregar. Teve noites que eu dormi só duas horas e minha mãe ficou preocupada. Teve horas que eu nem conseguia comer, de tão ansiosa, o tempo inteiro, que nem conseguia cuidar de mim mesmo. Era só focando ali nos estudos. Eu ia dormir pensando nisso e acordava do nada pensando, se eu dormir agora eu não vou conseguir terminar uma atividade. Não conseguia dormir. Não era só eu, porém conversando com</i></p>	<p><i>alunos reclamaram muito. Em relação à pandemia, era mais fácil. Não dava para acompanhar tudo, mas dava para acompanhar.</i></p>
--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------	--	------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

						<i>os novos alunos que chegaram (calouros), muitos relataram a mesma coisa. Reprovaram e desistiram do IF.</i>	
--	--	--	--	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

						<p><i>Então, quando era presencial eu não sentia isso, acho que pelo calor com meus amigos, tinha apoio, e acabei me afastando um pouco dos meus colegas do fundamental. Geralmente a gente tinha essa passagem: 404 → 604 → 414. Eu não fiz isso, fui pro IF. Nesse ano voltei a falar com eles. Nossa, eu me senti tão deslocada em comparação a eles. IFB você tem que viver para o IFB, só pra aquilo, pra tentar passar de ano, se dedicar tudo para aquilo. Mas (conversando com meus amigos) eu me senti um pouco ultrapassada do que uma escola do GDF, justamente porque não tendo uma cobrança tão grande, eles conseguiram expandir o nível</i></p>	<p><i>No primeiro ano eu me sentia mais segura, porque a amiga X estava lá e a gente era amiga.</i></p>
--	--	--	--	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------

						<p><i>dele para outras áreas. Alguns fizeram curso de informática. Outros já garantiram experiência trabalhando meio período. E assim, alguns que trabalharam, guardaram dinheiro para pagar a própria faculdade, ou já estão pagando seus cursos.</i></p>	
<p><i>(30) Não. O linguajar não, mas acho que tinha muito professor que, por exemplo,</i></p>	<p><i>Não.</i></p>	<p><i>Eu não lembro agora. Eu acho que sim, mas a gente sempre pergunta, pede</i></p>	<p><i>Não.</i></p>	<p><i>Alguns professores sim, sobretudo para professores de matéria técnica,</i></p>	<p><i>Não. Sempre achei tranquilo.</i></p>	<p><i>Sim. Alguns sim. Teve professores que eu tinha que procurar sites para entender, alguns</i></p>	<p><i>Não. Difícil de entender não.</i></p>

<p><i>de matéria técnica, que não dava uma diluída no conteúdo, chegava com o termo técnico e não explicava o termo técnico. As matérias técnicas são as mais pesadas em termos de conteúdo, deveriam ser mais diluídas.</i></p>		<p><i>para explicar de forma diferente. Eu acho que alguns foram assim.</i></p>		<p><i>com linguajar diferente.</i></p>		<p><i>artigos com linguagem avançada (de nível superior?). Esse problema eram mais nas matérias técnicas, as vezes em biologia, e houve uma professora que nos deu um texto em inglês, e ela não tinha a tradução do texto, e entregou pra gente e disse: traduzam.</i></p>	
<p><i>Sim. Eu acho que sim, mas mexeu bastante com o meu psicológico. Eu queria medicina antes de entrar no ensino médio. Então fui pro IF, porque minha mãe me disse que não tinha condições de pagar uma escola privada para mim.</i></p>	<p><i>Sim.</i></p>	<p><i>Sim. No geral sim.</i></p>	<p><i>Sim.</i></p>	<p><i>Sim, mas pode melhorar. Deveria ter formulário eletrônico para dar um feedback sobre professores. Durante a pandemia a turma se sentiu largada.</i></p>	<p><i>Sim. Eu acho muito boa a estrutura do IF, auxílio.</i></p>	<p><i>Então, no primeiro ano eu gostava bastante. Agora, chegando no terceiro ano posso te falar que me arrependi um pouco, fiquei bem triste, ainda mais quando fiquei me comparando com os meus colegas (do E Fundamental) que assim, já estão na universidade, estudando, pagando. Eu me senti bem passada pra trás, assim, em questão de tudo. Queria ter feito mais cursos,</i></p>	

						<i>línguas, um curso melhor de informática, de administração, mas não tive tempo de fazer nada nesse período, por conta do IF.</i>	
<i>Eu acho que organização em relação a conteúdo para ser botado para os alunos. Sobretudo no EaD, que aumentou ainda mais a carga de trabalho em casa. No presencial já era muito conteúdo, tendo todo dia alguma coisa para entregar. No EaD duplicou. Faltou uma organização maior, um guia, de forma que tivemos que conversar com os professores para conseguirmos algum arranjo melhor. Maior padronização para consideração de nota. Há professor que dá uma nota valendo 7 e um dever valendo 2. Aí é muito</i>	<i>Nada a declarar</i>	<i>Baseado no EAD. Faltou mais compreensão e mais empatia. É porque aconteceram umas coisas aí.</i>	<i>Eu reprovei porque as matérias semestrais eu fiquei e não fiz a recuperação. Não fiz a recuperação e não tive chances de recuperar. No final do ano não consegui passar em matemática e química.</i>		<i>Eu acho que faltou assistência dos professores em algumas matérias, sobretudo no EAD. No presencial a gente achava os professores nos corredores. Acontece acúmulos de matérias, mas não considero um problema.</i>	<i>Faltou organização de alguns professores. Alguns professores só lançaram nota no último dia de aula. A gente não tinha muita noção se eu tinha que melhorar naquele conteúdo ou não. Falta de feedback. O acúmulo de matérias. Tinha professor que passava atividades toda semana, e outros passavam atividades muito difíceis em uma única vez. Toda essa diferença de formas acumulava e virava uma coisa de louco. Aí perguntava: por que vocês não foram ao atendimento? Como é que vai,</i>	

<p><i>conteúdo para uma nota só. Enquanto que outros fazem as notas mais diluídas.</i></p>						<p><i>tendo que dar conta de tanta coisa ao mesmo tempo. No primeiro ano pareceu mais fácil porque você conseguia conversar com o professor olho no olho. Na pandemia, a gente mandava e-mail e o professor nem respondia. No primeiro ano tinha o problema, mas a gente conseguia resolver mais facilmente. Terapia, psicólogo nem passava pela minha cabeça antes de entrar no IF. Quando chegamos no IFB, parece que ficou algo essencial. Falávamos com nossos calouros isso, avisando que poderiam desenvolver coisas (problemas psicológicos) que você mesmo nem se imagina. No IF virava uma bomba, ficava se comparando, pensando eu vou</i></p>	
--------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

						<p><i>ficar pra trás, vou ficar pra trás. Não era uma coisa de esforço. A gente se esforçava, mas sempre ficava pra trás. Sem que contar que no período de EAD alguns tiveram realmente que trabalhar, porque as coisas ficaram bem pesadas em casa. A galera não dorme, não come e chega no final, ainda não consegue passar.</i></p>	
C3. Desenvolvimento de distúrbios psicológicos							
<p><i>(29) Eu me sinto deslocada em sala de aula, mas sei que eu tenho que passar pela escola. Não sei se é fobia social, mas eu não gosto de estar no ambiente de sala de aula, estando no meio de muitas pessoas, com todo mundo me olhando ali.</i></p> <p><i>Sim. Eu acho que sim, mas mexeu</i></p>		<p><i>As vezes sim. As vezes penso em desistir de tudo, ir para outra escola.</i></p>				<p><i>A gente quer acompanhar o ritmo, mas as vezes acompanhar deixa a gente muito mal, deixa as pessoas doentes. Então a gente acaba selecionando para o nosso próprio bem (de saúde). Tinha semanas que eram loucuras. Essas duas últimas semanas eu estava quase</i></p>	<p><i>Houve uma vez que tive crise de ansiedade por conta de excesso de matéria de uma professora em pouco tempo (uma semana). Depois ela alterou, pois os alunos reclamaram muito. Em relação à pandemia, era mais fácil. Não dava para acompanhar tudo, mas dava para acompanhar.</i></p>

<i>bastante com o meu psicológico.</i>						<i>ficando louca de tanta coisa que tinha pra entregar. Teve noites que eu dormi só duas horas e minha mãe ficou preocupada. Teve horas que eu nem conseguia comer, de tão ansiosa, o tempo inteiro, que nem conseguia cuidar de mim mesmo. Era só focando ali nos estudos. Eu ia dormir pensando nisso e acordava do nada pensando, se eu dormir agora eu não vou conseguir terminar uma atividade. Não conseguia dormir. Não era só eu, porém conversando com os novos alunos que chegaram (calouros), muitos relataram a mesma coisa. Reprovaram e desistiram do IF.</i> <i>Terapia, psicólogo nem passava pela minha cabeça</i>	
----------------------------------------	--	--	--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

						<p><i>antes de entrar no IF. Quando chegamos no IFB, parece que ficou algo essencial. Falávamos com nossos calouros isso, avisando que poderiam desenvolver coisas (problemas psicológicos) que você mesmo nem se imagina. No IF virava uma bomba, ficava se comparando, pensando eu vou ficar pra trás, vou ficar pra trás. Não era uma coisa de esforço. A gente se esforçava, mas sempre ficava pra trás. Sem que contar que no período de EAD alguns tiveram realmente que trabalhar, porque as coisas ficaram bem pesadas em casa. A galera não dorme, não come e chega no final, ainda não consegue passar.</i></p> <p><i>Sim. Tem dias que eu extrapolo até</i></p>
--	--	--	--	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

						<p><i>meus horários de estudo, aí no outro dia não consigo. Mas geralmente sim, seguia meus horários com rigor, com hora para começar e terminar. O ruim é quando não tem hora para terminar, indo para além do limite do corpo.</i></p>	
<p>C4. Instrumentos escolares de apoio a alunos com dificuldade (avaliação diagnóstica, atendimento ao aluno, monitorias pelos estudantes, auxílios financeiros)</p>							
<p><i>(23) Não. A primeira vez que eu fiz av. diagnóstica foi no IF, e no online por conta da pandemia.</i></p>	<p><i>Sim, em matemática e português.</i></p>	<p><i>Não.</i></p>	<p><i>Sim, alguns faziam. Alguns só faziam revisão.</i></p>	<p><i>Não, a maioria não fazia.</i></p>	<p><i>Não. Não era costume não.</i></p>	<p><i>Sim. Geralmente na primeira e segunda semana de aula eram apenas as avaliações diagnósticas.</i></p>	
					<p><i>Sim. Eu acho muito boa a estrutura do IF, auxílio.</i></p>		
<p><i>(26) Sim, todos os professores. Não vou muito a atendimentos, mas os que eu fui me atenderam bem</i></p>	<p><i>Sim</i></p>	<p><i>Sim. Geralmente terça-feira.</i></p>	<p><i>Sim. Tinha até mais coisas.</i></p>	<p><i>Sim.</i></p>	<p><i>Sim. Só vim a conhecer esse negócio de atendimento no IFB. Monitoria, a assistência do IFB é muito boa.</i></p>	<p><i>Sim. Mas o que acontece é o seguinte: Alguns alunos deixam de ir ao atendimento, porque no horário que eles deveriam estar indo eles estão tentando correr atrás de</i></p>	<p><i>Não.</i></p>

						<p><i>uma outra matéria porque é muita coisa, muita coisa. As vezes, em vez de melhorar uma matéria específica, a gente está correndo atrás de não ficar pra trás em uma outra matéria. Assim, no EM comum, no 1º semestre tem algumas matérias e no outro tem outras matérias, para não sobrecarregar o aluno. No IFB são mais de 20 matérias no ano, mudando pouquíssimas de um ano para o outro.</i></p>	
C5. Diferenças entre escola anterior e instituição recente							
<p><i>(27) Não muito. Muita coisa no IF eu já havia visto no colégio Bi ângulo. No IF, o problema é que há as matérias regulares e mais as do ensino técnico.</i></p>	<p><i>Sim, um pouco mais exigente.</i></p>	<p><i>Eu considero o IF mais exigente.</i></p>	<p><i>Achei similar na cobrança.</i></p>	<p><i>Sim, um pouco mais exigente.</i></p>	<p><i>Acredito que ele é puxado, mas não fica me cobrando não. Eu que tenho que por mim mesmo me cobrar.</i></p>	<p><i>É sim, demais. A cobrança é muito diferente. As outras eram mais flexíveis.</i></p>	<p><i>Sim. Eu não ia muito ao atendimento.</i></p>
<p><i>(24) Não que eu me lembre. No IF, só ocorreu durante</i></p>	<p><i>Sim, em matemática e em física</i></p>	<p><i>Não que eu me lembre. Acho até que seria uma boa ideia fazer.</i></p>	<p><i>Não.</i></p>	<p><i>Para algumas sim. Em português e matemática.</i></p>	<p><i>Também Não.</i></p>	<p><i>Sim, alguns fizeram.</i></p>	<p><i>Não.</i></p>

<i>o ensino não presencial.</i>							
<i>(25) No colégio Biângulo sim (estudei 2 anos nele).</i>	<i>Não</i>	<i>Não.</i>	<i>Sim, no Anchieta.</i>	<i>Não.</i>	<i>Não.</i>	<i>Alguns professores faziam atendimento no pátio da escola e eram bons. Isso corria porque as salas estavam ocupadas com alunos de manhã e de tarde.</i>	<i>No IF sim, no começo do segundo ano, nas aulas online alguns fizeram. No primeiro ano eu não me lembro de ter tido.</i>
<i>(33: preconceito) Sim, pela cor da pele</i>	<i>Sim, por causa do meu peso, isso no ensino Fundamental.</i>	<i>Já. Eu acho que frequentemente. Era mais no ensino fundamental. No iF eu não sofri isso. No fundamental eu parecia um bichinho.</i>	<i>Não, nunca sofri.</i>	<i>Sim, no ensino fundamental, por conta do meu cabelo e da minha altura</i>	<i>Não.</i>	<i>No EFundamental sim, por conta do cabelo (eu alisava), ficava meio alto ainda e o pessoal ficava falando.</i>	<i>No terceiro ano do fundamental sim, por questões religiosas (eu era católica e uma menina evangélica falou “nossa, então não sou mais sua amiga, e não falou mais comigo”). E depois essa menina me zoava quando eu errava em sala: tinha que ser católica. No IF não.</i>
<i>(34) Foi mais nas anteriores, mas eu me senti excluída algumas vezes no IF</i>	<i>Nunca sofri.</i>	<i>Foi mais nas anteriores.</i>	<i>Não, nunca sofri.</i>	<i>Sim, no primeiro ano do IF houve sim um caso, e a coordenação não soube trabalhar o problema direito.</i>	<i>Não.</i>	<i>Não, no IF não.</i>	<i>Não.</i>

Anexo 3. Entrevista com o coordenador de curso

Parte 1: Guião de entrevista ao coordenador de curso

Feita a apresentação dos resultados, foram feitas duas perguntas norteadoras:

1. Qual a sua percepção acerca dos resultados?
2. Quais sugestões o Coordenador apresenta para a solução dos problemas levantados?

Parte 2: Análise de Conteúdo

Percepção da realidade estudantil nos casos de insucesso e falas em defesa dos estudantes

“A realidade deles é muito diferente da realidade que nós tivemos enquanto alunos”.

“Por outro lado, tudo bem que você irá procurar um professor. Vou fazer uma conta rápida. Em média uma turma do ensino médio tem 15 disciplinas. Dá pra ver que não dá para ir ao atendimento de todo mundo. Mesmo que você esteja completamente disposto, não há tempo suficiente na semana para todos os professores darem atendimento na semana em horários disjuntos. Existe uma sobrecarga nesse sentido que pode ser contornável. Não é necessários todos os alunos estarem em todos os atendimentos, claro. Mas quando a coisa aperta, juntou 4 disciplinas que ele precisa atendimento, mas as outras que ele precisa manter o ritmo, dá uma desandada.”

“Até porque os pais, pela formação, eles conseguem fazer esse atendimento com eles. Há pai que é professor de língua portuguesa. O pai tem uma comunicação muito mais eficiente com o filho”.

“Durante a pandemia, cara, houve problemas nesse atendimento. É uma crítica que eu faço aos próprios colegas. Teve uns atendimentos que eram feitos de uma maneira assim... não tem como tirar dúvida por e-mail do professor. Vou procurar 80 vídeos no YouTube antes de mandar um e-mail para o professor.”

Defesa da escola

“Em qual outra escola a gente tem atendimento? No GDF eu desconheço”.

“Mediador virtual, durante a pandemia. Auxílio para tablet, chips, do pessoal da CDAE, CGEN, Cestas básicas tb. O IF tem políticas de assistência.”

Proposição de soluções

“Uma coisa que me ocorreu agora é que o resultado tem uma certa relação com algo que eu conversei com o diretor de ensino há um tempo atrás. No caso, no ato do registro, fazer uma anamnese, traçar o perfil do aluno no primeiro dia, no dia zero, para gente já ter um fator de risco. Uma estatística.”

“Por mais estranho que pareça, pais separados, pode ser um fator de risco. Escolaridade dos pais (só nível médio, fator de risco). Fazer um mapeamento pelo menos. Algo que me ocorre também, não obrigando, mas convidando a trazer o histórico escolar para uma análise prévia de matérias com dificuldade.”

“Eu ajudo a fazer a parte estatística da Anamnese. Análise de risco, baseado em vários fatores.”

Anexo 4. Transcrição na íntegra das entrevistas aos estudantes

ENTREVISTAS

Estudante A

PARTE 1: Questões Gerais, para caracterização dos grupos de sucesso/insucesso educativos

50. Você cursou o ensino fundamental em qual tipo de escola?

R. Maior parte em escola particular (primeiro ao quinto ano). Do sexto ao sétimo ano no colégio Bi ângulo (também particular). No oitavo e nono ano em escola pública (CEF 04, Taguatinga).

51. Qual é o nome da escola em que você concluiu o ensino fundamental? Caso tenha estudado em mais de uma escola, por favor, coloque o nome de todas elas.

R. Do primeiro ao quinto ano em escola privada pequena. Do sexto ao sétimo ano no colégio Bi ângulo (também particular). No oitavo e nono ano em escola pública (CEF 04, Taguatinga).

52. Você já teve a experiência de reprovação alguma vez em sua vida?

R. Sim, no IF.

53. Você já teve a experiência de ficar em dependência alguma vez em sua vida?

R. Sim, no IF. Nos outros colégios, fiz mais recuperação.

Diferença do IF para outras escolas:

R. Um: Teve no quesito de que uma era ensino médio. Dois: O ensino médio é integrado com o técnico e isso é um pouco mais puxado. Três: a rotina, que mudou bastante. A vida pessoal teve que mudar bastante por conta do IF. Não só o IF, mas no terceiro ano ainda há o IF, mas ENEM, PAS, outros vestibulares.

PARTE 2: Fatores determinantes do sucesso educacional

54. Quanto é a renda financeira mensal de sua família?

R. Entre 2 mil e 3 mil reais.

55. A renda de sua família é suficiente para que você utilize seu tempo apenas para se dedicar aos estudos?

R. Eu faço, porque eu acho mais fácil eu conseguir dinheiro para fazer o que eu quero do que pedir. Aqui em casa, tem a minha mãe, meu padrasto e minha irmã que trabalham. E a minha irmã ganha pensão do meu pai (por conta minha e do meu irmão). A pensão é usada para pagar conta e comprar coisas necessárias, comida, internet, essas coisas. Já fiz a monitoria no IF e atualmente abri uma loja virtual no Instagram. A loja eu abri a algum tempo, mas ainda não postei nenhum produto.

Em outras palavras, tem desejo de trabalhar para ter o próprio dinheiro, mas não fez nada efetivamente.

56. **Sua família possui acesso a uma conexão de internet suficiente para atender todas suas necessidades educacionais (aulas remotas síncronas, vídeo-aulas, pesquisas e leituras)?** (a. Sim. Ela me atende completamente; b. Ela me atende parcialmente; c. Não, ela não me atende)
57. **Quando você teve dificuldade com alguma matéria e seus pais não a dominavam bem, eles chegaram a pagar por algum reforço escolar?**
R. Não. Geralmente, quando tenho dificuldade eu tento estudar sozinha ou recorro ao professor.
58. **Seus pais têm interesse que você curse algum curso superior?**
R. Sim.
59. **Seus pais já mencionaram a você que poderiam pagar sua formação superior em uma faculdade privada, caso você não consiga aprovação em uma universidade pública?**
R. Não. Eles não falam isso porque eu acredito que eles não tem condições de bancar os estudos.
60. **Seus pais têm recursos financeiros para manter seus estudos em uma faculdade privada?**
R. Não.

B. Fatores de Background/capital cultural familiar

61. **Qual o nível de escolaridade de seu pai?**
R. Tem ensino técnico. Não fez o ensino médio. Fez o ensino fundamental e pulou direto para o técnico (ele pulou o ensino médio e fez o técnico direto. Técnico de ensino fundamental?)
62. **Qual o nível de escolaridade de sua mãe?**
R. Ela tem ensino médio. Ela está fazendo formação técnica agora, mas não sei se terminou. Minha irmã tem o ensino superior (administração).
63. **Seus pais têm costume (diário) de leitura? (ex.: livros, revistas, jornais, internet)?**
R. O máximo que eles leem é o que está na internet mesmo.
64. **Seus pais têm costume de comprar livros para você?**
R. Não.
65. **Seus pais lhe levam a alguma atividade cultural com frequência (ex.: cinema, teatro, apresentações culturais)?**
R. Não. Quando eu era mais nova, eles me levavam ao cinema e ao parque, mas não com muita frequência (uma vez por mês).
66. **Seus pais controlam o seu tempo na frente da televisão ou do videogame para que, no seu dia, você tenha tempo para estudar?**
R. Eles eram chatos com o dever de casa, porque eu sempre fui chata de fazer dever de casa, nunca gostei. Eles sempre me perguntavam se havia dever de casa e se eu tinha feito.

67. **Quando você tira alguma nota baixa, seus pais demonstram preocupação e interesse em ajudar de alguma forma para que seu rendimento melhore?**
R. Eu apanhava e ficava de castigo mesmo.
68. **Seus pais utilizam a linguagem escrita com frequência em casa (para organizar listas de compras, de gastos, planejamento semanal e mensal, para organização de fotos, contas, documentos, calendário)?**
R. Meus pais não, mas minha irmã e eu desenvolvemos isso na gente, porque a gente não confia na nossa cabeça. Na real, acho que minha irmã tem maior influência na minha formação que os meus pais.
69. **Seus pais têm o costume de planejar suas atividades na semana/mês e organizar o tempo?**
R. Não.
70. **Com qual idade você começou a frequentar o ambiente escolar?**
R. Eu me lembro que minha mãe me colocou na escola com 2 ou 3 anos.

C. Fatores de natureza institucional/escolares

Aberta 1: **Na escola, você sentiu alguma forma de preconceito ou de exclusão em sala de aula? Pode falar a respeito? Não precisa ser apenas no IF.**

R. Já. Já/ Eu sofri bastante *bullying* nas escolas que eu estudei. Eu estudei em 4 escolas só. Sofri bastante preconceito pela cor da minha pele. Isso também interfere em relação ao meu comportamento em sala de aula, em relação com os professores, em estudar em casa. Interfere bastante. Acho que já superei.

Sobre Educação online: Algumas coisas foram boas, outras não. O meu jeito de estudar se adaptou bem ao online. Desvantagens: falta de contato com a turma e a falta de rotina, ela muda. No online eu tenho uma liberdade maior de estudo, mas em compensação não tenho uma rotina, e é muito difícil criar uma rotina por si mesmo, do zero.

71. **Em sua trajetória escolar, você já passou pela experiência de não ter algum professor de português ou matemática por algum tempo do ano letivo (por exemplo: ausência de professor de uma dessas matérias por um mês)?**
R. Aconteceu sim, mas eu não me lembro onde foi. Acho que foi na escola pública.
72. **Os professores da sua escola anterior faziam avaliação diagnóstica no início do ano letivo, para saber se sua turma estava preparada para aprender conhecimentos novos?**
R. Não. A primeira vez que eu fiz av. diagnóstica foi no IF, e no online por conta da pandemia.
73. **Os professores da sua escola atual fizeram avaliação diagnóstica no início do seu primeiro ano, para saber se todos de sua turma estavam preparados para aprender conhecimentos do ensino médio?**
R. Não que eu me lembre. Só ocorreu no IF, durante o ensino não presencial.
74. **A escola que você estudou criava oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**
R. No colégio Bi ângulo sim (estudei 2 anos nele).

75. **A escola que você estuda atualmente cria oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**

R. Sim, todos os professores. Não vou muito a atendimentos, mas os que eu fui me atenderam bem.

76. **A sua escola atual é muito diferente da sua escola anterior, em termos de exigência?**

R. Não muito. Muita coisa no IF eu já havia visto no colégio Bi ângulo. No IF, o problema é que há as matérias regulares e mais as do ensino técnico.

77. **Na escola atual, você consegue acompanhar em seus estudos todas as matérias do semestre letivo se organizar para estudá-las?**

R. De maneira nenhuma. Atualmente, só consigo a minoria. Se eu estivesse mais organizada e focada, acredito que conseguiria para a maioria.

78. **As vezes você se sente deslocado na sala de aula, ou escola, achando que o seu lugar não é ali?** R. Eu me sinto deslocada em sala de aula, mas sei que eu tenho que passar pela escola. Não sei se é fobia social, mas eu não gosto de estar no ambiente de sala de aula, estando no meio de muitas pessoas, com todo mundo me olhando ali.

79. **O professor ou escola utiliza um linguajar diferente da sua família, difícil de entender?** R. Não. O linguajar não, mas acho que tinha muito professor que, por exemplo, de matéria técnica, que não dava uma diluída no conteúdo, chegava com o termo técnico e não explicava o termo técnico. As matérias técnicas são as mais pesadas em termos de conteúdo, deveriam ser mais diluídas.

80. **Você sente (ou já sentiu) algum medo ou vergonha ou medo de ser humilhado ao participar verbalmente em sala de aula, perguntando algo?**

R. toda vez que falo sinto isso. Eu participo nas aulas dos professores que tenho mais intimidade.

81. **Você já sofreu algum tipo de preconceito em sala de aula, seja por não saber algum conteúdo, por não o entender, ou por fazer a atividade de forma diferente à maneira que foi exigida?**

R. Eu acho que deve ter acontecido alguma vez, porque eu tenho isso na minha cabeça, mas não me lembro quando.

82. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola anterior?** R. Sim, pela cor da pele.

83. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola atual?** R. Foi mais nas anteriores, mas eu me senti excluída algumas vezes no IF.

84. **Você se sente feliz em estudar na sua escola atual?** R. Sim. Eu acho que sim, mas mexeu bastante com o meu psicológico. Eu queria medicina antes de entrar no ensino médio. Então fui pro IF, porque minha mãe me disse que não tinha condições de pagar uma escola privada para mim.

Aberta 2: **Na sua opinião, o que falta na escola para que seu rendimento escolar seja melhor?** Questão aberta.

R. Eu acho que organização em relação a conteúdo para ser botado para os alunos. Sobretudo no EaD, que aumentou ainda mais a carga de trabalho em casa. No presencial já era muito conteúdo, tendo todo dia alguma coisa para entregar. No EaD duplicou. Faltou uma organização maior, um guia, de forma que tivemos que conversar com os professores para conseguirmos algum arranjo melhor. Maior padronização para consideração de nota. Há professor que dá uma nota valendo 7 e um dever valendo 2. Aí é muito conteúdo para uma nota só. Enquanto que outros fazem as notas mais diluídas.

D. Arranjos familiares específicos de sucesso/insucesso escolar (15 min)

85. No atual momento, você convive com os seus pais?

R. Com a mãe e o padrasto.

86. Seus pais conversam com você sobre a importância de se estudar, demonstrando que estudar algo muito importante?

R. Eles cobram mais do que conversam. Tá estudando? Acho bom, hein?

87. Você considera que seus pais são presentes em exigir que você estude em casa e tire boas notas?

R. meu pai sim. Minha mãe, se passou passou, ótimo. Meu pai, se tirar 9,9 não é nota.

88. Seus pais (ou qualquer familiar) conseguem ver suas atividades escolares com alguma frequência?

R. Só quando ficava de recuperação. Tinha que mostrar o caderno, o dever feito.

89. Você e seus irmãos convivem com regras em casa desde cedo (ex.: Possuem horário para dormir, para fazer o dever de casa, etc)?R. não. A gente tem limite de horário. Tipo, não pode ficar acordado até 3 da manhã. As vezes a hora de dormir era quando minha mae chegava. Dizia: tá na hora de dormir, vamos dormir.

90. Caso você tire alguma nota baixa, seus pais (ou algum familiar) o ajudam a melhorar as notas, estando mais presentes no acompanhamento dos estudos?

R. Atualmente não.

91. Quando você tira notas baixas, sofre algum tipo de punição física ou verbal?

R. Sim, castigo e algumas vezes eu apanhei também. A gente apanhava todo dia também, quando criança. E apanhar não resolveu também. Só me deixou mais casca dura. Eu sou mais orgulhosa.

92. Você possui regras próprias sobre estudo (por exemplo: possui horários específicos para estudo, estuda todo o dia, faz suas tarefas sem precisar dos pais cobrarem)? R. Eu criei um método de estudo próprio pra mim. Ele é bem complexo, porque eu demoro muito para aprender, querendo ser bastante minucioso. É o único jeito que eu consigo aprender também. Eu aprendo anotando muito e fazendo muito exercício. Agora no EaD, meus estudos ficaram menos frequentes, porque é muita coisa.

93. Seus pais leem com você algum livro (ex.: bíblia, alcorão, histórias em quadrinho, etc)? R. não.

94. Você consegue estudar em casa? R. raramente. Tem muito barulho.

95. Você pensa em prosseguir com os estudos depois do ensino médio? R. sim.

96. **Seus pais falam com você com frequência sobre sua formação superior?** R. pretendo entrar em algum curso híbrido (EaD) e cursar enquanto estudo pra medicina.

97. **Qual curso você gostaria de fazer?** R. Se não for medicina, algo em biológicas, com laboratório.

Aberta 3. **Na sua opinião, o que faltou para que você não reprovasse (tivesse bom rendimento)?**

R. Estrutura psicológica. Acho que a vida pessoal, família.

Aberta 4. **Na sua opinião, onde falta mais para que você tenha bom rendimento (em casa, na escola, em sua cultura/comportamento de estudo...)?**

R. Eu acho que, atualmente, me livrar desse peso depressivo que eu estou. Durante a quarentena eu entrei em uma crise de depressão de as vezes não querer sair da cama. Aí, isso me faz não quer estudar. E se eu não estudo, dá crise de ansiedade, e da ansiedade, depressão. Vira uma bola de neve. E estamos vivendo assim o terceiro ano, desde o primeiro bimestre.

Na hora que vou começar a fazer, bate um desanimo, entro em crise e quando vejo estou na cama chorando e escudando música.

Estudante B

PARTE 1: Questões Gerais, para caracterização dos grupos de sucesso/insucesso educativos

1. **Você cursou o ensino fundamental em qual tipo de escola?**

R. Todo em escola pública.

2. **Qual é o nome da escola em que você concluiu o ensino fundamental? Caso tenha estudado em mais de uma escola, por favor, coloque o nome de todas elas.**

R. Escola Classe 614 (1º ai 4º ano) e CEF 404 (5º ao 9º).

3. **Você já teve a experiência de reprovação alguma vez em sua vida?**

R. Sim, duas vezes. Uma vez na minha 3ª/4ª série (EC 614) e a outra vez no IF.

4. **Você já teve a experiência de ficar em dependência alguma vez em sua vida?**

R. Sim, no CEF 404.

PARTE 2: Fatores determinantes do sucesso educacional

5. **Quanto é a renda financeira mensal de sua família?**

R. Renda de R\$ 3.500 reais (B).

6. **A renda de sua família é suficiente para que você utilize seu tempo apenas para se dedicar aos estudos?**

R. Sim, apenas preciso estudar. Mas pedem para ajudar de alguma forma, para ter minhas próprias coisas.

7. **Sua família possui acesso a uma conexão de internet suficiente para atender todas suas necessidades educacionais (aulas remotas síncronas, vídeo-aulas, pesquisas e leituras)?**
R. Sim, ela é boa.
8. **Quando você teve dificuldade com alguma matéria e seus pais não a dominavam bem, eles chegaram a pagar por algum reforço escolar?**
R. Sim, no CEF (terceira série).
9. **Seus pais têm interesse que você curse algum curso superior?**
R. Não.
10. **Seus pais já mencionaram a você que poderiam pagar sua formação superior em uma faculdade privada, caso você não consiga aprovação em uma universidade pública?**
R. Não.
11. **Seus pais têm recursos financeiros para manter seus estudos em uma faculdade privada?**
R. Eu não sei. Não comentam muito.

B. Fatores de Background/capital cultural familiar

12. **Qual o nível de escolaridade de seu pai?**
R. Tem o ensino médio completo.
13. **Qual o nível de escolaridade de sua mãe?**
R. Tem o ensino fundamental completo e médio incompleto. Trabalha como autônoma. É manicure.
- Há alguma pessoa que você convive com frequência (vizinho, parente) e que possui nível superior?**
R. Não.
14. **Seus pais têm costume (diário) de leitura? (ex.: livros, revistas, jornais, internet)?**
R. Sim, só internet.
15. **Seus pais têm costume de comprar livros para você?**
R. Sim. O diário de uma banana eu li, jogos vorazes. O iF atrapalhou meus hábitos de leitura.
16. **Seus pais lhe levam a alguma atividade cultural com frequência (ex.: cinema, teatro, apresentações culturais)?**
R. Sim, ao cinema. Faz uns 4 anos que não vamos mais.
17. **Seus pais controlam o seu tempo na frente da televisão ou do videogame para que, no seu dia, você tenha tempo para estudar?**
R. Sim, mas hoje não mais.
18. **Quando você tira alguma nota baixa, seus pais demonstram preocupação e interesse em ajudar de alguma forma para que seu rendimento melhore?**
R. Sim, com punições.

19. **Seus pais utilizam a linguagem escrita com frequência em casa (para organizar listas de compras, de gastos, planejamento semanal e mensal, para organização de fotos, contas, documentos, calendário)?**

R. Minha mãe sim. Meu pai mais para compras.

20. **Seus pais têm o costume de planejar suas atividades na semana/mês e organizar o tempo?**

R. Sim.

21. **Com qual idade você começou a frequentar o ambiente escolar?**

R. Com 4/5 anos. Desde a creche.

C. Fatores de natureza institucional/escolares

Aberta 1: **Na escola, você sentiu alguma forma de preconceito ou de exclusão em sala de aula? Pode falar a respeito? Não precisa ser apenas no IF.**

R.

22. **Em sua trajetória escolar, você já passou pela experiência de não ter algum professor de português ou matemática por algum tempo do ano letivo (por exemplo: ausência de professor de uma dessas matérias por um mês)?**

R. Não. Só no IF em educação física.

23. **Os professores da sua escola anterior faziam avaliação diagnóstica no início do ano letivo, para saber se sua turma estava preparada para aprender conhecimentos novos?**

R. Sim, em matemática e português.

24. **Os professores da sua escola atual fizeram avaliação diagnóstica no início do seu primeiro ano, para saber se todos de sua turma estavam preparados para aprender conhecimentos do ensino médio?**

R. Sim, em matemática e em física.

25. **A escola que você estudou criava oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**

R. Não.

26. **A escola que você estuda atualmente cria oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**

R. Sim.

27. **A sua escola atual é muito diferente da sua escola anterior, em termos de exigência?**

R. Sim, um pouco mais exigente.

28. **Na escola atual, você consegue acompanhar em seus estudos todas as matérias do semestre letivo se organizar para estudá-las?**

R. Tenho conseguido para a maioria. No EAD eu senti que melhorou muito esse acompanhamento.

29. **As vezes você se sente deslocado na sala de aula, ou escola, achando que o seu lugar não é ali?**
R. Não muitas vezes.
30. **O professor ou escola utiliza um linguajar diferente da sua família, difícil de entender?**
R. Não.
31. **Você sente (ou já sentiu) algum medo ou vergonha ou medo de ser humilhado ao participar verbalmente em sala de aula, perguntando algo?**
R. Não. Meu medo é basicamente de não conseguir expressar o que quero.
32. **Você já sofreu algum tipo de preconceito em sala de aula, seja por não saber algum conteúdo, por não o entender, ou por fazer a atividade de forma diferente à maneira que foi exigida?**
R. Não.
33. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola anterior?** R. Sim, por causa do meu peso, isso no ensino Fundamental.
34. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola atual?** R. Nunca sofri.
35. **Você se sente feliz em estudar na sua escola atual?** R. Sim.

Aberta 2: **Na sua opinião, o que falta na escola para que seu rendimento escolar seja melhor?** Questão aberta.

R. Nada a declarar.

D. Arranjos familiares específicos de sucesso/insucesso escolar (15 min)

36. **No atual momento, você convive com os seus pais?**
R. Sim, com ambos.
37. **Seus pais conversam com você sobre a importância de se estudar, demonstrando que estudar algo muito importante?**
R. Sim.
38. **Você considera que seus pais são presentes em exigir que você estude em casa e tire boas notas?**
R. Sim. Pra eles, se eu passar, está tranquilo.
39. **Seus pais (ou qualquer familiar) conseguem ver suas atividades escolares com alguma frequência?**
R. Sim. Iam à escola e perguntavam se estava tudo bem comigo.
40. **Você e seus irmãos convivem com regras em casa desde cedo (ex.: Possuem horário para dormir, para fazer o dever de casa, etc)?**
R. Sim, com o horário de dormir principalmente.

41. **Caso você tire alguma nota baixa, seus pais (ou algum familiar) o ajudam a melhorar as notas, estando mais presentes no acompanhamento dos estudos?**
R. Não. Isso é por mim mesmo.
42. **Quando você tira notas baixas, sofre algum tipo de punição física ou verbal?**
R. Não. Sofro castigo (fico sem videogame, celular, TV, etc).
43. **Você possui regras próprias sobre estudo (por exemplo: possui horários específicos para estudo, estuda todo o dia, faz suas tarefas sem precisar dos pais cobrarem)?**
R. Sim, possuo algumas dessas regras.
44. **Seus pais leem com você algum livro (ex.: bíblia, alcorão, histórias em quadrinho, etc)?**
R. Não.
45. **Você consegue estudar em casa?** R. Não.
46. **Você pensa em prosseguir com os estudos depois do ensino médio?** R. Sim, pretendo ir para concurso público. Curso superior no momento não.
47. **Seus pais falam com você com frequência sobre sua formação superior?** R. Não.
48. **Qual curso você gostaria de fazer?** R. Concurso público

Aberta 3. **Na sua opinião, o que faltou para que você não reprovasse (tivesse bom rendimento)?**

R. Faltou organização, muita matéria acumulada. Muita matéria, muita demanda. Era diferente das escolas anteriores. Eu também viajava muito, perdia o fio da meada dos assuntos. (foco? Concentração?)

Aberta 4. **Na sua opinião, onde falta mais para que você tenha bom rendimento (em casa, na escola, em sua cultura/comportamento de estudo...)?**

R. Faltou mais cultura, comportamento de estudo. Faltou a cultura de organização do tempo.

(Faltou a cultura de organizar o tempo. Acredito que seja a tradição da escola que ensina matéria, mas não ensina a estudar, se organizar)

Estudante C

PARTE 1: Questões Gerais, para caracterização dos grupos de sucesso/insucesso educativos

1. **Você cursou o ensino fundamental em qual tipo de escola?**
R. Todo em escola pública.

2. **Qual é o nome da escola em que você concluiu o ensino fundamental? Caso tenha estudado em mais de uma escola, por favor, coloque o nome de todas elas.**

R. CEF 504 de Samambaia.

3. **Você já teve a experiência de reprovação alguma vez em sua vida?**

R. Sim, só no IF. Nunca tive reprovação no fundamental. Reprovei mais por questão psicológica mesmo. O IF contribuiu para essa questão psicológica.

4. **Você já teve a experiência de ficar em dependência alguma vez em sua vida?**

R. Sim, só no IF.

PARTE 2: Fatores determinantes do sucesso educacional

5. **Quanto é a renda financeira mensal de sua família?**

R. Renda de R\$ 2.100,00 (até dois salários mínimos).

6. **A renda de sua família é suficiente para que você utilize seu tempo apenas para se dedicar aos estudos?**

R. Trabalho, eu não preciso. As vezes a gente inteira aqui em casa. É que eu recebo auxílio no IF (acho que é uns 200 reais no mês). Eu não sou de gastar muito, sou muito murrinha, e faço o dinheiro sobrar no mês.

7. **Sua família possui acesso a uma conexão de internet suficiente para atender todas suas necessidades educacionais (aulas remotas síncronas, vídeo-aulas, pesquisas e leituras)?**

R. Ela é suficiente. Ela é boa.

8. **Quando você teve dificuldade com alguma matéria e seus pais não a dominavam bem, eles chegaram a pagar por algum reforço escolar?**

R. Não. (Quando eu tenho dificuldade), eu estudo tudo no YouTube, no Google. Agora no IF, eu vou aos atendimentos.

9. **Seus pais têm interesse que você curse algum curso superior?**

R. Sim, bastante. Minha mãe, principalmente.

10. **Seus pais já mencionaram a você que poderiam pagar sua formação superior em uma faculdade privada, caso você não consiga aprovação em uma universidade pública?**

R. Minha mãe fala, quer até eu curse medicina, mas não dá não. Eu coloquei biologia.

11. **Seus pais têm recursos financeiros para manter seus estudos em uma faculdade privada?**

R. Eu acho que não. Por mais que falem, a gente sabe a realidade.

B. Fatores de Background/capital cultural familiar

12. **Qual o nível de escolaridade de seu pai?**

R. Tem o ensino médio completo.

13. **Qual o nível de escolaridade de sua mãe?**

R. Tem o ensino fundamental completo.

14. **Seus pais têm costume (diário) de leitura? (ex.: livros, revistas, jornais, internet)?**

R. Não. Internet leem sim. Eu leio sim. Mais por conta do ensino fundamental, no meu círculo de amizade. Minhas amigas liam, me mostravam o que liam e me emprestavam também.

15. Seus pais têm costume de comprar livros para você?

R. Sim. Geralmente, quando eu gosto de algo e não tenho dinheiro, até peço pra eles. Exemplo: Livros de ficção. As vezes peço, as vezes vejo que não vale a pena, e acabo comprando livros de poema (mais baratos). Aí leio a ficção em pdf. Gosto de livros policiais, romances.

16. Seus pais lhe levam a alguma atividade cultural com frequência (ex.: cinema, teatro, apresentações culturais)?

R. Não. Geralmente, quando eu quero, eu vou sozinha. Quando eu era mais nova, geralmente me levavam para ir ao cinema.

17. Seus pais controlam o seu tempo na frente da televisão ou do videogame para que, no seu dia, você tenha tempo para estudar?

R. Não. Mas eu sou bem controlada. Não sou de voltar para casa de tarde.

18. Quando você tira alguma nota baixa, seus pais demonstram preocupação e interesse em ajudar de alguma forma para que seu rendimento melhore?

R. Não. Na verdade não fazia nada, porque eu não contava. Para minha mãe, minha reprovação foi um balde de água fria. Ela nem imaginava.

19. Seus pais utilizam a linguagem escrita com frequência em casa (para organizar listas de compras, de gastos, planejamento semanal e mensal, para organização de fotos, contas, documentos, calendário)?

R. Meus pais não. Os documentos são organizados, mas fazer listas de compra, não. A gente é bem comunicativo, mas não fazemos isso não.

20. Seus pais têm o costume de planejar suas atividades na semana/mês e organizar o tempo?

R. Não. A gente chega até atrasado no médico.

21. Com qual idade você começou a frequentar o ambiente escolar?

R. Não lembro. Vou perguntar à minha mãe. Eu comecei a ir à escola com 6 anos.

C. Fatores de natureza institucional/escolares

Aberta 1: **Na escola, você sentiu alguma forma de preconceito ou de exclusão em sala de aula? Pode falar a respeito? Não precisa ser apenas no IF.**

R.

22. Em sua trajetória escolar, você já passou pela experiência de não ter algum professor de português ou matemática por algum tempo do ano letivo (por exemplo: ausência de professor de uma dessas matérias por um mês)?

R. Sim, umas duas vezes.

23. **Os professores da sua escola anterior faziam avaliação diagnóstica no início do ano letivo, para saber se sua turma estava preparada para aprender conhecimentos novos?**
R. Não.
24. **Os professores da sua escola atual fizeram avaliação diagnóstica no início do seu primeiro ano, para saber se todos de sua turma estavam preparados para aprender conhecimentos do ensino médio?**
R. Não que eu me lembre. Acho até que seria uma boa ideia fazer.
25. **A escola que você estudou criava oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**
R. Não.
26. **A escola que você estuda atualmente cria oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**
R. Sim. Geralmente terça-feira.
27. **A sua escola atual é muito diferente da sua escola anterior, em termos de exigência?**
R. Eu considero o iF mais exigente.
28. **Na escola atual, você consegue acompanhar em seus estudos todas as matérias do semestre letivo se organizar para estudá-las?**
R. Não. Acho que pra maioria, mas sempre fica alguma que falta.
29. **As vezes você se sente deslocado na sala de aula, ou escola, achando que o seu lugar não é ali?**
R. As vezes sim. As vezes penso em desistir de tudo, ir para outra escola.
30. **O professor ou escola utiliza um linguajar diferente da sua família, difícil de entender?**
R. Eu não lembro agora. Eu acho que sim, mas a gente sempre pergunta, pede para explicar de forma diferente. Eu acho que alguns foram assim.
31. **Você sente (ou já sentiu) algum medo ou vergonha ou medo de ser humilhado ao participar verbalmente em sala de aula, perguntando algo?**
R. Tenho. No iF acho que não tenha algum professor assim, mas já passei por esse sentimento.
32. **Você já sofreu algum tipo de preconceito em sala de aula, seja por não saber algum conteúdo, por não o entender, ou por fazer a atividade de forma diferente à maneira que foi exigida?**
R. No IF não, mas fora do iF sim (tipo: como você não sabe desse assunto. Já deveria saber).
33. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola anterior?** R. Já. Eu acho que frequentemente. Era mais no ensino fundamental. No iF eu não sofri isso. No fundamental eu parecia um bichinho.

34. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola atual?** R. Foi mais nas anteriores.
35. **Você se sente feliz em estudar na sua escola atual?** R. Sim. No geral sim.

Aberta 2: **Na sua opinião, o que falta na escola para que seu rendimento escolar seja melhor?** Questão aberta.

R. Baseado no EAD. Faltou mais compreensão e mais empatia. É porque aconteceram umas coisas aí.

D. Arranjos familiares específicos de sucesso/insucesso escolar (15 min)

36. **No atual momento, você convive com os seus pais?**
R. Com a mãe e o padrasto.
37. **Seus pais conversam com você sobre a importância de se estudar, demonstrando que estudar algo muito importante?**
R. Sim.
38. **Você considera que seus pais são presentes em exigir que você estude em casa e tire boas notas?**
R. Sim. Mesmo eu não falando muito, eles veem, perguntam.
39. **Seus pais (ou qualquer familiar) conseguem ver suas atividades escolares com alguma frequência?**
R. Não. No fundamental sim. Tinha uma frequência, mas não tanta.
40. **Você e seus irmãos convivem com regras em casa desde cedo (ex.: Possuem horário para dormir, para fazer o dever de casa, etc)?**
R. não. A gente dorme a hora que quiser. Minha irmã dormiu ontem as 3h da manhã.
41. **Caso você tire alguma nota baixa, seus pais (ou algum familiar) o ajudam a melhorar as notas, estando mais presentes no acompanhamento dos estudos?**
R. Não. Recebo mais ajuda do meu namorado. Ele é meio nerdzinho.
42. **Quando você tira notas baixas, sofre algum tipo de punição física ou verbal?**
R. Não. Não. Eu também não fico calada se sou ofendida. Eu geralmente respondo.
43. **Você possui regras próprias sobre estudo (por exemplo: possui horários específicos para estudo, estuda todo o dia, faz suas tarefas sem precisar dos pais cobrarem)?**
R. Geralmente de tarde, das 14h as 17h eu estou fazendo o dever. Com as aulas gravadas, me ajuda a rever quando preciso. Mas também atrapalhou porque não prende a atenção direito. Há barulho aqui em casa (cachorro latindo).
44. **Seus pais leem com você algum livro (ex.: bíblia, alcorão, histórias em quadrinho, etc)?**
R. não.
45. **Você consegue estudar em casa?** R. Não. Mesmo na cozinha, que é mais afastada na casa, ainda tem muito barulho. Ou seja, consigo algumas vezes.
46. **Você pensa em prosseguir com os estudos depois do ensino médio?** R. sim.

47. **Seus pais falam com você com frequência sobre sua formação superior?** R. Já falaram, mas não com muita frequência.
48. **Qual curso você gostaria de fazer?** R. Biológicas, mais para biotecnologia.

Aberta 3. Na sua opinião, o que faltou para que você não reprovasse (tivesse bom rendimento)?

R. Eu acho que faltou, mais de mim, talvez mais me organizar. Eu, na verdade, nunca aprendi algo sobre me organizar, nunca me ensinaram. As coisas parecem uma avalanche. Eu não lembro de muita coisa do primeiro ano. Senti uma ansiedade.

Aberta 4. Na sua opinião, onde falta mais para que você tenha bom rendimento (em casa, na escola, em sua cultura/comportamento de estudo...)?

R. Eu acho que é mais em casa mesmo (no EAD). Menos barulho. O povo aqui conversa alto demais, faz as coisas falando, batem palma. No EAD eu desenvolvi uma fobia social. As vezes eu não consigo falar com uma pessoa presencialmente e começava a gaguejar. Na escola, a gente conversa com as pessoas. No EAD, não. Quando a gente voltou para algumas aulas práticas, nossa, não sabia conversar com ninguém.

Fora do EAD (nos dois primeiros anos), acho que era mais... assim. Eu sou uma pessoa que somatizo muito as coisas. Tinha professor que eu sentia que não gostava de mim. Sempre que eu vou fazer um dever, alguma coisa, ficava com ansiedade de fazer tudo certinho, pra não ter problema na matéria. Acreditava que alguns professores me marcavam.

Estudante D

PARTE 1: Questões Gerais, para caracterização dos grupos de sucesso/insucesso educativos

1. **Você cursou o ensino fundamental em qual tipo de escola?**
R. Todo em escola Privada.
2. **Qual é o nome da escola em que você concluiu o ensino fundamental? Caso tenha estudado em mais de uma escola, por favor, coloque o nome de todas elas.**
R. Anchieta (integral) e Logos. Estudei com um colega do IFB nesse período, o estudante X.
3. **Você já teve a experiência de reprovação alguma vez em sua vida?**
R. Sim, só no IF.
4. **Você já teve a experiência de ficar em dependência alguma vez em sua vida?**
R. Não.

PARTE 2: Fatores determinantes do sucesso educacional

5. **Quanto é a renda financeira mensal de sua família?**
R. 5 mil reais por mês.
6. **A renda de sua família é suficiente para que você utilize seu tempo apenas para se dedicar aos estudos?**

R. Sim. Tenho uma irmã também, que trabalha em TI, na PEPSI.

7. **Sua família possui acesso a uma conexão de internet suficiente para atender todas suas necessidades educacionais (aulas remotas síncronas, vídeo-aulas, pesquisas e leituras)?**

R. Ela é suficiente. Ela é boa.

8. **Quando você teve dificuldade com alguma matéria e seus pais não a dominavam bem, eles chegaram a pagar por algum reforço escolar?**

R. Não. (Quando eu tenho dificuldade), eu estudo tudo no YouTube, no Google. Agora no iF, eu vou aos atendimentos.

9. **Seus pais têm interesse que você curse algum curso superior?**

R. Sim, bastante. Minha mãe, principalmente.

10. **Seus pais já mencionaram a você que poderiam pagar sua formação superior em uma faculdade privada, caso você não consiga aprovação em uma universidade pública?**

R. Minha mãe fala, quer até eu curse medicina, mas não dá não. Eu coloquei biologia.

11. **Seus pais têm recursos financeiros para manter seus estudos em uma faculdade privada?**

R. Eu acho que não. Por mais que falem, a gente sabe a realidade.

B. Fatores de Background/capital cultural familiar

12. **Qual o nível de escolaridade de seu pai?**

R. Tem o ensino médio completo.

13. **Qual o nível de escolaridade de sua mãe?**

R. Tem superior, formada em pedagogia.

14. **Seus pais têm costume (diário) de leitura? (ex.: livros, revistas, jornais, internet)?**

R. Não.

15. **Seus pais têm costume de comprar livros para você?**

R. Eu tenho começado a ler com mais frequência agora. Mas meus pais compravam sim.

16. **Seus pais lhe levam a alguma atividade cultural com frequência (ex.: cinema, teatro, apresentações culturais)?**

R. Sim. Idas ao cinema eram frequentes.

17. **Seus pais controlam o seu tempo na frente da televisão ou do videogame para que, no seu dia, você tenha tempo para estudar?**

R. Não muito, a escola era integral.

18. **Quando você tira alguma nota baixa, seus pais demonstram preocupação e interesse em ajudar de alguma forma para que seu rendimento melhore?**

R. Sim. Pagavam reforço.

19. **Seus pais utilizam a linguagem escrita com frequência em casa (para organizar listas de compras, de gastos, planejamento semanal e mensal, para organização de fotos, contas, documentos, calendário)?**

R. Não, muito raramente meus pais demonstraram essa preocupação em melhorar meu rendimento escolar

20. **Seus pais têm o costume de planejar suas atividades na semana/mês e organizar o tempo?**

R. Sim. Com frequência.

21. **Com qual idade você começou a frequentar o ambiente escolar?**

R. Desde a creche.

C. Fatores de natureza institucional/escolares

Aberta 1: **Na escola, você sentiu alguma forma de preconceito ou de exclusão em sala de aula? Pode falar a respeito? Não precisa ser apenas no IF.**

R.

22. **Em sua trajetória escolar, você já passou pela experiência de não ter algum professor de português ou matemática por algum tempo do ano letivo (por exemplo: ausência de professor de uma dessas matérias por um mês)?**

R. Não.

23. **Os professores da sua escola anterior faziam avaliação diagnóstica no início do ano letivo, para saber se sua turma estava preparada para aprender conhecimentos novos?**

R. Sim, alguns faziam. Alguns só faziam revisão.

24. **Os professores da sua escola atual fizeram avaliação diagnóstica no início do seu primeiro ano, para saber se todos de sua turma estavam preparados para aprender conhecimentos do ensino médio?**

R. Não.

25. **A escola que você estudou criava oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**

R. Sim, no Anchieta.

26. **A escola que você estuda atualmente cria oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**

R. Sim. Tinha até mais coisas.

27. **A sua escola atual é muito diferente da sua escola anterior, em termos de exigência?**

R. Achei a cobrança similar.

28. **Na escola atual, você consegue acompanhar em seus estudos todas as matérias do semestre letivo se organizar para estudá-las?**

R. Sim, pra maioria. A realidade é que eu não me adaptei muito ao formato da escola. Era diferente da minha escola anterior. No IF, o formato não era padronizado, exige uma organização maior. Cada professor tem o seu jeito de fazer a prova. O problema não era a data (da prova). As vezes a prova valia quase toda a nota. Isso era diferente da minha escola anterior. A primeira prova valia bem menos que a segunda prova e isso ajudava a gente a recuperar nota.

29. **As vezes você se sente deslocado na sala de aula, ou escola, achando que o seu lugar não é ali?**

R. Não me sentia deslocado.

30. **O professor ou escola utiliza um linguajar diferente da sua família, difícil de entender?**

R. Não.

31. **Você sente (ou já sentiu) algum medo ou vergonha ou medo de ser humilhado ao participar verbalmente em sala de aula, perguntando algo?**

R. Não. Dependia da aula. Não era muito participativo, mas se tinha dúvida, perguntava..

32. **Você já sofreu algum tipo de preconceito em sala de aula, seja por não saber algum conteúdo, por não o entender, ou por fazer a atividade de forma diferente à maneira que foi exigida?**

R. Não.

33. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola anterior?** R. Não, nunca sofri.

34. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola atual?** R. Não, nunca sofri.

35. **Você se sente feliz em ter estudado no IF?** R. Sim.

Aberta 2: **Na sua opinião, o que falta na escola para que seu rendimento escolar seja melhor?** Questão aberta.

R. Eu reprovei porque as matérias semestrais eu fiquei e não fiz a recuperação. Não fiz a recuperação e não tive chances de recuperar. No final do ano não consegui passar em matemática e química.

D. Arranjos familiares específicos de sucesso/insucesso escolar (15 min)

36. **No atual momento, você convive com os seus pais?**

R. Sim, com os dois.

37. **Seus pais conversam com você sobre a importância de se estudar, demonstrando que estudar algo muito importante?**

R. Sim.

38. **Você considera que seus pais são presentes em exigir que você estude em casa e tire boas notas?**

R. Sim.

39. **Seus pais (ou qualquer familiar) conseguem ver suas atividades escolares com alguma frequência?**
R. Sim. Tinha até aplicativo da escola (E Fundamental). Minha mãe acompanhava.
40. **Você e seus irmãos convivem com regras em casa desde cedo (ex.: Possuem horário para dormir, para fazer o dever de casa, etc)?**
R. Sim. Tem regras.
41. **Caso você tire alguma nota baixa, seus pais (ou algum familiar) o ajudam a melhorar as notas, estando mais presentes no acompanhamento dos estudos?**
R. Sim.
42. **Quando você tira notas baixas, sofre algum tipo de punição física ou verbal?**
R. Sim. Nunca apanhei. Tudo ocorria só na base da conversa.
43. **Você possui regras próprias sobre estudo (por exemplo: possui horários específicos para estudo, estuda todo o dia, faz suas tarefas sem precisar dos pais cobrarem)?**
R. Sim. Depois que reprovei a ficha caiu e eu estudo mais para alcançar meus objetivos. Tive uma conversa com meu pai, me comprometendo a não reprovar mais. Isso me ajudou muito.
44. **Seus pais leem com você algum livro (ex.: bíblia, alcorão, histórias em quadrinho, etc)?**
R. Sim. Somos católico praticantes. Vamos à missa.
45. **Você consegue estudar em casa?** R. Sim.
46. **Você pensa em prosseguir com os estudos depois do ensino médio?** R. sim.
47. **Seus pais falam com você com frequência sobre sua formação superior?** R. Sim.
48. **Qual curso você gostaria de fazer?** R. Ciências da Computação

Aberta 3. **Na sua opinião, o que faltou para que você não reprovasse (tivesse bom rendimento)?**

R.

Aberta 4. **Na sua opinião, onde falta mais para que você tenha bom rendimento (em casa, na escola, em sua cultura/comportamento de estudo...)?**

R.

Estudante E

PARTE 1: Questões Gerais, para caracterização dos grupos de sucesso/insucesso educativos

1. **Você cursou o ensino fundamental em qual tipo de escola?**

R. Particular até o 4º ano; Público do 5º ao 9º ano.

2. **Qual é o nome da escola em que você concluiu o ensino fundamental? Caso tenha estudado em mais de uma escola, por favor, coloque o nome de todas elas.**

R. Gotas de amor (São Paulo) – Particular; CEF 410 e 412 de Samambaia

3. **Você já teve a experiência de reprovação alguma vez em sua vida?**

R. Não.

4. **Você já teve a experiência de ficar em dependência alguma vez em sua vida?**

R. Uma vez, em artes, no 7º ano.

PARTE 2: Fatores determinantes do sucesso educacional

5. **Quanto é a renda financeira mensal de sua família?**

R. Renda entre 4 e 7 salários mínimos (cerca de 6 mil reais, considerando que o pai é professor da secretaria de educação).

6. **A renda de sua família é suficiente para que você utilize seu tempo apenas para se dedicar aos estudos?**

R. Sim, apenas preciso estudar.

7. **Sua família possui acesso a uma conexão de internet suficiente para atender todas suas necessidades educacionais (aulas remotas síncronas, vídeo-aulas, pesquisas e leituras)?**

R. Sim, ela é boa.

8. **Quando você teve dificuldade com alguma matéria e seus pais não a dominavam bem, eles chegaram a pagar por algum reforço escolar?**

R. Nunca precisei. Meu pai é ainda formado em língua portuguesa, e minha mãe me ajudava em matemática. Na verdade, a minha mãe até me ajudava mais. Meus pais eram sempre participativos na vida escolar. Iam sempre à reunião de pais.

9. **Seus pais têm interesse que você curse algum curso superior?**

R. Sim.

10. **Seus pais já mencionaram a você que poderiam pagar sua formação superior em uma faculdade privada, caso você não consiga aprovação em uma universidade pública?**

R. Sim, dependendo do curso. Meus pais valorizam muito a questão do estudo.

11. **Seus pais têm recursos financeiros para manter seus estudos em uma faculdade privada?**

R. Sim, dependendo do curso.

B. Fatores de Background/capital cultural familiar

12. **Qual o nível de escolaridade de seu pai?**

R. Possui ensino superior completo em língua portuguesa. Ele é professor de português da SEED, GDF.

13. **Qual o nível de escolaridade de sua mãe?**

R. Possui ensino médio completo. Trabalha com contabilidade.

Há alguma pessoa que você convive com frequência (vizinho, parente) e que possui nível superior? NÃO PERGUNTEI

R.

14. **Seus pais têm costume (diário) de leitura? (ex.: livros, revistas, jornais, internet)?**

R. Sim, com certeza. Leitura Bíblica, livros normais. Acredito que já leram mais de 100 livros

15. **Seus pais têm costume de comprar livros para você?**

R. Sim, até minha entrada no iF. Depois de entrar no iF, não.

16. **Seus pais lhe levam a alguma atividade cultural com frequência (ex.: cinema, teatro, apresentações culturais)?**

R. Sim, ao cinema, shows de música, jazz, teatro, museu.

17. **Seus pais controlam o seu tempo na frente da televisão ou do videogame para que, no seu dia, você tenha tempo para estudar?**

R. Sim. Criavam um quadrinho de tarefas.

18. **Quando você tira alguma nota baixa, seus pais demonstram preocupação e interesse em ajudar de alguma forma para que seu rendimento melhore?**

R. Sim.

19. **Seus pais utilizam a linguagem escrita com frequência em casa (para organizar listas de compras, de gastos, planejamento semanal e mensal, para organização de fotos, contas, documentos, calendário)?**

R. Sim, todo o domingo minha mãe faz esse planejamento. É mais da parte dela que de meu pai.

20. **Seus pais têm o costume de planejar suas atividades na semana/mês e organizar o tempo?**

R. Sim.

21. **Com qual idade você começou a frequentar o ambiente escolar?**

R. Desde a pré-escola (4 anos).

C. Fatores de natureza institucional/escolares

Aberta 1: **Na escola, você sentiu alguma forma de preconceito ou de exclusão em sala de aula? Pode falar a respeito? Não precisa ser apenas no IF.**

R.

22. **Em sua trajetória escolar, você já passou pela experiência de não ter algum professor de português ou matemática por algum tempo do ano letivo (por exemplo: ausência de professor de uma dessas matérias por um mês)?**

R. Sim, de professor de ciências naturais (ensino fundamental).

23. **Os professores da sua escola anterior faziam avaliação diagnóstica no início do ano letivo, para saber se sua turma estava preparada para aprender conhecimentos novos?**

R. Não, a maioria não fazia.

24. **Os professores da sua escola atual fizeram avaliação diagnóstica no início do seu primeiro ano, para saber se todos de sua turma estavam preparados para aprender conhecimentos do ensino médio?**

R. Para algumas sim. Em português e matemática.

25. **A escola que você estudou criava oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**

R. Não.

26. **A escola que você estuda atualmente cria oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**

R. Sim.

27. **A sua escola atual é muito diferente da sua escola anterior, em termos de exigência?**

R. Sim, um pouco mais exigente.

28. **Na escola atual, você consegue acompanhar em seus estudos todas as matérias do semestre letivo se organizar para estudá-las?**

R. No Primeiro Ano eu consegui acompanhar as matérias. No segundo e terceiro, durante a pandemia, houve muitas disciplinas, muitas matérias, e muito acúmulo de atividades.

29. **As vezes você se sente deslocado na sala de aula, ou escola, achando que o seu lugar não é ali?**

R. Não muitas vezes.

30. **O professor ou escola utiliza um linguajar diferente da sua família, difícil de entender?**

R. Alguns professores sim, sobretudo para professores de matéria técnica, com linguajar diferente.

31. **Você sente (ou já sentiu) algum medo ou vergonha ou medo de ser humilhado ao participar verbalmente em sala de aula, perguntando algo?**

R. Não.

32. **Você já sofreu algum tipo de preconceito em sala de aula, seja por não saber algum conteúdo, por não o entender, ou por fazer a atividade de forma diferente à maneira que foi exigida?**

R. Não me lembro direito, mas acredito que sim, uma vez.

33. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola anterior?** R. Sim, no ensino fundamental, por conta do meu cabelo e da minha altura.

34. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola atual?** R. Sim, no primeiro ano do IF houve sim um caso, e a coordenação não soube trabalhar o problema direito.

35. **Você se sente feliz em estudar na sua escola atual?** R. Sim, mas pode melhorar. Deveria ter formulário eletrônico para dar um feedback sobre professores. Durante a pandemia a turma se sentiu largada.

Aberta 2: **Na sua opinião, o que falta na escola para que seu rendimento escolar seja melhor?** Questão aberta.

R. Então, acompanhamento já tem. Poderia reduzir um pouco a carga de atividades. A quantidade de matérias. Por exemplo, a gente no terceiro bimestre deixou a escola de lado para dar conta dos vestibulares, do ENEM, PAS. Muitas vezes me sentia assustada/paralisada por pensar de não conseguir dar conta daquilo.

D. Arranjos familiares específicos de sucesso/insucesso escolar (15 min)

36. **No atual momento, você convive com os seus pais?**
R. Sim, com ambos.
37. **Seus pais conversam com você sobre a importância de se estudar, demonstrando que estudar algo muito importante?**
R. Sim.
38. **Você considera que seus pais são presentes em exigir que você estude em casa e tire boas notas?**
R. Sim.
39. **Seus pais (ou qualquer familiar) conseguem ver suas atividades escolares com alguma frequência?**
R. Sim.
40. **Você e seus irmãos convivem com regras em casa desde cedo (ex.: Possuem horário para dormir, para fazer o dever de casa, etc)?**
R. Sim, sempre tivemos.
41. **Caso você tire alguma nota baixa, seus pais (ou algum familiar) o ajudam a melhorar as notas, estando mais presentes no acompanhamento dos estudos?**
R. Sim, conversam muito.
42. **Quando você tira notas baixas, sofre algum tipo de punição física ou verbal?**
R. Não. Conversa firme.
43. **Você possui regras próprias sobre estudo (por exemplo: possui horários específicos para estudo, estuda todo o dia, faz suas tarefas sem precisar dos pais cobrarem)?**
R. Sim.
44. **Seus pais leem com você algum livro (ex.: bíblia, alcorão, histórias em quadrinho, etc)?**
R. Sim. Leio a bíblia sozinha e nos cultos domésticos.
45. **Você consegue estudar em casa?** R. Na maioria das vezes sim, mas é que tenho obrigações em casa também, por conta da pandemia.
46. **Você pensa em prosseguir com os estudos depois do ensino médio?** R. Sim.

47. **Seus pais falam com você com frequência sobre sua formação superior?** R. Sim.

48. **Qual curso você gostaria de fazer?** R. Gostaria de mexer com laboratório, com Biomedicina.

Detalhes sobre o ensino médio durante a pandemia:

Na época da COVID eu notei muita dificuldade de comunicação com os professores. Não conseguíamos conversar com os professores. Não respondiam e-mail.

Havia um fluxo: do representante (eu), eu passava a informação para o professor conselheiro e ele levava para os professores. A maioria das respostas que recebíamos de nossas demandas eram negativas e o argumento recebido era que era direito do professor não fazer aquilo (ex.: solicitamos um encontro síncrono para tirar dúvidas, que não acontecia). Professores não respondiam nem o google class, e-mail, as respostas só viam 4 dias depois.

Tivemos dificuldades de comunicação com a coordenação de curso e com professores individuais.

Tivemos um outro problema com a declaração de conclusão de curso. No começo, nos disseram que não precisávamos de horas-extras para concluirmos o curso. Depois, nos foi informado na última semana de aula que precisávamos de horas-extra para obtermos diploma. Algumas pessoas simplesmente não tinham. Esse assunto não estava esclarecido.

Ficamos chateados, nos deu a sensação de que ninguém se importava. Formamos por nós mesmos.

Minhas críticas: quantidade de atividades em excesso. Os professores foram insensíveis com atividades, colocando muitas atividades no mesmo dia. Quando reclamávamos, recebíamos a resposta de que era direito deles. Muitas atividades não eram simples, mas demandavam muitas páginas de leitura. Foram os dois anos assim.

Pedimos uma certa flexibilização de atividades durante a época dos vestibulares e PAS. Simplesmente não flexibilizaram. Não cumpriram com os pedidos da coordenação e da direção. A resposta que recebíamos era “se virem para entregar no prazo”.

Isso decepcionou muito a gente. Era para nos apoiar, mas nos abandonaram. Houve professor que só apareceu duas vezes no ano inteiro.

Durante o conselho de classe, na minha fala, eu estava falando e fui cortada por um professor literalmente. Houve agressividade total e ninguém interveio em nosso favor. Ao final da reunião, alguns professores vieram nos consolar, entretanto outros não nos escutaram, mas disseram que não tínhamos o direito de reclamar.

Por fim, diante de toda essa situação, nós quisemos só nos formar.

Estudante F

PARTE 1: Questões Gerais, para caracterização dos grupos de sucesso/insucesso educativos

1. **Você cursou o ensino fundamental em qual tipo de escola?**

R. Sempre Particular. Só saí dela pra ir no IFB.

2. **Qual é o nome da escola em que você concluiu o ensino fundamental? Caso tenha estudado em mais de uma escola, por favor, coloque o nome de todas elas.**

R. CE Logos, 508 de Samambaia

3. **Você já teve a experiência de reprovação alguma vez em sua vida?**

R. Nunca

4. **Você já teve a experiência de ficar em dependência alguma vez em sua vida?**

R. Sim, só no IFB, no primeiro ano.

PARTE 2: Fatores determinantes do sucesso educacional

5. **Quanto é a renda financeira mensal de sua família?**

R. A gente chega até 5 mil reais – C

6. **A renda de sua família é suficiente para que você utilize seu tempo apenas para se dedicar aos estudos?**

R. Acredito que sim. Mas eu trabalho. Eu queria trabalhar e estudar, pra me manter.

7. **Sua família possui acesso a uma conexão de internet suficiente para atender todas suas necessidades educacionais (aulas remotas síncronas, vídeo-aulas, pesquisas e leituras)?**

R. Sim, tranquilo. E o IF me forneceu chip de dados para internet, e é bom mesmo. Aguenta de boa.

8. **Quando você teve dificuldade com alguma matéria e seus pais não a dominavam bem, eles chegaram a pagar por algum reforço escolar?**

R. Não, no ensino médio nunca tive problema não. O IFB sempre auxiliou. Eu só tive problema em uma matéria no terceiro ano agora, em uma matéria do curso, Gestão Ambiental, mas esse problema foi mais por conta de assistência do professor mesmo. Mandei e-mail durante o ano letivo todinho e não foi respondido. Nenhum foi respondido

9. **Seus pais têm interesse que você curse algum curso superior?**

R. Sim.

10. **Seus pais já mencionaram a você que poderiam pagar sua formação superior em uma faculdade privada, caso você não consiga aprovação em uma universidade pública?**

R. Não é bem o intuito não. Ficaria puxado. O objetivo mesmo é seguir na faculdade pública

11. **Seus pais têm recursos financeiros para manter seus estudos em uma faculdade privada?**

R. Não. Não tem como não. É bem caro.

B. Fatores de Background/capital cultural familiar

12. **Qual o nível de escolaridade de seu pai?**

R. Meu pai terminou o ensino médio. Ele fez cursos técnicos de manipulação de produtos naturais

13. **Qual o nível de escolaridade de sua mãe?**

R. Minha mãe cursou o fundamental. Até o sétimo ano

14. **Seus pais têm costume (diário) de leitura? (ex.: livros, revistas, jornais, internet)?**

R. Só na internet mesmo, redes sociais.

15. **Seus pais têm costume de comprar livros para você?**

R. Só quando eu era criança mesmo, que sempre tinha né, mais por conta do incentivo da escola. Gibis, essas coisas, eu gostava de ler quando eu era menor.

16. **Seus pais lhe levam a alguma atividade cultural com frequência (ex.: cinema, teatro, apresentações culturais)?**
R. Não era costume não. Também era mais por incentivo da escola.
17. **Seus pais controlam o seu tempo na frente da televisão ou do videogame para que, no seu dia, você tenha tempo para estudar?**
R. Sim, mais pelo lado da minha mãe.
18. **Quando você tira alguma nota baixa, seus pais demonstram preocupação e interesse em ajudar de alguma forma para que seu rendimento melhore?**
R. Sim. Inclusive quando eu era do ensino fundamental ainda eu cheguei a fazer reforço escolar.
19. **Seus pais utilizam a linguagem escrita com frequência em casa (para organizar listas de compras, de gastos, planejamento semanal e mensal, para organização de fotos, contas, documentos, calendário)?**
R. Só mais minha mãe também. Meu pai é mais desligado. Faz mais lista de gastos.
20. **Seus pais têm o costume de planejar suas atividades na semana/mês e organizar o tempo?**
R. É também já com minha mãe também. Meu pai não.
21. **Com qual idade você começou a frequentar o ambiente escolar?**
R. 4 anos.

C. Fatores de natureza institucional/escolares

Aberta 1: **Na escola, você sentiu alguma forma de preconceito ou de exclusão em sala de aula? Pode falar a respeito? Não precisa ser apenas no IF.**

22. **Em sua trajetória escolar, você já passou pela experiência de não ter algum professor de português ou matemática por algum tempo do ano letivo (por exemplo: ausência de professor de uma dessas matérias por um mês)?**
R. Não. Só no IF mesmo, em educação física.
23. **Os professores da sua escola anterior faziam avaliação diagnóstica no início do ano letivo, para saber se sua turma estava preparada para aprender conhecimentos novos?**
R. Não. Não era costume não.
24. **Os professores da sua escola atual fizeram avaliação diagnóstica no início do seu primeiro ano, para saber se todos de sua turma estavam preparados para aprender conhecimentos do ensino médio?**
R. Também não.

25. **A escola que você estudou criava oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**
R. Não.
26. **A escola que você estuda atualmente cria oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**
R. Sim. Só vim a conhecer esse negócio de atendimento no IFB. Monitoria, a assistência do IFB é muito boa
27. **A sua escola atual é muito diferente da sua escola anterior, em termos de exigência?**
R. Acredito que ele é puxado, mas não fica me cobrando não. Eu que tenho que por mim mesmo me cobrar.
28. **Na escola atual, você consegue acompanhar em seus estudos todas as matérias do semestre letivo se organizar para estudá-las?**
R. Na verdade, quando era presencial eu conseguia acompanhar mais. Mas no EAD, dificultou bastante. É uma quantidade de matérias muito grande e cada professor ia postando sempre os deveres, aí ficavam muitos deveres pendentes, acabava fugindo do prazo. E acontecia de professor não aceitava alguns, né. Tinha uns que não tinha mesmo como acompanhar.
29. **As vezes você se sente deslocado na sala de aula, ou escola, achando que o seu lugar não é ali?**
R. Não, nunca aconteceu não.
30. **O professor ou escola utiliza um linguajar diferente da sua família, difícil de entender?**
R. Não. Sempre achei tranquilo.
31. **Você sente (ou já sentiu) algum medo ou vergonha ou medo de ser humilhado ao participar verbalmente em sala de aula, perguntando algo?**
R. Não.
32. **Você já sofreu algum tipo de preconceito em sala de aula, seja por não saber algum conteúdo, por não o entender, ou por fazer a atividade de forma diferente à maneira que foi exigida?**
R. Também não, no caso.
33. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola anterior?** R. Não.
34. **Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola atual?** R. Não
35. **Você se sente feliz em estudar na sua escola atual?** R. Sim. Eu acho muito boa a estrutura do IF, auxílio.

Aberta 2: **Na sua opinião, o que falta na escola para que seu rendimento escolar seja melhor?** Questão aberta.

R. Eu acho que faltou assistência dos professores em algumas matérias, sobretudo no EAD. No presencial a gente achava os professores nos corredores. Acontece acúmulos de matérias, mas não considero um problema.

D. Arranjos familiares específicos de sucesso/insucesso escolar (15 min)

36. **No atual momento, você convive com os seus pais?**
R. Eu moro com minha mãe.
37. **Seus pais conversam com você sobre a importância de se estudar, demonstrando que estudar algo muito importante?**
R. Sim.
38. **Você considera que seus pais são presentes em exigir que você estude em casa e tire boas notas?**
R. Sim.
39. **Seus pais (ou qualquer familiar) conseguem ver suas atividades escolares com alguma frequência?**
R. É, mais por influência da minha mãe.
40. **Você e seus irmãos convivem com regras em casa desde cedo (ex.: Possuem horário para dormir, para fazer o dever de casa, etc)?**
R. Mais na época do fundamental mesmo. Era mais raro. Acontecia mais na época de entrega de boletim. Mas não convivemos de regra desde cedo não.
41. **Caso você tire alguma nota baixa, seus pais (ou algum familiar) o ajudam a melhorar as notas, estando mais presentes no acompanhamento dos estudos?**
R. Sim. Inclusive quando eu era do ensino fundamental ainda eu cheguei a fazer reforço escolar
42. **Quando você tira notas baixas, sofre algum tipo de punição física ou verbal?**
R. Não. Eu acho que era mais ficar sem o celular, pra focar mais nos estudos.
43. **Você possui regras próprias sobre estudo (por exemplo: possui horários específicos para estudo, estuda todo o dia, faz suas tarefas sem precisar dos pais cobrarem)?**
R. Não tenho um cronograma, mas faço tudo.
44. **Seus pais leem com você algum livro (ex.: bíblia, alcorão, histórias em quadrinho, etc)?**
R. Sou evangélico. Isso é mais de mim mesmo. As vezes eu estudo bastante, depois fico sem estudar. Hoje não tenho frequentado tanto a igreja, mas minha mãe vai.
45. **Você consegue estudar em casa?** R. Sim. Eu achei pior a forma que a gente estuda em relação ao presencial.
46. **Você pensa em prosseguir com os estudos depois do ensino médio?** R. Sim.
47. **Seus pais falam com você com frequência sobre sua formação superior?** R. Sim.
48. **Qual curso você gostaria de fazer?** R. Sim. Eu quero focar em concursos. Quero fazer um curso de dois anos pra começar a focar em concurso. Eu até coloquei Gestão de Ciências Públicas no PAS.
-

PARTE 1: Questões Gerais, para caracterização dos grupos de sucesso/insucesso educativos

49. Você cursou o ensino fundamental em qual tipo de escola?

R. Todo em escola pública.

50. Qual é o nome da escola em que você concluiu o ensino fundamental? Caso tenha estudado em mais de uma escola, por favor, coloque o nome de todas elas.

R. Escola Classe 604 (1º ai 4º ano) e CEF 404 (5º ao 9º), todas em Samambaia.

51. Você já teve a experiência de reprovação alguma vez em sua vida?

R. Não

52. Você já teve a experiência de ficar em dependência alguma vez em sua vida?

R. Sim, só no IF.

PARTE 2: Fatores determinantes do sucesso educacional

53. Quanto é a renda financeira mensal de sua família?

R. Na verdade a gente não tem muito uma renda fixa. Meu pai tem carteira assinada e minha mãe mexe com costura. Ela produz uniformes e trabalha conforme a demanda. Em média, é 4 mil – B

54. A renda de sua família é suficiente para que você utilize seu tempo apenas para se dedicar aos estudos?

R. Sim, apenas preciso estudar. Mas pedem para ajudar de alguma forma, para ter minhas próprias coisas.

55. Sua família possui acesso a uma conexão de internet suficiente para atender todas suas necessidades educacionais (aulas remotas síncronas, vídeo-aulas, pesquisas e leituras)?

R. Sim, em casa ela é boa.

56. Quando você teve dificuldade com alguma matéria e seus pais não a dominavam bem, eles chegaram a pagar por algum reforço escolar?

R. Nunca. Quando eu tinha dificuldade, eu mesmo tinha que resolver. No ensino fundamental meus pais me ajudavam. Agora, no ensino médio não.

57. Seus pais têm interesse que você curse algum curso superior?

R. Sim.

58. Seus pais já mencionaram a você que poderiam pagar sua formação superior em uma faculdade privada, caso você não consiga aprovação em uma universidade pública?

R. Sim. Eu também escolhi um curso que dá no nosso orçamento (Gestão Ambiental).

59. Seus pais têm recursos financeiros para manter seus estudos em uma faculdade privada?

R. Eu creio que sim.

B. Fatores de Background/capital cultural familiar

60. Qual o nível de escolaridade de seu pai?

R. Ele tem o superior completo, em Gestão Ambiental

61. **Qual o nível de escolaridade de sua mãe?**

R. Médio completo.

62. **Seus pais têm costume (diário) de leitura? (ex.: livros, revistas, jornais, internet)?**

R. Não. Meu pai lê bastante, por conta do trabalho. Minha mãe não.

63. **Seus pais têm costume de comprar livros para você?**

R. Eu tenho uma biblioteca pessoal por conta da minha escola anterior, que podíamos pegar livros e ficar como doação. Eu gosto bastante de ficção e de Investigação policial. Não vou conseguir me lembrar do último que li, porque faz um tempinho.

64. **Seus pais lhe levam a alguma atividade cultural com frequência (ex.: cinema, teatro, apresentações culturais)?**

R. Não.

65. **Seus pais controlam o seu tempo na frente da televisão ou do videogame para que, no seu dia, você tenha tempo para estudar?**

R. Não, não faziam. Mas acho que conseguia me otimizar melhor com o tempo. Hoje em dia, também, com tudo no celular, fica mais fácil.

66. **Quando você tira alguma nota baixa, seus pais demonstram preocupação e interesse em ajudar de alguma forma para que seu rendimento melhore?**

R. Eu era mais repreendida (que ajudada).

67. **Seus pais utilizam a linguagem escrita com frequência em casa (para organizar listas de compras, de gastos, planejamento semanal e mensal, para organização de fotos, contas, documentos, calendário)?**

R. Sim, tem bastante. Sempre faz listas, vai anotando tudo.

68. **Seus pais têm o costume de planejar suas atividades na semana/mês e organizar o tempo?**

R. O da semana não, mas com respeito às encomendas, anotam tudo. Coisas de compra a gente mantém na cabeça, mas o resto não.

69. **Com qual idade você começou a frequentar o ambiente escolar?**

R. Desde os 3 anos.

C. Fatores de natureza institucional/escolares

Aberta 1: **Na escola, você sentiu alguma forma de preconceito ou de exclusão em sala de aula? Pode falar a respeito? Não precisa ser apenas no IF.**

70. **Em sua trajetória escolar, você já passou pela experiência de não ter algum professor de português ou matemática por algum tempo do ano letivo (por exemplo: ausência de professor de uma dessas matérias por um mês)?**

R. Sim, no IF ficamos sem professor de Educação Física. Esse ano a gente ficou sem professor de espanhol no terceiro ano. Passamos o terceiro ano sem espanhol.

71. Os professores da sua escola anterior faziam avaliação diagnóstica no início do ano letivo, para saber se sua turma estava preparada para aprender conhecimentos novos?

R. Sim. Geralmente na primeira e segunda semana de aula eram apenas as avaliações diagnósticas.

72. Os professores da sua escola atual fizeram avaliação diagnóstica no início do seu primeiro ano, para saber se todos de sua turma estavam preparados para aprender conhecimentos do ensino médio?

R. Sim, alguns fizeram.

73. A escola que você estudou criava oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?

R. Alguns professores faziam atendimento no pátio da escola e eram bons. Isso corria porque as salas estavam ocupadas com alunos de manhã e de tarde.

74. A escola que você estuda atualmente cria oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?

R. Sim. Mas o que acontece é o seguinte: Alguns alunos deixam de ir ao atendimento, porque no horário que eles deveriam estar indo eles estão tentando correr atrás de uma outra matéria porque é muita coisa, muita coisa. As vezes, em vez de melhorar uma matéria específica, a gente está correndo atrás de não ficar pra trás em uma outra matéria. Assim, no EM comum, no 1º semestre tem algumas matérias e no outro tem outras matérias, para não sobrecarregar o aluno. No IFB são mais de 20 matérias no ano, mudando pouquíssimas de um ano para o outro.

75. A sua escola atual é muito diferente da sua escola anterior, em termos de exigência?

R. É sim, demais. A cobrança é muito diferente. As outras eram mais flexíveis.

76. Na escola atual, você consegue acompanhar em seus estudos todas as matérias do semestre letivo se organizar para estudá-las?

R. Não. Eu tento, organizo uma rotina, mas não consigo, ainda mais com ENEM, PAS, concursos. A gente faz uma tabela e olha as notas: essa aqui a gente está aprovada, então esquece. Essa aqui precisamos de nota, então vamos focar nessa. A gente quer acompanhar o ritmo, mas as vezes acompanhar deixa a gente muito mal, deixa as pessoas doentes. Então a gente acaba selecionando para o nosso próprio bem (de saúde). Tinha semanas que eram loucuras. Essas duas últimas semanas eu estava quase ficando louca de tanta coisa que tinha pra entregar. Teve noites que eu dormi só duas horas e minha mãe ficou preocupada. Teve horas que eu nem conseguia comer, de tão ansiosa, o tempo inteiro, que nem conseguia cuidar de mim mesmo. Era só focando ali nos estudos. Eu ia dormir pensando nisso e acordava do nada pensando, se eu dormir agora eu não vou conseguir terminar uma atividade. Não conseguia dormir. Não era só eu, porém conversando com os novos alunos que chegaram (calouros), muitos relataram a mesma coisa. Reprovaram e desistiram do IF.

77. As vezes você se sente deslocado na sala de aula, ou escola, achando que o seu lugar não é ali?

R. Então, quando era presencial eu não sentia isso, acho que pelo calor com meus amigos, tinha apoio, e acabei me afastando um pouco dos meus colegas do fundamental. Geralmente a gente tinha essa passagem: 404, 604, 414. Eu não fiz isso, fui pro IF. Nesse ano voltei a falar com eles. Nossa, eu me senti tão deslocada em comparação a eles. IFB você

tem que viver para o IFB, só pra aquilo, pra tentar passar de ano, se dedicar tudo para aquilo. Mas (conversando com meus amigos) eu me senti um pouco ultrapassada do que uma escola do GDF, justamente porque não tendo uma cobrança tão grande, eles conseguiram expandir o nível dele para outras áreas. Alguns fizeram curso de informática. Outros já garantiram experiência trabalhando meio período. E assim, alguns que trabalharam guardaram dinheiro para pagar a própria faculdade, ou já estão pagando seus cursos.

78. O professor ou escola utiliza um linguajar diferente da sua família, difícil de entender?

R. Sim. Alguns sim. Teve professores que eu tinha que procurar sites para entender, alguns artigos com linguagem avançada (de nível superior?). Esse problema eram mais nas matérias técnicas, as vezes em biologia, e houve uma professora que nos deu um texto em inglês, e ela não tinha a tradução do texto, e entregou pra gente e disse: traduzam.

79. Você sente (ou já sentiu) algum medo ou vergonha ou medo de ser humilhado ao participar verbalmente em sala de aula, perguntando algo?

R. Eu sempre fui uma menina tímida, que pedia até para um colega para perguntar algo pra mim. No ensino médio (IF) eu acho que piorou, porque eu via uns professores dando umas cortadas nos alunos que eu olhada e pensava: NOSSA.

80. Você já sofreu algum tipo de preconceito em sala de aula, seja por não saber algum conteúdo, por não o entender, ou por fazer a atividade de forma diferente à maneira que foi exigida?

R. Não, acho que isso nunca aconteceu não. As vezes aconteceu de alguns alunos entregarem escrito e outros impresso, e a professora apontar pro trabalho e dizer: olha gente, esse aqui é um exemplo, entendeu? Só pela estética, porque o conteúdo era o mesmo. E quem entregou escrito ainda teve mais trabalho.

81. Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola anterior? R. No EFundamental sim, por conta do cabelo (eu alisava), ficava meio alto ainda e o pessoal ficava falando.

82. Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola atual? R. Não, no IF não.

83. Você se sente feliz em estudar na sua escola atual? R. Então, no primeiro ano eu gostava bastante. Agora, chegando no terceiro ano posso te falar que me arrependi um pouco, fiquei bem triste, ainda mais quando fiquei me comparando com os meus colegas (do E Fundamental) que assim, já estão na universidade, estudando, pagando. Eu me senti bem passada pra trás, assim, em questão de tudo. Queria ter feito mais cursos, línguas, um curso melhor de informática, de administração, mas não tive tempo de fazer nada nesse período, por conta do IF

Aberta 2: Na sua opinião, o que falta na escola para que seu rendimento escolar seja melhor? Questão aberta.

R. Faltou organização de alguns professores. Alguns professores só lançaram nota no último dia de aula. A gente não tinha muita noção se eu tinha que melhorar naquele conteúdo ou não. Falta de feedback. O acúmulo de matérias. Tinha professor que passava atividades toda semana, e outros passavam atividades muito difíceis em uma única vez. Toda essa diferença de formas acumulava e virava uma coisa de louco. Aí perguntava: por que vocês não foram ao atendimento? Como é que vai, tendo que dar conta de tanta coisa ao mesmo tempo. No primeiro ano pareceu mais fácil porque você conseguia conversar com o professor olho no olho. Na pandemia, a gente mandava e-mail e o professor nem respondia. No primeiro ano tinha o problema, mas a gente conseguia resolver mais facilmente. Terapia, psicólogo nem passava pela minha cabeça antes de entrar no IF. Quando chegamos no IFB, parece que ficou algo essencial. Falávamos com nosso calouros isso, avisando que poderiam desenvolver coisas (problemas

psicológicos) que você mesmo nem se imagina. No IF virava uma bomba, ficava se comparando, pensando eu vou ficar pra trás, vou ficar pra trás. Não era uma coisa de esforço. A gente se esforçava, mas sempre ficava pra trás. Sem que contar que no período de EAD alguns tiveram realmente que trabalhar, porque as coisas ficaram bem pesadas em casa. A galera não dorme, não come e chega no final, ainda não consegue passar.

D. Arranjos familiares específicos de sucesso/insucesso escolar (15 min)

84. No atual momento, você convive com os seus pais?

R. Sim, com ambos.

85. Seus pais conversam com você sobre a importância de se estudar, demonstrando que estudar algo muito importante?

R. Sim.

86. Você considera que seus pais são presentes em exigir que você estude em casa e tire boas notas?

R. Sim. No ensino fundamental a cobrança era um pouco maior. No ensino médio eles mesmo não cobravam porque viram que o clima estava muito pesado na escola.

87. Seus pais (ou qualquer familiar) conseguem ver suas atividades escolares com alguma frequência?

R. Não no ensino médio.

88. Você e seus irmãos convivem com regras em casa desde cedo (ex.: Possuem horário para dormir, para fazer o dever de casa, etc)?

R. Sim, tenho irmão mais velho que já é casado e vive na casa dele. Tínhamos regras quando éramos mais novos, mas hoje, que tomamos as rédeas, é bem mais leve.

89. Caso você tire alguma nota baixa, seus pais (ou algum familiar) o ajudam a melhorar as notas, estando mais presentes no acompanhamento dos estudos?

R. Não.

90. Quando você tira notas baixas, sofre algum tipo de punição física ou verbal?

R. No ensino fundamental era uma bronquinha. Mas no ensino médio não.

91. Você possui regras próprias sobre estudo (por exemplo: possui horários específicos para estudo, estuda todo o dia, faz suas tarefas sem precisar dos pais cobrarem)?

R. Sim. Tem dias que eu extrapolo até meus horários de estudo, aí no outro dia não consigo. Mas geralmente sim, seguia meus horários com rigor, com hora para começar e terminar. O ruim é quando não tem hora para terminar, indo para além do limite do corpo.

92. Seus pais leem com você algum livro (ex.: bíblia, alcorão, histórias em quadrinho, etc)?

R. Somos católicos. Não somos tão rígidos a ponto de abandonar outras atividades para ir à igreja.

93. Você consegue estudar em casa? R. Sim. Sim. É um pouco difícil porque tenho apenas um celular para estudar e as vezes preciso pedir computador de outra colega (Y) para pesquisar o site, etc.

94. Você pensa em prosseguir com os estudos depois do ensino médio? R. Sim, pra não perder o ritmo também.

95. **Seus pais falam com você com frequência sobre sua formação superior?** R. Sim.

96. **Qual curso você gostaria de fazer?** R. Gestão Ambiental.

Eu nunca vi tanta desistência no IF quanto nessa época do EAD. A cobrança foi maior do que na época presencial e grande quantidade desistiu (coisa que não acontecia no presencial) e voltaram pro 414, pro ensino médio no GDF.

Estudante H

PARTE 1: Questões Gerais, para caracterização dos grupos de sucesso/insucesso educativos

1. **Você cursou o ensino fundamental em qual tipo de escola?**

R. 1º ano do fundamental estudei em escola particular (Corjesu). Não me dei muito bem nela, no 2º ano fui pra pública, na época que mudei pro Gama, na EC 01 do Gama. Aí eu no 3º ano eu fui pra uma escola evangélica. Também não me dei muito bem (preconceito por ser católica) e aí eu voltei pra pública. Fiz meu 4º ano na pública, 5º ano no 604 de Samambaia Norte. Depois fui pro 404 e fiz do 6º ao 9º ano.

2. **Qual é o nome da escola em que você concluiu o ensino fundamental? Caso tenha estudado em mais de uma escola, por favor, coloque o nome de todas elas.**

R. Corjesu (1º), EC Gama (2 e 3º), 604 de Samambaia (6 ao 9º).

3. **Você já teve a experiência de reprovação alguma vez em sua vida?**

R. Não.

4. **Você já teve a experiência de ficar em dependência alguma vez em sua vida?**

R. Não.

PARTE 2: Fatores determinantes do sucesso educacional

5. **Quanto é a renda financeira mensal de sua família?**

R. No momento meus pais estão separados, então quem está pagando as contas em casa sou eu, minha mãe e minha irmã. Minha mãe ganha 1 mil reais, minha irmã ganha 2 mil reais e eu ganho 900 reais. Sem contar comigo, daria 3 mil reais. Meu pai ajuda com pensão, pro aluguel da casa, e também ajuda com a compra do mês. E assim a gente segue vivendo. Quando eu comecei a trabalhar meus pais não estavam separados – B. Meu pai ganha uns 5 mil reais.

6. **A renda de sua família é suficiente para que você utilize seu tempo apenas para se dedicar aos estudos?**

R. No momento, eu acho que tenho que ajudar, que as coisas estão ficando um pouco mais puxadas lá em casa.

7. **Sua família possui acesso a uma conexão de internet suficiente para atender todas suas necessidades educacionais (aulas remotas síncronas, vídeo-aulas, pesquisas e leituras)?**
R. É razoável. As vezes chega a falhar (atende parcialmente)
8. **Quando você teve dificuldade com alguma matéria e seus pais não a dominavam bem, eles chegaram a pagar por algum reforço escolar?**
R. No 3º ano do fundamental eu comecei a ir para aula de reforço. Só que nem precisei muito não.
9. **Seus pais têm interesse que você curse algum curso superior?**
R. Sim.
10. **Seus pais já mencionaram a você que poderiam pagar sua formação superior em uma faculdade privada, caso você não consiga aprovação em uma universidade pública?**
R. Sim. Eu não queria ir pra UnB, pra conciliar meu trabalho com a faculdade. Eu falei pra minha mãe, pra entrar com a nota do ENEM e FIES. Ela chegou a falar que eu podia escolher a faculdade que ela ia fazer meu pai pagar.
11. **Seus pais têm recursos financeiros para manter seus estudos em uma faculdade privada?**
R. Eu acho que pagando 100% da mensalidade não, mas pagando uma parte, sim. Eu também vou ajudar com a mensalidade da faculdade. Meu pai é funcionário público, deve ganhar 4, 5 mil

B. Fatores de Background/capital cultural familiar

12. **Qual o nível de escolaridade de seu pai?**
R. Meu pai terminou o ensino médio, mas não terminou a faculdade. Passou em um concurso.
13. **Qual o nível de escolaridade de sua mãe?**
R. Minha mãe terminou a faculdade, pedagogia
14. **Seus pais têm costume (diário) de leitura? (ex.: livros, revistas, jornais, internet)?**
R. Minha mãe acompanha muito jornal, lê bastante. Meu pai ele também estuda bastante, estuda um pouco todo dia. A minha irmã é formada em TI, estuda bastante, acho que ela é a mais inteligente lá de casa.
15. **Seus pais têm costume de comprar livros para você?**
R. Eu gosto muito de ler, mas não tenho costume. Mas leio livros, acompanho notícias. Meu pai direto me dava livros para ler. Achava muito importante que eu lesse bastante, que tivesse conhecimento.
16. **Seus pais lhe levam a alguma atividade cultural com frequência (ex.: cinema, teatro, apresentações culturais)?**
R. O meu pai me levava todo ano para feira do livro. Eles gostavam de me levar para teatro, cinema.
17. **Seus pais controlam o seu tempo na frente da televisão ou do videogame para que, no seu dia, você tenha tempo para estudar?**
R. Até os meus 10 anos sim, depois não mais.
18. **Quando você tira alguma nota baixa, seus pais demonstram preocupação e interesse em ajudar de alguma forma para que seu rendimento melhore?**

R. Até antes da pandemia, eles controlavam apenas o boletim e conversavam com respeito a nota, sobre esforço. Aí depois que entrou a pandemia, nem lembro a última vez que minha mãe viu meu boletim. Meu pai tentava me ajudar, mas ele sempre foi muito bruto. A gente ficava sempre meio traumatizada.

19. **Seus pais utilizam a linguagem escrita com frequência em casa (para organizar listas de compras, de gastos, planejamento semanal e mensal, para organização de fotos, contas, documentos, calendário)?**

R. Minha mãe sim, meu pai nem tanto.

20. **Seus pais têm o costume de planejar suas atividades na semana/mês e organizar o tempo?**

R. Eu não vejo muito não.

21. **Com qual idade você começou a frequentar o ambiente escolar?**

R. Desde a pré-escola (colégio IPÊ).

C. Fatores de natureza institucional/escolares

Aberta 1: **Na escola, você sentiu alguma forma de preconceito ou de exclusão em sala de aula? Pode falar a respeito? Não precisa ser apenas no IF.**

22. **Em sua trajetória escolar, você já passou pela experiência de não ter algum professor de português ou matemática por algum tempo do ano letivo (por exemplo: ausência de professor de uma dessas matérias por um mês)?**

R. No IF aconteceu com Ed. Física, Sociologia.

23. **Os professores da sua escola anterior faziam avaliação diagnóstica no início do ano letivo, para saber se sua turma estava preparada para aprender conhecimentos novos?**

R. Não.

24. **Os professores da sua escola atual fizeram avaliação diagnóstica no início do seu primeiro ano, para saber se todos de sua turma estavam preparados para aprender conhecimentos do ensino médio?**

R. No IF sim, no começo do segundo ano, nas aulas online alguns fizeram. No primeiro ano eu não me lembro de ter tido.

25. **A escola que você estudou criava oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**

R. Não.

26. **A escola que você estuda atualmente cria oportunidades de atendimento a alunos com dificuldade escolar em horário diferente ao das aulas?**

R. Sim. Eu não ia muito ao atendimento.

27. **A sua escola atual é muito diferente da sua escola anterior, em termos de exigência?**

R. O IF era mais exigente que as outras escolas. Mas era tranquilo de pegar o ritmo. A gente podia conversar com os professores. Na pandemia não conseguíamos falar com eles. Faziam meio que a egípcia. Houve uma vez que tive crise de ansiedade por conta de excesso de matéria de uma professora em pouco tempo (uma semana). Depois ela alterou, os alunos reclamaram muito. Em relação à pandemia, era mais fácil. Não dava para acompanhar tudo, mas dava para acompanhar.

28. Na escola atual, você consegue acompanhar em seus estudos todas as matérias do semestre letivo se organizar para estudá-las?

R.

29. As vezes você se sente deslocado na sala de aula, ou escola, achando que o seu lugar não é ali?

R. No primeiro ano eu me sentia mais segura, porque a minha amiga Z estava lá e a gente era amiga.

30. O professor ou escola utiliza um linguajar diferente da sua família, difícil de entender?

R. Não. Difícil de entender não.

31. Você sente (ou já sentiu) algum medo ou vergonha ou medo de ser humilhado ao participar verbalmente em sala de aula, perguntando algo?

R. Não.

32. Você já sofreu algum tipo de preconceito em sala de aula, seja por não saber algum conteúdo, por não o entender, ou por fazer a atividade de forma diferente à maneira que foi exigida?

R. Não.

33. Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola anterior? R. No terceiro ano do fundamental sim, por questões religiosas (eu era católica e uma menina evangélica falou “nossa, então não sou mais sua amiga, e não falou mais comigo”). E depois essa menina me zoava quando eu errava em sala: tinha que ser católica. No IF não.

34. Você sofreu algum tipo de preconceito (pela cor da sua pele, tipo de cabelo, peso, altura, sexo ou gênero) em sua escola atual? R. Não.

35. Você se sente feliz em estudar na sua escola atual? R. No primeiro ano sim. No segundo e no terceiro não. Me arrependi muito do IF.

Aberta 2: Na sua opinião, o que falta na escola para que seu rendimento escolar seja melhor? Questão aberta.

R. Eu acho que faltou a gente ser unido. A gente entrou na esperança que eles escutam os alunos, mas eles fizeram o contrário. Eles deveriam pensar nisso. O problema maior eram os professores e coordenadores. Desde o ano passado que eu mando email para a coord.J1 e me responde “ eu não posso “, estou de férias. Achei que a escola foi um pouco hipócrita. A gente procurou coordenação, professor, Não respondiam e quando respondiam faziam pouco caso. Faltou compreensão dos professores, escuta.

D. Arranjos familiares específicos de sucesso/insucesso escolar (15 min)

36. No atual momento, você convive com os seus pais?

R. Com a mãe e a irmã.

37. **Seus pais conversam com você sobre a importância de se estudar, demonstrando que estudar algo muito importante?**

R. Sim.

38. **Você considera que seus pais são presentes em exigir que você estude em casa e tire boas notas?**

R. Sim, em questão de estudo sim.

39. **Seus pais (ou qualquer familiar) conseguem ver suas atividades escolares com alguma frequência?**

R. Sim. Falavam para eu estudar, perguntavam se tinha dever, era diário isso.

40. **Você e seus irmãos convivem com regras em casa desde cedo (ex.: Possuem horário para dormir, para fazer o dever de casa, etc)?**

R. Sim.

41. **Caso você tire alguma nota baixa, seus pais (ou algum familiar) o ajudam a melhorar as notas, estando mais presentes no acompanhamento dos estudos?**

R. Sim.

42. **Quando você tira notas baixas, sofre algum tipo de punição física ou verbal?**

R. Sim, só chegavam a dar bronca mesmo. Mas eu e minha irmã dizíamos que entre uma bronca do meu pai e uma chinelada, a gente preferia a chinelada. Quando eu morrer, vocês não vão me ter pra sempre, não tem nenhum escravo aqui, não tem. Nenhum babaca, etc

43. **Você possui regras próprias sobre estudo (por exemplo: possui horários específicos para estudo, estuda todo o dia, faz suas tarefas sem precisar dos pais cobrarem)?**

R. Eu reconheço que fico procrastinando bastante, mas me dá o estalo de que preciso estudar. Começo a estudar, a princípio só meia hora, mas quando me vejo fico estudando e passo horas.

44. **Seus pais leem com você algum livro (ex.: bíblia, alcorão, histórias em quadrinho, etc)?**

R. Sim. Comecei a ler tarde, no terceiro ano, eu acho. Eles me ajudaram a ler, só que depois que eu comecei a ler, eles só me davam o livro e me falavam "leia e me conta a história depois".

45. **Você consegue estudar em casa?** R. Em casa não muito., Aqui no trabalho é mais tranquilo.

46. **Você pensa em prosseguir com os estudos depois do ensino médio?** R. Sim.

47. **Seus pais falam com você com frequência sobre sua formação superior?** R. Sim.

48. **Qual curso você gostaria de fazer?** R. Psicologia.

Acerca da pandemia.

O primeiro ano não foi tão difícil quanto os outros. Tinha muita coisa, muito dever, muito trabalho, mas a gente foi se adaptando. Eu fiz o PAS 1 e fui bem. No segundo ano do EM tivemos um mês presencial e aí já veio a pandemia. Aí, nossa. Em vez de andar pra frente, a gente andou pra trás.

Tipo, ficamos 4 meses sem nenhuma aula, zero aula. Isso me afetou, eu particularmente fiquei bem desanimada. Aquele momento que eu queria estar eu também não queria. Quando começou a pandemia o pessoal do IF sempre falava que pensa nos alunos, que não vai ter aula online. Aí, em julho decidiu que teria aulas online,

Nossa, eu entrei em desespero quando fiquei sabendo. Eu particularmente não consigo me concentrar muito. Lá em casa tem meus pais e minha irmã mais velha. Minha irmã ficou trabalhando em casa também, porque a empresa fechou e ficou em home office. Minha mãe também estava trabalhando em casa, porque ela é professora de educação infantil. Então, nossa, vou te contar! E o que eu mais pensava era “danou-se, vou reprovar”.

A cobrança aumentou muito na pandemia. Tinham professores que passavam 6, 7 deveres por dia. E não era dever pequeno, era dever grande! E tipo, misturava com prova, e vinha simulado do PAS, vinha trabalho, vinha o próprio PAS. E a gente ficava “gente”!! E tinha professor que nem sequer passava matéria, sumia. E a gente ficava “o que será de nós”.

Eu comecei a ter acompanhamento com psicólogo durante a pandemia. Pensei que iria endoidar. Tinha vezes que além de ter muito dever durante o dia, eu ainda ficava o dia ocupada com outras coisas. Quando a gente está em casa é aquela história de “val lavar a louça”, vai limpar a área, vai limar a casa.

A gente tentava conversar com os professores por meio da prof. P1, e não sei dizer, mas na minha visão a nossa era a única turma que se impunha, sabe, que falava isso não está certo. Era a única que abria a boca para falar. E os professores ficaram bravos com isso, revoltados porque a gente falava a verdade. No segundo ano a prof. P1., a prof. P2, super apoiaram a gente.

No meu caso, a profa. P3 me ajudou muito. Eu fiquei de dependência na matéria dela, mas ela conversou com o conselho e eu fui aprovada.

Por sr ter noção, no 3º ano a prof. P4 se tornou conselheira de classe. Houve uma vez que a gente pediu pra ela levar no conselho algumas coisas que estavam incomodando a gente. Tipo, o prof. P5 passava as atividades e, tipo, nas atividades, se você respondesse uma questão errada, você levava falta na matéria. Ele sempre deixava claro pra gente que, para receber presença era só fazer a atividade. Mas se errar, levamos falta.

E tipo, tinha professor que cobrava presença por assistir aula online, sendo que sempre deixaram claro pra gente que não ia receber falta se não assistir aula

De forma síncrona. Só que tinha professor que cobrava por assistir aula síncrona.

Tinha muito dever, acumulava muita coisa. Pro sr. Ter noção durante o 2º ano, quando tínhamos aula online, eu deixei só 6 atividades pendentes. E eu falei comigo mesmo: essas atividades eu não consigo fazer, não rola de fazer. Quando acabou o ano e eu olhei o google class, havia mais de 200 atividades feitas.

No terceiro ano, eu deixei 13 atividades não feitas. A P1 levou isso para o conselho, alguns professores falaram horrores para ela. Eles falaram “aluno não tem que opinar”, “aluno não tem razão”, nós que somos os adultos aqui, nós que somos os professores, nós que mandamos aqui. Eu fiquei muito decepcionada com o professor P6.

Chegamos a conclusão que estamos sozinho. A gente não tem com quem contar. Quando entramos no IF eles sempre deixaram bem claro: fala com a gente, não tenha medo, estamos aqui pra ouvir vocês, para ajudar. A P1 ainda falou que nem ia dizer tudo, mas mandou um áudio chorando pra gente, muito chateada: “eles falaram horrores para mim”. E a gente ficou muito chateada. Pessoas que a gente pensava que iriam ajudar, não estavam nem aí. Aluno? Quem vai escutar aluno?

Eu juro pro Senhor, eu fazia tudo da P7 e ela me deixava com menos da média. Mesmo fazendo tudo. Aí eu fui conversar com a P1, e ela me respondeu: a gente está tendo muita dificuldade com essas professoras. E aí a P7 mandou uns 5 audios de 7 a 8 minutos, só falando falando falando e não resolvia o problema de vocês. E pra você ter noção, tinha aluno que tinha 10 faltas com a P7, na verdade bem mais, porque ela lançava os questionários de presença e não falava a nota da gente. Ela não contabilizava a presença pelas atividades também.

O que me salvou nesse tempo de aula online foi que eu comecei a trabalhar, com algo que eu gosto, que me fazia bem (hipismo). E teve um dia que o prof. 5 pediu para abrir a câmera. Eu falei que não abriria porque estava no trabalho. Aí eu recebi uma chamada do prof. 5 de que eu não tinha que trabalhar. Aí isso foi me desanimando, não só a mim, mas todo mundo.

No segundo ano eu assisti todas as aulas síncronas. Só que no 3º ano eu falei, não dá mais! E eu não assistia mais as aulas síncronas. E os professores, conforme eles foram vendo que os alunos não assistiam mais, resolveram passar mais aulas síncronas (para punir). Eu entendo que é desanimador ficar falando sozinho na frente de uma câmera, na espera de que alguém entre para te ouvir. Só que a gente também estava pedindo ajuda e ninguém ajudava a gente. Eles queriam que a gente fizesse o quê.

Eu não estava mais aprendendo, mais estudando, os professores não estavam ajudando a gente. Aí eu fui empurrando com a barriga, só para formar.

Foi pesado demais. Foi muito decepcionante o IF. Eles sempre diziam “pode contar com a gente”, a gente está 100% do lado de vocês e eles simplesmente viraram as costas.

No final do ano, estava tudo certo, diziam para gente que não era obrigatório fazer atividades extracurriculares. Agora, semana passada, quando estávamos pedindo o certificado de conclusão do IF e, um dia, a estudante Z mandou mensagem no grupo da gente falando que a gente tinha que comprovar horas-extras. 35h de carga-horária. Aí a estudante W mandou mensagem para a prof. P1 e a P1 nem sabia disso.

Agora o prof. 8 mandou mensagem pedindo todos os certificados do IF até o dia 4 de março. E a gente ficou: como assim, meu senhor? E agora eles literalmente falavam: deem um jeito, se virem, façam um cursinho online. Até de férias eu odeio o IF.